



°Drakaholic° @MrsLilicaGraham @verdademz: INSS isenta

empresas devedoras afectadas pelas #cheiasmoz <http://www.verdade.co.mz/economia/36116> wow que nice :)



Desporto d' Verdade @DesportoMZ Hoje, a secção desportiva @verdademz, o @DesportoMZ, está de visita à casa de Sonito, o jogador que marcou 4 dos 7 golos da @LigaMuculmana



#osqutr2 @mwedyy @verdademz: #Mandela recebe alta de

hospital depois de tratar pneumonia <http://www.verdade.co.mz/newsflash/36054> ATENCAO PESSOAL ELE NAO MORREU COMO DIZEM



Nelson Carvalho @NelsonCarvalho @verdademz burros,

malucos, indisciplinados, palavras d Directora prov. Da saúdeZambezia, num encontro com motoristas sábado alguns São do MDM



Leonardo Khutlha @boyslave1991 RT @verdademz: As

temperaturas máximas previstas para hoje: Xai-Xai e Chimioio 27; Inhambane26; Lichinga20 <http://www.verdade.co.mz/newsflash/36045> - txilling



Forvr • Gold» @YoungTwistt True RT @verdademz: "Estamos

a construir ilhas de desenvolvimento em Moçambique" ... <http://m.tmi.me/R9h0s>



Falso GuTo @GuToDH @verdademz Gostei desse feed. É

necessário, muito necessário sublinhar que só vinham buscar o jornal. ahahaha. Em breve será diferente!!!



Paulo Jorge @pajo_mz @Elma_Lopes @verdademz e que

fazemos para parar com essa roubalheira toda? A má condição da via não justifica para o amento da portagem



El Gatto @TheRealWizzy Isto é tragico, não gostei. Plural

Editores desprezita os Direitos do Autor <http://pda.verdade.co.mz/cultura/36006> #cc @verdademz



Carlito @bobbykamazu @verdademz bom dia

,novidades da conferencia de imprensa do AMD em maringue?



Sérgio Fernando @FernandoSrgio automobilista atropela

motociclista e poe-se em fuga na cidade de Nampula @Verdademz

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto



Siga verdademz



Democracia PÁGINA 10-11

Dhlakama não quer a guerra, mas exige revisão da Lei Eleitoral

Foto: Fernando Veloso

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Comité Central

Não há dinheiro para reabilitar a ponte de Inharrime, mas há dinheiro para organizar "orgias políticas" como a II Sessão do Comité Central dos gatunos que nos governam!!!

MURAL DO POVO - Discursos do PR

A melhor maneira de fazer uma lavagem do estômago é ouvir o discurso do nosso Presidente da República.

MURAL DO POVO - Desmobilizados e o Povo

Os desmobilizados reclamam, manifestam-se, querem pensões chorudas. E o povo pelo qual lutaram como é que fica? Tenham vergonha na cara, meus senhores.

MURAL DO POVO - Médicos ou mercenários

Quando o assunto é vida não concordo que se faça greve. Trabalhar nas áreas de medicina, justiça, educação e policia deve ser por vocação.

MURAL DO POVO - Entrada de estrangeiros

Pedimos às autoridades moçambicanas para verificar a entrada dos sul-africanos que vêm tirar postos de emprego aos moçambicanos.

MURAL DO POVO - Explosão na Fizz

Quem deveria ser demitida é a ministra do Trabalho (Helena Taipo). Porque agir só depois dos acidentes? A inspecção deve ser diária em vários sectores.

MURAL DO POVO - Autarcização

Incrível! No programa Quinta à Noite da TVM não houve nenhuma referência ao combate ao crime e ao lixo. A propósito do lixo: Foram os munícipes que aprovaram a taxa de lixo?

MURAL DO POVO - G4S

Os agentes da empresa de segurança G4S estão a cobrar dinheiro pelo uso dos sanitários dos CFM (estação central de Maputo). Isso é legal?

MURAL DO POVO - Medicamentos

Compra na farmácia de fora! Vergonhoso! Por mais que se multipliquem unidades sanitárias, com a política "compra na farmácia de

fora" vamos construir mais cemitérios.

MURAL DO POVO - FRELIMO

A maior e mais bem organizada quadrilha de África.

MURAL DO POVO - Crianças no nosso país

Mas que país é este? Onde crianças são vendidas sem custo. Vi ontem na loja de um nigeriano um petiz de treze anos a ser usado como escudo.

MURAL DO POVO - Turismo na CPLP

Os ministros do Turismo da CPLP vieram a Maputo para aprender como se cria ou se conserva o lixo na cidade.



Sonito, o carrasco dos nigerianos

Desporto PÁGINA 23



Destaque PÁGINA 16-17



"Eu sou um agitador" Asagaia

Plateia PÁGINA 26

Editorial

averdademz@gmail.com

Sonho inalcançável

A nomeação dos membros da “sociedade civil” para compor a Comissão Nacional de Eleições vem dar razão, pasme-se, ao partido Renamo. Quando se nomeiam membros da Frelimo, para um processo que deve pautar pela imparcialidade, podemos assegurar, sem pejo, que não existe democracia neste rochedo à beira-mar. E, por essa ordem de ideias, é melhor que não se realizem eleições. Urge organizar a casa e despartidarizar o Aparelho de Estado.

Porém, o mais importante é tirar as armas da Frelimo e da Renamo. A nossa liberdade não pode ser condicionada pela musculatura de dois partidos que desconhecem, por completo, o caminho do diálogo. Contudo, na situação actual, apesar dos intervalos delirantes de Afonso Dhlakama e dos seus homens, a verdade manda dizer que os maiores culpados da podridão na qual chafurdamos envergamos a camisola do partido do batuque e da maçaroca.

Uma visita ao conteúdo da Lei no 13/92, de 14 de Outubro, com vista a tornar executório o Acordo Geral de Paz assinado em Roma, mostra que o partido político que viola os princípios gerais da paz, no país, é a Frelimo. Na alínea e) do número 3 da lei em apreço consta: “Nenhum cidadão pode ser perseguido ou discriminado em razão da sua filiação partidária ou das suas opiniões políticas”.

A Frelimo nunca reconheceu esse direito. Criou células na Função Pública e perseguiu sistematicamente todo o indivíduo que ousou revelar a sua cor partidária. O músico Edson da Luz que o diga. Foi parar na Procuradoria por causa do teor das suas letras num país que devia respeitar a sua Constituição e a liberdade de opinião que a mesma consagra.

A Função Pública está completamente partidarizada. A Polícia da República de Moçambique é um braço da Frelimo. Não serve os cidadãos e contribui significativamente para a marginalização dos demais partidos políticos.

No que diz respeito ao processo eleitoral, a lei estabelece que “para organizar e dirigir o processo eleitoral, o Governo constituirá uma Comissão Nacional de Eleições composta por pessoas que, pelas suas características profissionais e pessoais, dêem garantia de equilíbrio, objectividade e independência em relação a todos os partidos políticos”. Mas que garantia de equidade pode ser assacada ao cidadão Leopoldo da Costa que apareceu nas páginas dos jornais com a camisola do partido Frelimo? É idóneo esse senhor?

Com todos os sinais ditatoriais protagonizados pela Frelimo, nenhum partido sentado poderia abdicar das suas armas. Nem um delirante Dhlakama. As armas ou homens armados, diga-se, garantiram, até os dias que correm, a sobrevivência da Renamo no panorama político nacional. Sem esse poder de fogo Moçambique seria como Angola. Guebuza seria o nosso José Eduardo dos Santos, pleno e poderoso. Sentado numa cadeira confortável depois de manietar uma oposição sem armas e sem voz. O caminho era esse, mas parece que a Renamo não se deixou enredar e, por isso, Guebuza não realizou o seu sonho molhado...



Boqueirão da Verdade

“Creio que o Presidente da República precisa de ouvir formalmente os Conselheiros do Estado. É inaceitável a não convocação do Conselho de Estado... Se somos pelo diálogo temos que ouvir os Conselheiros incluindo os membros da Renamo que fazem parte do órgão...”, **José Belmiro**

“Hoje, na Praça dos Heróis, as patentes militares não trajavam uniforme de gala, como habitualmente. Mas sim, uniforme de combate. Quererão dizer-nos que estão em prontidão?”, **Leonel Sarmento**

“Bispos e Issufo disseram que a Renamo estava preparada para a guerra.

Muchanga disse que é preciso tirar o Governo a tiro. O Brigadeiro Mazembe morreu no teatro de operações com uma AK-47 na mão. Porque eu assumiria que foram os Talibans que atacaram civis em Muxéngue?! O que eu não percebo é porque estes três bandidos não foram logo presos por incitamento à violência e atentado à ordem pública!”, **Dino Foi**

“Agora fiquei mais confusa ainda... Pensava eu que o Presidente da República não se tinha ainda manifestado, por prudência e porque estava a analisar os factos, detalhes, medidas adequadas e uma solução para o problema. Agora que acusou publicamente a Renamo de estar por detrás dos ataques a civis (mesmo depois de a Renamo ter negado a autoria dos mesmos) O que devemos entender? Que o país está em guerra e se conhece o inimigo?”, **Zenaida Machado**

“A Renamo não ataca civis, o nosso alvo está bem definido: atacamos quem nos ataca. Eles querem imputar-nos esses ataques para confundir a opinião pública. Apelamos à população para não se deixar enganar e para ter cuidado quando circular naquela zona”, **Fernando Mazanga**

“Se ela, ao falar de diálogo, quer dizer que o Governo não aceita aquilo que eles dizem. Quer dizer, querem dar ordens para o Governo obedecer. Diálogo é troca de impressões, troca de opiniões, as quais resultam ou não em consenso. Diálogo não é dar ordens à outra parte”, **Armando Guebuza**

“Eu espero que talvez ainda não tenham estado em condições de controlar as forças e que a resposta, aquela que nós gostaríamos de ter, possa chegar, mas o certo é que nós não toleraremos que situações desta natureza continuem a prevalecer”, **Idem**

“Não estarão ameaçadas a democracia e a paz, quando temos a impressão de assistirmos a um renhido antagonismo e a uma falta de diálogo e de tolerância entre os dois partidos mais fortes, com tendência de se denegrirem reciprocamente, ao ponto de não mais poderem ver e apreciar adequadamente os aspectos positivos que acontecem

no seio do outro?”, **Bispos católicos**

“Nos partidos pode-se perceber uma certa divergência, é caso para perguntar: não estarão os partidos, senão todos, pelo menos uma boa parte deles, longe de ter uma democracia interna?”, **Idem**

“Quanto membros da Frelimo foram mortos pela Polícia até hoje? Quantas das suas sedes foram queimadas? Quantas bandeiras arrancadas? Quantas reuniões e comícios interrompidos e vandalizados? Quantos cometeram ilegalidades eleitorais e foram condenados? Quantos da oposição estão em cargos ou funções nas grandes empresas ou direcções do Estado? Que direito tem a Polícia de entrar na casa de alguém, apenas porque há lá reunião? Quanto da Frelimo foram presos ou detidos por actividade política? Estamos à espera de quê, que os outros comam e calem?”, **Gaby Lomengo**

“A Renamo é amante da paz, mas que não teme a guerra e adverte que de ora em diante os desmobilizados de guerra vão retaliar a qualquer ataque que sofrerem por parte da Polícia, não somente no lugar onde tal ataque tiver lugar, mas sim em todo o país, incluindo a cidade de Maputo”, **Ussufo Momade**

“Se eu dissesse que foram as forças de inteligência que atacaram civis esta tarde em Muxéngue para pôr os moçambicanos contra a Renamo? Quantos agentes desde FIR, os da casa militar e demais não foram movimentados para Muxéngue? Então não conseguem controlar uns tantos homens armados da Renamo? Estes continuam a assaltar viaturas a seu bel-prazer?”, **Borges Nhamirre**

“Quando diariamente somos obrigados a comemorar datas frelimistas estamos a deixar crescer e aumentar o ódio, quando comemorarmos datas moçambicanas tudo será diferente”, **Maria Ângela Serras Pires**

“Quando de um lado se prega demagogicamente a paz e do outro investimos na exclusão e na arruaça e desprezo. Quando do outro lado usamos o sangue inocente para reivindicar coisas de que certamente a população não tem algo a ver! Mais uma vez o jogo de força volta a mergulhar-nos na incerteza e no medo!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Olhando para a questão da segurança do estado acho que o Presidente tem motivos para demitir alguns chefes militares. Muxéngue trouxe ao de cima algumas fragilidades escondidas. Espero que o Hermínio dos Santos não aprenda com a Renamo e.....”, **Muhamad Yassine**

“Para evitarmos apontar o dedo e condenar um no lugar do outro que nos mostrem o Acordo Geral de Paz e depois que nos digam onde foi assinado. Nada de filmes agora”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Margaret Hilda Thatcher
1925 – 2013 • 87 anos



A antiga Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher, morreu nesta segunda-feira, aos 87 anos de idade, vítima de um acidente vascular cerebral.

Foi a primeira (e única) Primeira-Ministra da velha Albion, quando a presença de mulheres no cargo era ainda um facto estranho – só não foi pioneira porque antes dela houve “gigantes” como Indira Gandhi e Golda Meir.

Num tempo em que a política era ainda integralmente masculina, Thatcher não dava especial importância ao facto de ser a primeira mulher em tais funções, mas citava Sófocles quando a questionavam sobre isso: “Quando uma mulher está em condições de igualdade com um homem, torna-se superior”.

Thatcher também nunca usou o facto de ser mulher para cativar eleitores. Foi uma “máquina de ganhar eleições”, mas nunca trocou votos por simpatia. “Suspeito de que nenhum outro líder do nosso tempo será capaz de manifestar tanta vontade de resistir ao desejo de agradar”, escreveu o seu biógrafo Hugo Young.

Quando abandonou o Governo, em 1990, tinha invertido o ciclo de declínio do Reino Unido (com um PIB que era, em 1979, 30% inferior ao da França) e o “homem doente da Europa” transformara-se numa economia liberal em crescimento. Um país próspero, mas também muito desigual – o caminho estava preparado para a chegada de Tony Blair, um Primeiro-Ministro radicalmente diferente no estilo, mas que abraçou o mercado livre que herdou dela.

Margaret Hilda Roberts nasceu em 1925, em Grantham. Os pais, Alfred e Beatrice, eram donos de uma mercearia na pequena cidade da costa leste de Inglaterra e a família vivia no apartamento no andar de cima da loja.

Antes de completar trinta anos, candidatou-se, em 1950 e 1951, a um lugar no Parlamento por Dartford, um bastião seguro dos trabalhistas. Perdeu, das duas vezes, mas tornou-se conhecida no país por ser a mais jovem candidata a deputada.

Em 1959 é finalmente eleita deputada por Finchley, um círculo a norte de Londres que representará até 1992. Em Westminster depressa conquista visibilidade: é secretária de Estado no Governo de Harold Macmillan (1957-63), integra vários governos-sombra e quando Edward Heath derrota os trabalhistas, em 1970, escolhe-a para ministra da Educação.

O tempo era de grande agitação social e nas eleições seguintes os tories regressam à oposição, que ela passou a liderar em 1975, após desafiar a liderança de Heath e derrotar os restantes candidatos logo à primeira volta.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Armando Emílio Guebuza

Os leitores não escolheram por essa ordem. Porém, por uma questão de hierarquia, optamos por colocar, primeiro, Armando Emílio Guebuza no topo das listas dos Xiconhocas. As justificações, essas, inundaram a nossa caixa de e-mail. “Guebuza é um Xiconhoca porque pensa, primeiro, nos seus negócios e, depois, na sua arrogância e, por último, se der tempo, no povo”, essa foi a primeira das 1745 mensagens que recebemos.

“O Presidente da República devia fazer tudo e mais alguma coisa para impedir o que aconteceu em Muxúnguê, mas parece que não lhe interessa. Mas também não são os seus filhos e nem os seus camaradas que morrem”, disse outro leitor. Mais contundente, diga-se, foi a mensagem de um leitor de Chibabava: “Guebuza é um traidor. Vai jantar em casa do presidente da Vale, fica em silêncio quando moçambicanos são mortos, aplaude a acção da FIR, rouba desavergonhadamente os nossos recursos, tem interesses em todos os ramos de actividade no país, é sócio da TATA, é conhecido como mister 5 por cento. Com tudo isto só podia ser o Xiconhoca do ano”...

2. Afonso Dlhakama

Recebeu tantos votos quanto os do Presidente da República. Os motivos da escolha são vários e começam no discurso delirante de Dlhakama e vão desembocar no clima de medo que se instalou por obra e graça do líder da oposição e do “estadista mais arrogante de que há memória em Moçambique”.

O problema, dizem os leitores, não se prende com o facto de os homens da Renamo terem dado a mesma dose de medicina que os homens da musculosa FIR aplicam ao povo, mas sim com a mensagem belicosa dele e dos seus homens. Ninguém pode afirmar, em justa medida, que os ataques que ceifaram a vida de civis foram protagonizados pelos homens da Renamo. Contudo, o que sucedeu em Muxúnguê semeia a dúvida, o medo e o espectro de guerra.

“Dlhakama é um Xiconhoca porque, parece, perdeu o controlo dos seus homens e pode levar o país – ele e Guebuza – a mais uma guerra fratricida e estúpida”.

3. Helena Taipo

Uma mensagem refere que a ministra do Trabalho entendeu mal a mensagem de sua ‘Santidade Sumo Pontífice Líder Visionário’ segundo a qual “não queremos patrões estrangeiros”. Ou seja, a Xiconhoca do pelouro do trabalho compreendeu que os treinadores estrangeiros fazem correr em demasia os atletas nacionais e, por isso, devem ser escorraçados do país. Outro leitor mais atento fez saber que o esposo de Taipo foi, em tempos, adjunto de um seleccionador nacional que disse que só prestava contas ao chefe de Estado. Nessa vertente não seria de estranhar se o mesmo ocupasse uma das cadeiras dos treinadores que Taipo quer ver fora do país...

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

1. Engarrafamento gigantesco

Os residentes da Matola passaram por um autêntico calvário no fim-de-semana passado. A viagem de e para Maputo que, normalmente leva meia hora, passou a ser feita em duas horas, na melhor das hipóteses. Tudo por culpa de camiões de grande tonelagem que saíam e vinham do Porto de Maputo. A Xiconhoquice só foi possível pela grita ausência de lei e ordem no local.

O normal, num país igualmente normal, seria a circulação de camiões de grande tonelagem de noite para não estorvar a trânsito. Mas não é isso que ocorre num país, cujos agentes da lei e ordem estão mais preocupados com o que conseguem amealhar do que com a fiscalização do que acontece na via pública.

A portagem nem sequer devia estar naquele lugar. Um golpe de mã-fé e ausência de escrúpulos dos dirigentes, escolhidos pelo povo para zelar pelos interesses deste, ajudaram a construir este cenário caótico nas estradas nacionais. O desrespeito pelas mais elementares regras de civismo e cidadania não são respeitadas e quem paga pelo pato, aliás, Xiconhoquice, é o povo humilde e trabalhador.

As filas longas só vieram provar aquilo que já vinha sendo dito no início da construção daquela aberração que é tida como portagem. Uma portagem que nos vai ao bolso desapiedadamente, leviana e hipocritamente, devia fazer corar de vergonha os responsáveis pela permissão deste roubo colectivo das parcas, exíguas e residuais economias dos moçambicanos.

2. Morte de civis

Homens armados mataram três pessoas no centro do país, num ataque a um camião de transporte de combustível e a um autocarro, segundo o administrador de Chibabava, Arnaldo Machevo. Uma das vítimas morreu quando estava a ser evacuada para o hospital da Beira, capital da província de Sofala.

No entanto, ninguém reivindica a autoria do ataque. A Renamo diz que o mesmo resultou de um acidente. A Frelimo, porém, informa que o mesmo foi perpetrado pelo partido de Afonso Dlhakama.

Neste momento, já há movimentações de populares em fuga da vila, em consequência dos confrontos entre a polícia e os homens armados da Renamo.

“A polícia não está indiferente perante os

ataques dos homens da Renamo e está a trabalhar para tornar transitável o troço mais problemático da estrada nacional número 1”, disse Joaquim Nido, comandante provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM).

Na Quinta-feira, na mesma região da província de Sofala, elementos da Renamo assaltaram um posto da polícia, num ataque em que morreram quatro agentes e a um ex-guerrilheiro. Há registos de uma outra tentativa de assalto, mas sem consequências, a um autocarro de passageiros da empresa Estrago, que fazia a rota Nampula-Maputo.

3. O Conselho do medo

O Conselho de Ministros reuniu-se distante do povo que elegeu o Governo. Armando Emílio Guebuza e o seu Executivo impediram, através das Forças de Intervenção Rápida, o acesso ao Circuito de Manutenção Física António Repinga e a circulação de viaturas num raio de dois quilómetros. Afinal o Governo tem medo?

Quem dirige o destino de um povo trabalhador e maravilhoso não pode ter medo. A não ser que, das duas uma: ou o povo não é maravilhoso ou a governação é uma

grande trifulhice.

Na Xiconhoquice que teve lugar na baixa de Maputo, o Governo moçambicano referiu que vai propor à Assembleia da República a aprovação de uma nova Lei dos Petróleos, que prevê a afectação de uma parte das receitas às comunidades residentes nas áreas de operações petrolíferas. Dinheiro, afinal, é o que importa. Dialogar ou criar pontes para tal é uma piada de muito mau gosto.

Em conferência de imprensa a seguir à sessão semanal do Conselho de Ministros moçambicano, o porta-voz do órgão, Alberto Nkutumula, afirmou que a futura Lei dos Petróleos dará ao Governo o poder de determinar uma percentagem destinada às populações das zonas onde decorrem actividades de prospecção de petróleo. Grande piada mesmo.

“Das receitas que resultarem de operações petrolíferas em Moçambique, uma parte deverá reverter a favor das comunidades que se localizam nas áreas onde essas operações petrolíferas têm lugar”, realçou o porta-voz do Conselho de Ministros. O bom do Nkutumula só não disse como é que a Frelimo vai despartidarizar a Função Pública e derivados. Hipócritas.

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Famílias abandonam doentes nas enfermarias dos hospitais em Maputo

A Direcção de Saúde da Cidade de Maputo afirma, embora sem avançar números concretos, que nas enfermarias das unidades sanitárias da capital moçambicana há centenas de doentes rejeitados pelas famílias, facto que, para além de acarretar custos para garantir o seu atendimento, desprestigia a saúde humana. Uma parte destes enfermos chega aos hospitais em estado clínico débil e, em caso de perda de vida, ninguém reclama os corpos.

Texto: Redacção/Coutinho Macanandze • Ilustração: Hermenegildo Como

Alice Abreu, médica-chefe da cidade de Maputo, disse à nossa Reportagem que comparativamente aos anos passados, em 2012 decresceram os casos de pacientes deixados à sua sorte pelos familiares. Contudo, há uma necessidade de se pesquisar as causas do problema e encontrar-se formas de refreá-lo.

“O mais preocupante é que não são unicamente os doentes em estado grave que são abandonados, mas também os que morrem e isto obriga-nos a recorrer à vala comum para os enterros”, disse Abreu que apontou que as estatísticas sobre estes casos estão dispersas, mas, na capital do país, os hospitais Central de Maputo e gerais de Mavalane, José Macamo e Machava são os que registam mais casos de rejeição de doentes e de cadáveres. Uma pessoa internada por muito tempo devido à falta de alguém para cuidar dela corre o risco de contrair outras doenças e cria uma sobrecarga nos serviços das unidades sanitárias e retarda o alargamento do sector da Saúde em geral, explicou a nossa fonte.

Noutras circunstâncias, os bebés recém-nascidos são igualmente abandonados pelas respectivas mães e a desculpa é sempre a mesma: a falta de condições para sustentá-los. Este fenómeno tem alimentado conversas de repúdio nos corredores e nas enfermarias dos próprios estabelecimentos sanitários, alegadamente porque banaliza a vida, a morte e faz com que os serviços não suportem a demanda.

Serviços Funerários reconhecem o problema

A delegada dos Serviços Funerários da Cidade de Maputo, Leonor Marraneja, estabeleceu uma relação entre o abandono de doentes nos hospitais, a morte e a vala comum. Assegurou ao @Verdade que está a aumentar, de forma assustadora, o número de corpos largados ao acaso. De Janeiro a Março do ano em curso, 458 defuntos, dos quais 350 menores de idade, foram abandonados sendo que a maior parte provém dos serviços de internamento do HCM. É premente que a sociedade civil, as igrejas e as estruturas dos bairros encontrem uma forma de estancar este problema.

Leonor Marraneja reconheceu esta situação e explicou-nos que, para além dos cadáveres que são encontrados em diferentes artérias da capital do país, alguns vítimas da sinistralidade rodoviária, de afogamentos e suicídios, o desamparo começa nos serviços de internamento de enfermos que padecem de HIV/SIDA, tuberculose e malária. Algumas famílias alegam, para tal atitude, a falta de fundos para a realização de um enterro condigno em caso de falecimento.

Os enterros indigentes

Todas as Quartas e Sextas-feiras, dezenas de corpos sem vida e rejeitados são enterrados na vala comum do Cemitério de Lhanguene. No ano passado, só o Hospital Central de Maputo (HCM) registou 1.096 cadáveres abandonados, dos quais 874 de crianças, que foram sepultados sem nenhuma cerimónia fúnebre com o caixão exposto publicamente para permitir que os parentes, amigos e outros interessados pudessem honrar a sua memória antes do repouso eterno. Anualmente tende a crescer o número de compatriotas que jazem nestas condições. A vala comum é reservada a um conjunto de mortos que não podem ser colocados em campas individuais por diversos motivos, dentre eles a origem desconhecida e, por vezes, não entram nas estatísticas dos funerais.

“O problema é que os nossos parentes pensam que um funeral digno implica a aquisição de alimentos e bebidas em



fartura para as pessoas que vêm consolar os enlutados. que o trabalho seja difícil para a morgue e exige esforços para evitar a rápida decomposição de corpos. Esta situação faz com a duplicação de es- Acarreta custos eleva- dos para o sector da saúde e limita a capacidade de armazenamento de cadáveres porque o Hospital Central de Maputo tem apenas 106 câmaras de conservação”, narrou a nossa interlocutora. Segundo a fonte, o tempo de permanência de uma pessoa morta na casa mortuária é de 15 dias para ser reclamado pelos parentes, mas este tempo tem sido prorrogado por uma ou duas semanas quando se trata de um óbito de alguém oriundo de fora de Maputo, mas raras vezes o cadáver é reivindicado.

Marraneja considerou que a insuficiência de recursos financeiros não pode constituir motivo para um defunto ser sepultado numa vala comum quando existem as autoridades dos bairros que podem mobilizar a população a desembolsar montantes para ajudar a comprar um caixão. Para além do HCM, as unidades sanitárias que mais casos de abandono de corpos registam são os hospitais gerais de Mavalane e José Macamo. Para mitigar este problema, os serviços funerários da capital do país estão a promover campanhas de sensibilização das famílias e das comunidades no sentido de incutir nelas a ideia de que “um enterro digno não significa ter condições para oferecer um banquete às pessoas que nos acompanham no momento de dor e consternação.”

Vala comum, uma alternativa para aqueles que não têm família

O administrador do Cemitério de Lhanguene, Horácio Maluvane, disse à nossa Reportagem que enterrar um cadáver numa vala comum é uma acção dolorosa, triste e sobretudo indecente. Contudo, é uma alternativa para os que supostamente não têm ninguém. Esta prática acontece por diversas razões, mas a desculpa mais recorrente tem sido a falta de valores monetários para se realizar um funeral. Segundo o nosso interlocutor, todas as Quartas e Sextas-feiras dezenas de corpos são enterrados numa cova comum. Alguns defuntos são também de pessoas que vieram a Maputo por vários motivos e acabam por encontrar a morte sem o conhecimento dos parentes.

“O processo de sepulturas começa com a recolha de corpos nos hospitais com capacidade de armazenamento, nomeadamente os hospitais Central de Maputo, José Macamo, Mavalane e da Machava”, disse Maluvane, para quem os defuntos recolhidos no Hospital Geral José Macamo são maioritariamente crianças abandonadas, cuja existência se deve ao facto de aquela unidade sanitária receber doentes de todos os distritos municipais de Maputo e por os mortos serem conservados localmente. A nossa fonte afirma ainda que a vala comum do Cemitério de Lhanguene, tem capacidade para receber enterros por um período superior a 10 anos porque a edilidade reasentou algumas famílias que viviam nas suas proximidades, o que contribuiu para o alargamento do espaço.




Edilidade estuda a possibilidade de ter caixões a baixo custo




A vereação da Saúde e Acção Social de Maputo está a estudar formas de passar a ter caixões a baixo custo para que as pessoas que morrem sem que os parentes tomem conhecimento tenham campas individuais, embora venham a ser tratadas como abandonadas. Todavia, o município queixa-se de exiguidade financeira, afirmou Maluvane.



A vala comum é aberta com a força humana

O nosso entrevistado disse que o espaço para a “sepultura” colectiva de centenas de mortos em situação de indigência é aberto por quatro pessoas. Porém, enquanto persistir a falta de uma máquina escavadora não é possível evitar este esforço por parte dos coveiros. Entretanto, o Conselho Municipal de Maputo assegura assistência e cuidados de saúde aos funcionários e a tantos outros que recolhem os cadáveres nos hospitais e nas ruas de Maputo. Por semana são submetidos a exames médicos, têm subsídio de risco e outros benefícios, de acordo com o administrador do Cemitério de Lhanguene.

Previsão do Tempo

Sexta-feira
Zona SUL
 Céu geralmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas dispersas. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.
Zona CENTRO
 Céu geralmente muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas dispersas. Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por ve- zes com rajadas.
Zona NORTE
 Céu pouco nublado temporariamente muito nublado. Períodos de ocorrência de chuvas fracas. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado.

Sábado
Zona SUL
 Céu pouco nublado localmente muito nubla- do. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ao longo de faixa costeira. Neblinas ou nevoeiros matinais locais Vento de sueste a leste, rodando para nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO
 Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Possibilidades de ocorrência de chuvas fra- cos dispersas. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE
 Céu geralmente muito nublado. Possibilida- de de ocorrência de chuvas fracas na faixa costeira. Vento de sul a sueste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.

Domingo
Zona SUL
 Céu pouco nublado com periodos de limpo Neblinas ou nevoeiros matinais locais Vento de nordeste fraco a moderadao.
Zona CENTRO
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas dispersas ao longo da faixa costeira. Vento de sueste a leste rodando para nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE
 Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas dispersas. Vento de sueste a leste fraco a moderado soprando por vezes com rajadas
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

As sequelas do Serviço Militar Obrigatório

José Alberto, de 27 anos de idade, residente no bairro de Muatala, arredores da cidade de Nampula, não goza das suas faculdades mentais desde a altura em que foi recrutado para cumprir o Serviço Militar Obrigatório, em 2006. Os psicólogos e psiquiatras confirmaram que William, cognome pelo qual é tratado na zona onde vive, sofre de distúrbios mentais, conforme atesta o diagnóstico médico F-19-5/DC-HPN/08 realizado no Hospital Psiquiátrico de Nampula. Devido a estas anomalias psíquicas, em 2008, foi compulsivamente desmobilizado, supostamente como forma de o Governo não assumir as suas obrigações em relação à doença que apoquentou o jovem, segundo a sua mãe, Helena Afonso. Esta pretende mover um processo-crime contra o Estado pelos danos causados ao seu filho, mas diz que não tem meios para o efeito.

Texto: Redacção • Foto: Nelson Carvalho

A 28 de Fevereiro de 2004, José Alberto inscreveu-se para cumprir o Serviço Militar Obrigatório e a 17 de Setembro do mesmo ano foi submetido à inspecção, a qual confirmou que estava habilitado para ser alistado na tropa.

Em Novembro de 2006, foi incorporado e teve de abandonar os estudos, quando frequentava a 10ª classe para cumprir o seu dever patriótico no Centro de Instrução Militar de Montepuez, na província de Cabo Delgado e concluiu o curso em Junho de 2007. Entretanto, entre Agosto de 2007 e Abril de 2008, o jovem formou-se como Polícia Militar no quartel de Boane, província de Maputo. Mais tarde foi transferido para o Comando do Exército e fez parte da 1ª Companhia de Operação da Polícia Militar, onde esteve durante dois dias.

Naquele comando, oito soldados, dos quais José fazia parte, foram escolhidos para ocupar um posto no Paiol de Malhazine e foi desmobilizado compulsivamente a 5 de Novembro de 2008 devido a problemas mentais, tendo chegado à província onde nasceu, Nampula, a 10 de Novembro do mesmo ano. Desde essa altura a esta parte, a sua vida tem sido caracterizada por constantes desequilíbrios cognitivos. O número de identificação militar de José Alberto é 2973903. A sua cédula militar, da qual consta que é Polícia Militar, recrutado a 28 de Outubro de 2006, foi assinada a 31 de Outubro de 2008, tendo passado à disponibilidade a 06 de Novembro do mesmo ano.

O jovem, que tem a patente de praça, disse ao @Verdade que o Serviço Militar Obrigatório o deixou sem esperança de um dia poder ter um futuro melhor porque duvida que possa recuperar na totalidade as suas faculdades mentais, uma vez que o problema de que padece tende a agravar-se a cada dia que passa.

Consequentemente, está impossibilitado de continuar a estudar ou desenvolver quaisquer actividades que sirvam de alternativa para sobreviver e a partir delas sustentar a sua família.

Um problema ignorado no começo

A nossa fonte contou-nos que os primeiros sinais dos seus distúrbios mentais foram a insónia, o nervosismo e a agressividade. À noite ouvia vozes, vociferava, falava sozinho, dizia obscenidades e ultrajes. “No começo os



meus companheiros pensavam que se tratava de uma brincadeira mas o problema agravava-se à medida que o tempo passava.”

Alberto afirmou que está revoltado com o Estado moçambicano porque quando se encontrava em Boane e se apercebeu de que não estava no seu juízo perfeito pediu para abandonar a tropa mas tal não lhe foi permitido, o que supostamente teria piorado o seu estado mental.

Os seus superiores hierárquicos acusaram-no de estar a “simular uma demência” para se eximir do cumprimento do seu dever patriótico. Na altura, algumas crises levaram a que fosse observado por um médico.

Este concluiu que o mal que o apoquentava estava relacionado com uma doença que não tinha sido detectada aquando da inspecção, o que culminou com o seu recrutamento para a tropa.

“Quando falei com a direcção da Polícia Militar em Boane chamaram-me nomes e fiquei uma semana detido e isolada numa cela. Foi naquela altura que as minhas perturbações mentais iam de mal a pior. Passei a levar uma vida solitária e fui desmobilizado sem que tenha sido questionado se pretendia ou não continuar”, narrou o jovem.

O diagnóstico médico

O relatório médico F-19-5/DC-HPN/08, produzido em Novembro de 2008 pelos Serviços de Psiquiatria e Psicologia de Nampula, indica que José Alberto sofre de soliloquio (acto de falar sozinho), coprolalia (doença caracterizada pela necessidade de dizer palavrões ou obscenidades) e insónia (ausência ou falta de sono), caracterizados por agressividade, vandalização de bens, deambulação e diminuição da força muscular nos membros inferiores e superiores.

Estas anomalias psíquicas tendem a agravar-se a cada dia que passa desde que foi coercivamente afastado do Serviço Militar Obrigatório, não obstante as consultas médicas a que tem sido submetido de 15 em 15 dias. Em 2012 ficou internado mas não registou nenhuma melhoria significativa. Na semana passada teve mais uma crise que deixou a sua família desesperada.

Falta de fundos para responsabilizar criminalmente o Estado

Helena Afonso, mãe de José Alberto, é empregada doméstica e vende peixe frito algures no bairro de Muatala. Segundo ela, quando o filho foi incorporado na tropa era uma pessoa normal, por isso culpa o Estado pelos distúrbios psicológicos de que padece, pretendendo responsabilizá-lo criminalmente pelos danos causados ao seu descendente mas não tem fundos para levar avante tal propósito.

“Não tem sido fácil em Moçambique uma família pobre aceder à justiça. No Instituto de Patrocínio ao Apoio Jurídico (IPAJ), só para apresentar uma preocupação, tenho de desembolsar um mínimo de mil meticais. Onde é que uma pobre como

eu vai arranjar este valor para custear as despesas judiciais?”, interrogou a progenitora.

Há sete meses que o esposo trabalha numa mina de garimpo na província de Cabo Delgado e não manda dinheiro regularmente porque depende da actividade que exerce para fazê-lo.

Para além do jovem doente, Helena cuida de outros dois filhos e de duas primas. Na sua busca incansável pela cura, a senhora já submeteu, por várias vezes, o filho a tratamento tradicional mas sem efeito nenhum.

Enquanto isso, José, parcialmente destituído das faculdades mentais, passa a vida sentado na varanda da sua casa. Em conversa com a nossa Reportagem disse que esta rotina lhe deixa frustrado porque se sente inválido. Não pode sair de casa devido ao facto de nunca saber em que momento pode ser acometido por uma crise.

Segundo o jovem, não tem esperanças de voltar a ser uma pessoa psicologicamente normal e considera que o Estado o desmobilizou para fugir à sua obrigação de responder pelo que causou a José Alberto.

A nossa Reportagem contactou a Área da Administração Militar Norte e o Centro do Recrutamento Militar em Nampula, mas não obteve nenhuma explicação, alegadamente porque estas instituições não estão autorizadas a falar sobre o assunto.

O IPAJ pode ajudar

O delegado provincial do Instituto do Patrocínio e Assistência Jurídica, Jorge Ferreira, disse que a sua instituição pode ajudar a família de José Alberto a instaurar um processo contra o Estado, uma vez que a sua missão é apoiar os cidadãos carenciados e sem recursos para arcar com as despesas judiciais. Entretanto, é preciso investigar o caso minuciosamente.

Segundo a nossa fonte, os parentes do jovem devem reunir provas documentais que sustentem que a existência de perturbações mentais é decorrente do cumprimento do Serviço Militar Obrigatório. Se não houver provas consistentes, dificilmente se poderá processar criminalmente o Estado moçambicano.

A outra saída que Ferreira indicou para Alberto é o diálogo com o Ministério da Defesa Nacional, mas se as partes não chegarem a nenhum consenso há espaço para abrir um processo judicial junto do Tribunal Administrativo contra a instituição que superintende a área de recrutamento militar no país.



VOCÊ pode ajudar! Seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um e-mail para averdademz@gmail.com



Comunicado

Autocarros dos Transportes Públicos Urbanos de Nampula estão todos avariados

Os seis autocarros dos Transportes Públicos Urbanos de Nampula, importados em 2006 pelo Ministério dos Transportes e Comunicações, através da empresa Técnica Industrial, do Grupo João Ferreira dos Santos, encontram-se avariados depois de sucessivos danos e falta de manutenção devido a vários problemas, dentre eles a ausência de peças sobressalentes. Este facto levou a que a empresa decretasse falência em 2011.

Texto: Redacção • Foto: Nelson Carvalho/ Miguel Manguze

Os veículos em causa, de marca Yutong, fornecidos pela firma chinesa Zhengzthon Yu Tong Bus Co. Ltd. – um dos maiores fabricantes de machimbombos naquele país asiático, semelhantes aos que estão danificados – deram uma autêntica dor de cabeça aos gestores da empresa, que suspendeu as actividades de transporte de passageiros por insolvência financeira.

A 22 de Agosto de 2007, aquando da entrega dos autocarros, numa cerimónia de celebração da elevação de Nampula à categoria de cidade, o governo da província mais populosa de Moçambique, proferiu discursos políticos e pomposos com sinais evidentes de quem pretendia desfazer a convicção que os habitantes locais têm em relação à ineficiência vigente na resolução dos problemas de alocação de meios de transporte.

Na altura, o executivo de Nampula disse, como forma de granjear a simpatia do povo, que o fornecimento de peças sobressalentes e a respectiva manutenção dos autocarros estavam garantidos pela empresa Zhengzthon Yu Tong Bus Co. Ltd.

caso houvesse alguma avaria. Entretanto, ao longo do seu funcionamento, as viaturas registaram, uma a uma, inúmeros estragos até que saíram da circulação sem que aquela empresa chinesa tivesse prestado assistência mecânica. Por conseguinte, os Transportes Públicos Urbanos de Nampula declararam falência e nada do que se prometeu aconteceu.

Consequentemente, os munícipes vivem um autêntico martírio para se deslocarem de um lugar para o outro dentro da urbe.

Os únicos autocarros que um dia constituíram motivo de satisfação para a população local são, hoje, a razão da sua profunda tristeza porque já são obrigados a viajar comprimidos nos “Chapa 100”, um serviço altamente caracterizado pelo mau atendimento aos passageiros, encurtamento das distâncias regulamentares, pela falta de preços previamente estipulados e pelo incumprimento dos horários, dentre outras anomalias que inquietam os cidadãos de Nampula.

Para além dos problemas mecânicos, os gestores dos Transportes Públicos Urbanos de Nampula queixavam-se de insustentabilidade financeira dos autocarros. Destes, os dois que faziam o trajecto Nampula cidade/



Nampula-Rapele e Nampula cidade/Posto Administrativo de Namaita rendiam, em média diária, cerca de 15 mil meticais, o que significa que por mês colectavam 450 mil meticais. Porém, este valor era insignificante porque 197.654 meticais cobriam somente a remuneração de 33 trabalhadores e o remanescente as outras despesas, tais como o pagamento de telefone, água, luz, combustível, lubrificantes, pneus, dentre outros acessórios.

Ao longo do funcionamento deficitário da firma em alusão, os gerentes dos Transportes Públicos de Nampula aguardavam por um apoio financeiro do Estado, o que não aconteceu até a data em que decidiram decretar a falência.

As dificuldades aumentavam à medida que o tempo passava, o pagamento dos ordenados mensais dos funcionários passou a ser caracterizado por atrasos sistemáticos. Na altura, a Direcção Provincial dos Transportes em Nampula acusou o gestor Martinho Marcelino de estar a administrar mal a coisa pública.

Os 33 trabalhadores que pertenciam àquela instituição foram indemnizados. O ex-director daqueles serviços, Martinho Marcelino, disse ao @Verdade que a falência foi a única solução encontrada para evitar o pior.

Todavia, posteriormente, o Governo central deu orientações para que a empresa fosse transformada numa entidade autónoma dotada de capacidade para negociar financiamento bancário, através de créditos via leasing no sentido de implementar projectos rentáveis. Contudo, este desiderato não foi possível, segundo nos contou a fonte, que explicou igualmente que concorreu para este insucesso

o facto de a firma não possuir estatuto jurídico.

Posteriormente, a administração dos Transportes Públicos Urbanos de Nampula passou para a edilidade local.

Esta importou uma nova frota de autocarros mas também está a funcionar a meio gás devido aos mesmos problemas de sempre: avarias mecânicas e falta de peças sobressalentes no mercado nacional.

Enquanto isso, as antigas instalações dos Transportes Urbanos, localizadas na Rua da Unidade do Bairro de Napipine, arredores da urbe, encontram-se abandonadas e o capim tomou conta do local.

As carcaças dos machimbombos estão bastante corroídas e à espera de alguém que as leve com a finalidade de vendê-las como ferro-velho. Aliás, a nossa Reportagem apurou que o lugar se transformou num covil de marginais.

Os Yutongs de Maputo estão também avariados

Na capital do país, os autocarros de marca chinesa Yutong – que custaram 3,5 milhões de dólares ao Estado – adquiridos entre 2006 e 2007, pelo Governo através da extinta empresa Transportes Públicos de Maputo (TPM) –, estão quase todos avariados.

Entretanto, a nova firma, Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo (EMTPM), pretende desfazer-se dos mesmos veículos. Para o efeito, publicou, a 25 de Março último, no Jornal Notícias, um anúncio de abate.

Segundo aquela companhia, serão alienados 33 autocarros, dos quais 25 de marca Yutong, e três viaturas ligeiras, todos paralisados por causa de problemas mecânicos. Refira-se que cada uma das viaturas custou 141 mil dólares norte-americanos.

Contudo, enquanto não se importam novos meios circulantes para substituir os que se encontram imobilizados e, por via disso, abatidos, a falta de transporte de passageiros nas cidades de Maputo e Matola vai-se agravar.

Os únicos carros com os quais a EMTPM funciona, que circulam normalmente, são os que não foram importados da China. Os problemas mecânicos que se registam nestes autocarros têm a ver, principalmente, com a falta de uma agência especializada para garantir a manutenção e o fornecimento de acessórios no país.

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um twit para @verdademz



Feira da OJM em Nampula: Um local de contrabando e transacção ilegal de moeda

A Feira da Organização da Juventude Moçambicana (OJM), vulgarmente conhecida por mercado dos bombeiros, sita no bairro Central dos Poetas, uma das zonas nobres da cidade de Nampula, que outrora teria sido concebida pela edilidade para recreação, transformou-se num verdadeiro mercado de operação comercial ilícita de moeda estrangeira e contrabando de vários minérios, sob o olhar impávido dos governos provincial e da cidade.



Texto & Foto: Júlio Paulino

Esta actividade ganhou visibilidade desde que a edilidade retirou da OJM, de forma coerciva, a gestão daquele espaço alegadamente porque esta agremiação não está vocacionada para administrar espaços públicos.

Alguns cidadãos de nacionalidade estrangeira, sobretudo provenientes dos Grandes Lagos, malianos, nigerianos, senegaleses, somalis e etíopes, cuja maioria está no país em situação ilegal, tomaram de assalto aquele que era considerado um local histórico da capital do norte. Os cidadãos estrangeiros efectuam, a olho nu e de forma impune, a venda e compra de moeda nacional e estrangeira.

Contrabandeiam pedras preciosas e semipreciosas com a conivência de alguns agentes da Polícia que se fazem ao local supostamente para repor a ordem mas, na prática, promovem a extorsão. Suspeita-se de que sejam praticadas outras actividades comerciais duvidosas. As barracas, nas quais eram desenvolvidos alguns negócios de geração de renda, encontram-se encerradas.

Alguns espaços de diversão foram transformados em residências, mesquitas e servem igualmente como lugares de venda desenfreada de pedras preciosas. A edilidade não move nenhuma palha para impedir o caos ali instalado.

Por sua vez, a Polícia finge que não vê o que se passa na feira da OJM, não obstante a criminalidade tender a registar contornos alarmantes.

Aliás, alguns agentes da Lei e Ordem destacados para a patrulha, apercebendo-se do “deixa andar” permitido pelo município de Nampula,

aproveitam-se da desordem vigente para ganhar dinheiro de forma fácil.

Os estrangeiros em situação de ilegalidade no país – que por vezes se envolvem em pancadaria – e os cidadãos nacionais indocumentados são os principais alvos da má actuação da corporação.

A população que vive nas imediações do mercado dos bombeiros está inquieta e contou-nos que, por várias vezes, exigiu que a Assembleia Municipal de Nampula persuadisse a edilidade para que impusesse ordem no local, sobretudo porque a inobservância das medidas básicas de higiene é de tal sorte que já constitui um atentado à saúde pública. Entretanto, ainda não houve nenhuma resposta satisfatória.

Mussa Abacar, que mora num dos prédios do bairro Central dos Poetas, nas proximidades da feira da OJM, confirmou ao @Verdade que o movimento desusado de pessoas naquele lugar está a intensificar-se a cada dia que passa.

Por conseguinte, a circulação é feita com muitas dificuldades. Supõe-se que pessoas sem nenhuma ocupação rentável e de má-fé estejam a frequentar o lugar com o intuito de cometer actos ilícitos.

Informações em poder do @Verdade dão conta de que a feira em causa servia de fonte de rendimento para a OJM. Porém, o município não está a utilizá-lo de forma adequada. Abacar Chande, secretário provincial da OJM, mostrou-se indisponível para se pronunciar sobre este assunto. A edilidade também não quis tecer qualquer comentário.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque me masturbo mais de cinco vezes por dia?

Caros leitores, não dá para se ficar alheio ao que se passa no nosso país, pois não? Por mais ocupados e distantes que estejamos do “problema”, o que está a acontecer em Muxúnguê afecta a todos nós. Imagino o sofrimento e terror das crianças, e a vulnerabilidade das mulheres e idosos. Vamos esperar que tudo termine o mais rápido possível, que não aconteçam as atrocidades do passado; que as crianças sejam poupadas da guerra, que as mulheres sejam poupadas da exploração sexual. Enquanto isso, ainda continuamos com outras preocupações individuais, eu sei. Esta coluna tem em vista responder a perguntas sobre a saúde sexual e reprodutiva. Se quiseres saber mais,

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Chamo-me Elisio e tenho 21 anos. Desde os 18 anos de idade pratico a masturbação, em média, cinco vezes por dia, e até hoje não consigo parar. O que eu tenho? Ajuda-me.

Não te assustes, Elisio! Não há nada de errado contigo. Para quem não sabe, a masturbação é a estimulação sexual dos próprios genitais usando as mãos e dedos ou com o auxílio de objectos. É um acto sexual normal e até é bom porque ajuda-te a conhecer o teu corpo, a saber o que te dá prazer; ela conduz ao autoconhecimento. Na tua idade, que marca quase o fim da adolescência, é normal que ainda o faças com tanta frequência e intensidade. É uma boa forma de praticar sexo seguro. Não te alarmes. O importante é que a masturbação não interfira na relação saudável que tens ou podes vir a ter. Tem cautela para não ficares bastante ansioso durante o acto sexual com outra pessoa, por achares que podes atingir o mesmo nível de prazer sexual, porque pode ser diferente. Mais ainda: não ponhas em causa a tua saúde e de outras pessoas. Cuida-te.

Olá Tina, sou Ana e tenho 28 anos. Há dois meses tive bebé, e ainda não recomecei a transar; o meu marido já começou a pressionar. Só que o problema é que depois do parto não me suturaram (negligência da enfermeira) já que tive o parto sozinha. O médico, quando descobriu, já era tarde, passavam-se 24 horas. Não sei se a ferida fechou por fora ou por dentro. Será que se for a fazer corro o risco de esta abrir-se? Dá-me umas dicas pois tenho medo, e isso está a ameaçar o meu casamento. Beijós.

Olá minha querida Ana. Hmmm... dicas! A tua situação merece mais informação do que apenas simples dicas. Sabes, muitas vezes, nós mulheres, por medo de perder o nosso casamento, colocamos a nossa saúde em segundo lugar e, quando estamos muito doentes, também não somos úteis. De que é que vale partilhar o nosso corpo quando este corpo não está saudável? Se estivesse no teu lugar, a primeira coisa que eu faria seria conversar abertamente sobre os meus medos com o meu marido. Quero acreditar que o teu marido é sensível o suficiente para compreender que estás a passar por uma situação difícil. A segunda coisa, igualmente urgente, seria voltar ao hospital, minha querida, para que o/a médico/a ginecologista te examine e veja se o parto não causou danos difíceis de reparar. Há complicações sérias resultantes de parto sem assistência. Uma delas é a chamada fístula obstétrica, que é um ferimento devastador caracterizado pelo rompimento dos tecidos que ligam a vagina à bexiga ou ao recto. O que acontece depois é que a mulher começa a libertar urina ou fezes de forma descontrolada, por vezes através da entrada da vagina. Pode ser que não tenha ocorrido isso, mas vale a pena tirares essa dúvida, porque pode ser que isso te afecte nas próximas gravidezes. Vai ao médico, minha querida, pois enquanto não fores sofrers de medo e o sexo não será prazeroso. Boa saúde.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Mais de 5.000 alunos estudam em condições deploráveis em Nampula

Mais de cinco mil alunos e 159 professores das escolas primárias completas de Muatala, Carrupeia, Maparra, Cossore, Mpuecha, Teacane, Nampaco, Muatauanha, Pedreira, Namicopo, Namuatho e Namuatho “A”, na cidade de Nampula, correm o risco de contrair doenças resultantes da falta de observância de higiene individual e colectiva, devido à degradação acentuada das latrinas e ausência de água nos estabelecimentos de ensino que frequentam. Um problema idêntico inquieta a comunidade do bairro de Muhalazi, cujos filhos estudam na Escola Primária Trindade, sob a alçada de Castigo Cossa, no município da Matola, província de Maputo.

Texto: Redacção • Foto: Nelson Miguel

As condições em que se encontram as casas de banho das escolas em alusão são deveras deploráveis e constituem um autêntico atentado à saúde das crianças. Este problema existe há anos mas nenhuma medida foi tomada para invertê-lo, não obstante ser do conhecimento das autoridades da Educação.

Para além dos sanitários, as salas de aulas daqueles estabelecimentos de ensino estão a ruir aos bocados e o perigo é evidente, a par do que ocorre nas escolas 7 de Abril, Parque Popular, 25 de Junho e em tantas outras da província de Nampula, sobretudo as da periferia.

Raimundo Agostinho, pai e encarregado de educação de três crianças que frequentam a escola primária de Muatauanha, disse ao @Verdade que a falta de higiene é preocupante, as latrinas estão mal conservadas, há falta de água e os balneários exalam um mau cheiro. O nosso entrevistado classificou esta situação de dramática e pediu às autoridades que velam pelas actividades de ensino e aprendizagem em Nampula para que encontrem soluções práticas para os problemas de imundice nas escolas antes de haver uma eclosão de doenças. “As casas de banho da maior parte das instituições de ensino não oferecem condições para ser usadas pelas nossas crianças, não há água nem material de higiene.”

Agostinho afirmou ainda que está agastado com o facto de os montantes desembolsados pelos pais e encarregados de educação não servirem para canalizar a água ou perfuração de poços.

Rodolfo Ibraimo, pai de um dos alunos da Escola Primária de Muatala, considerou que os educandos estão a ser instruídos em condições atentatórias à sua saúde. Algumas crianças têm sido apoquentadas por diarreias, suspeitando-se que esta enfermidade tenha a ver com a não observância das regras de higiene nos locais onde estudam.

Segundo a nossa fonte, apesar da falta de água, a direcção da escola e a comunidade deviam encontrar uma forma de manter, pelo menos, as latrinas limpas.

Sobre este assunto, a nossa Reportagem procurou ouvir os directores de algumas instituições de ensino mas não foi possível colher os seus depoimentos porque eles alegaram que não têm autorização para falar à Imprensa.

Entretanto, contactámos o director dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia da Cidade de Nampula, Bruge Ruphia. Este disse que a falta de limpeza nas escolas primárias completas de Maparra, Mpuecha, Teacane, Nampaco, Muatauanha, Pedreira, Namicopo, dentre outras, deve-se à desorganização das direcções destes estabelecimentos de ensino.

“Cada escola deve cuidar da higiene local. Seria impossível os serviços da Educação limparem as 58 escolas primárias que existem na cidade de Nampula. Os gestores são culpados desta situação”, explicou o dirigente que acrescentou que poderá, nos próximos dias, reunir-se com os directores das instituições em causa para juntos encontrarem formas de ultrapassar o problema.



Comunidade agastada com a direcção da Escola Primária Trindade

No município da Matola, província de Maputo, a comunidade do bairro de Muhalazi está também preocupada as condições deploráveis em que as crianças estudam na Escola Primária Trindade, sob alçada de Castigo Cossa.

O chefe das 10 casas naquele bairro, Hélder Hunguana, disse à nossa Reportagem que está preocupado com o facto de a escola não reunir condições para ser frequentada por crianças porque não oferece as mais elementares condições higiénicas, falta um pouco de tudo, o único balneário existente – partilhado por rapazes e raparigas – é um atentado à saúde pública e a água virou luxo para os alunos.

“Os pais e encarregados de educação juntaram blocos, por obrigação da direcção, com o objectivo de restaurar a escola, mas não serviram para esse propósito. Nunca mais soubemos do destino dado a este material de construção. Entretanto, os nossos filhos continuam a estudar ao relento. Há seis turmas nesta situação, e quando chove ou em caso de mau tempo não têm aulas”, contou Hunguana.

Num outro desenvolvimento, o nosso interlocutor acrescentou o seguinte: “Qualquer pessoa que queira usar a casa de banho da escola dirigida por Castigo Cossa corre o risco de contrair doenças. Apesar de ainda ser usada pelos alunos, ao mesmo tempo serve como depósito de lixo. Esta situação, aliada à falta de água, agrava as precárias condições de higiene.” A comunidade afirma que os pais e encarregados de educação desembolsaram 20 meticais cada um para se montar uma torneira na instituição, mas a mesma avariou três meses depois e nunca mais foi reparada. João Dércio, residente nas imediações da Escola Primária Trindade, contou-nos que “a escola está há três anos sem água. Não sabemos porque é que a direcção demora a resolver este problema. Parece haver um certo conformismo enquanto os nossos filhos correm o risco de contrair doenças, como a cólera, por causa da falta de higiene.”

De acordo com este cidadão, a gestão escolar de Castigo Cossa é ineficiente. O estabelecimento está a ruir aos bocados devido à ausência de um plano concreto para a sua reabilitação. Há anos, uma Organização Não-Governamental ofereceu-se para reconstruir a instituição, mas o projecto não teve desenvolvimento por razões que só o corpo directivo e o governo provincial podem explicar.

Poluição sonora na escola

A população do bairro de Muhalazi mostrou-se ainda indignada com a poluição sonora promovida no recinto da Escola Primária Trindade pelo próprio director, com uma aparelhagem montada na sua viatura. Naquela reunião, os queixosos disseram que, para além de dançar, convida os alunos para o acompanharem no baile.

As famílias que se encontram a escassos metros daquele estabelecimento de ensino

tentaram, por várias vezes, dialogar com Castigo Cossa no sentido de convencê-lo a evitar o barulho ensurdecedor que emite do seu veículo, mas não houve sucesso porque foram ignoradas.

Os moradores de Muhalazi consideram que a Escola Primária Trindade tende a ser um local desaconselhável para a instrução devido ao comportamento negativo do seu director. Queixam-se igualmente de abandono por parte do município da Matola, uma vez que ainda não beneficiam de energia, mercado, posto policial, dentre outros serviços sociais básicos.

O assédio sexual

De acordo com os pais e encarregados de educação, o director daquele estabelecimento de ensino promove relações extraconjugais na medida em que amantiza com as mães das alunas em troca de favores, tais como a passagem de classe.

Manasses Matlombe, outro morador da zona há 20 anos, foi interpellado pela nossa Reportagem, tendo dito o seguinte: “Estamos cansados da atitude repulsiva do director da Escola Primária Trindade porque não valoriza a comunidade, a estrutura do bairro, muito menos as nossas filhas e mulheres.

A minha sobrinha foi vítima de abuso sexual por parte deste senhor e pode ficar com trauma para o resto da vida. Por isso, para evitar este sofrimento, pedimos que ele seja exonerado porque está a usar o seu cargo para espezinhar as alunas e encarregadas de educação”.

Por seu turno, João Dércio afirmou que na época das matrículas “as mães são obrigadas a envolver-se sexualmente com o director para inscrever os seus filhos”.

Não há nenhum plano de reabilitação

O director da Escola Primária Trindade reconheceu que as condições do estabelecimento de ensino que dirige são péssimas.

“As infra-estruturas escolares são deficitárias, principalmente a casa de banho, que não reúne condições para ser usada. Porém, ainda não há nenhum plano de reabilitação em vista porque não existe dinheiro para custear as obras.

Internamente decorrem trabalhos para a elaboração de um projecto visando uma intervenção de raiz, mas a prioridade neste momento passa pela montagem de um sistema de abastecimento de água para evitar que os alunos tragam este preciso líquido de casa”, explicou-se Cossa.

Entretanto, segundo a fonte, as outras inquietações dos moradores são falsas e não têm fundamento. Na sua opinião, existe alguém que está a desinformá-los para denegrir a sua imagem. O assédio sexual, de que os pais e encarregados de educação se queixam, é um assunto descabido e é uma calúnia de pessoas mal-intencionadas.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Chamo-me Julião Nauacha, residente em Maputo.

Venho por este meio expor uma preocupação que afecta os cidadãos da capital moçambicana, em particular os que frequentam a zona da baixa da cidade Maputo, nas proximidades da fábrica de óleo alimentar e sabão, denominada Ginóleo, ou seja, Ginwala.

O problema é o seguinte: na esquina entre a Avenida 25 de Setembro e a Rua Alberto Massavanhane foi construído um estaleiro de fabrico de betão armado pela empresa Cimpor Betão, que ostenta a licença número 657/DMI/DCU/2012. As suas actividades inquietam porque estão a ter efeitos negativos na saúde de muita gente. Este estaleiro liberta grandes quantidades de pó que se espalha pela zona durante

o processo de fabrico do seu produto e a população está a passar mal. Este problema já constitui um perigo tanto para o meio ambiente como, principalmente, para a saúde dos que frequentam a área onde está instalado o empreendimento. A maior parte das pessoas que trabalham nas empresas e fábricas construídas nas imediações da firma Cimpor Betão poderá no futuro queixar-se de problemas respiratórios e poluição, caso até este momento ainda não tenham começado a ressentir-se disto.

A segurança rodoviária é também posta em causa naquela zona, uma vez que a argamassa produzida pelo estaleiro em alusão se espalha pela estrada devido ao descuido por parte dos proprietários e trabalhadores do mesmo, o que pode vir a afectar negativamente os veículos.

Resposta

Para o esclarecimento deste assunto, o @Verdade contactou a repartição do Meio Ambiente e Urbanização do Conselho Municipal de Maputo, onde um funcionário, por sinal ambientalista, nos disse que não era a pessoa indicada para falar à Imprensa sobre a preocupação do nosso reclamante. Contudo, explicou-nos que as actividades da empresa Cimpor Betão são exercidas com o conhecimento da edilidade e não constituem nenhum perigo à saúde pública.

Segundo nosso interlocutor, antes da atribuição da licença para a instalação do aludido estaleiro, o Conselho Municipal de Maputo exigiu que fosse feito um estudo de impacto ambiental que visava aferir se o pó expelido é ou não em quantidades suficientes para prejudicar a saúde das pessoas e o meio ambiente. Concluiu-se que não havia qualquer tipo de risco de nesse sentido.

O ambientalista disse ainda à nossa Reportagem que a Cimpor

Betão está a funcionar numa área apropriada para o tipo de trabalho que faz porque não é residencial. Todavia, há necessidade de se salvaguardar os interesses e vidas de outros cidadãos que se encontram nas imediações da zona, como é o caso dos trabalhadores das empresas e fábricas contíguas.

Num outro desenvolvimento, a nossa fonte admitiu a possibilidade de se realizar um novo estudo de impacto ambiental para a verificação do grau do cumprimento das quantidades de pó expelido, segundo o previsto no dispositivo que regula aquele tipo de trabalho.

Em relação ao alegado perigo que pode vir a recair sobre os carros devido à argamassa que é derramada pela estrada, a nossa fonte afirmou que não tem conhecimento do problema, porém, prometeu averiguá-lo no sentido de se apurar responsabilidades.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Desconhecidos incendeiam casas no distrito de Eráti em Nampula

Um grupo de indivíduos desconhecidos incendiou, esta Segunda-feira, 08 de Abril, um número não especificado de residências no Posto Administrativo de Merrote, distrito de Eráti-Namapa, na província de Nampula, deixando as respectivas famílias ao relento e na desgraça. Felizmente, não houve registo de nenhum óbito.

Texto: **Sérgio Fernando**

O incidente causou pânico e gerou um clima de tensão porque a população local suspeita de que supostos homens armados da Renamo – que a 06 de Março em curso atacaram dois autocarros, um camião-cisterna e mataram três compatriotas em Muxúnguê – estejam a circular naquela região. Alguns residentes da zona em causa, contactados telefonicamente pela nossa Reportagem, conformaram que há pessoas que estão a abandonar o posto administra-

tivo para procurar abrigo na sede-distrital.

Segundo as mesmas fontes, para além de os malfeitores terem ateadado fogo no Posto Administrativo de Merrote, roubaram produtos alimentares e animais, tais como cabritos, galinhas, patos, coelhos, dentre outros. Este problema aconteceu há três dias mas até este momento a Polícia ainda não se fez ao local para averiguar o que realmente teria sucedido. A corporação não confirma a ocor-

rência e afirma que as informações a que teve acesso davam conta de que um grupo de indivíduos de conduta duvidosa estava concentrado algures no povoado Samora Machel, no distrito de Eráti-Namapa. Miguel Bartolomeu, assessor de Imprensa no Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM), em Nampula, disse que a corporação está atenta a qualquer situação de agitação, devido aos recentes acontecimentos de Muxúnguê.



Mamparra of the week

Damião José
porta-voz da FRELIMO

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é atribuído a Damião José, o novo porta-voz do partido dos megaprojectos e dos jantares em casa do patrão estrangeiro, lá nas terras de Vera Cruz. Poderia, é bom que se diga, ter sido galardoado por justa causa ao pai da tal Democracia, aquela que deixa de existir quando morrem pessoas indefesas em Muxúnguê, lá onde a Frelimo e a Renamo medem forças. Afonso Dhlkama era um mamparra perfeito, sobretudo depois que assumiu, nesta Quarta-feira, ao sair da sua toca que foram os seus homens que ceifaram vidas de cidadãos inocentes. O “pai da democracia” falou ao seu nível e ficaram empatados.

Contudo, Damião José, o porta-voz com vários interesses empresários na área dos recursos minerais e um talento extremo para o fala-batismo merece, mais do que ninguém, o galardão de mamparra da semana.

A mamparrice, do Damião é grosseira, é belicista e anti-democrática.

A sua linguagem monocórdica e o seu talento para o disparate deixam-nos, pasme-se, com saudades de outro papa-gaio. Edson Macuáqua tinha um grande amor pelo disparate, mas não chegava a tanto no exercício ridículo do mamparrismo como Damião José.

O homem foi literalmente engolido pelo Mazanga e pelo Muchanga. Uma demonstração clara e inequívoca de que a Frelimo anda desorientada, desnordeada e à deriva. Só isso explica a apetência dos que têm patrão estrangeiro, embora o detestem, por esse tipo de escolhas tresloucadas e ermas de bom senso. Damião José é um perigo para a paz. É um camelo disfarçado.

Basta deste tipo de mamparras.

O país não merece, a sociedade não merece, as crianças de hoje e senhores do amanhã não merecem ser ofendidas por este tipo de mamparrices feitas com o dinheiro dos nossos impostos.

Mamparra, Mamparra, Mamparra.

Até para a semana!

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte por uma mensagem de SMS para **821111**



Democracia

Dlhakama diz não à guerra, mas impõe revisão da Lei Eleitoral...

O presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, confirmou nesta Quarta-feira (10) em conferência de imprensa, realizada na sua antiga base na Gorongosa (onde se encontra desde Outubro passado), ter ordenado o ataque ao comando distrital da polícia em Muxunguê, na província central de Sofala, na madrugada da passada Quinta-feira (5), para libertar os seus homens que estavam detidos, e onde morreram sete pessoas (seis agentes da FIR e um homem da Renamo), porém, garantiu que não vai voltar à guerra.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

“Nunca vai haver mais guerra, só poderá continuar a haver esses desentendimentos, atacando à bofetada, sentir a dor e também esticar (gesto de murro)”, afirmou o líder do maior partido da oposição em Moçambique, que acrescentou que foi pressionado a ordenar o ataque pelos seus homens, segundo ele mais de 35 mil em todo o país, que estão descontentes com várias questões já apresentadas e que não tem obtido respostas por parte do Executivo de Armando Guebuza.

“Se recebe bilhões de Guebuza demita-se e vá comer com ele lá em Maputo (...) eu disse arranjam maneira, desenrasquem, vocês fizeram a guerra sabem onde vão apanhar armas, respondam! E autorizei, porque disseram se o senhor não nos autoriza hoje, demita-se ou também vamos assassiná-lo”.

Entretanto, o líder da Renamo disse que não foi dele a ordem para atacar o autocarro de passageiros e dois camiões, no passado Sábado (6), contudo não colocou de parte a possibilidade de terem sido homens do seu partido. “Sabe que até agora estão a chegar os comandos de Maputo, com cães especiais, então alguém em resposta



pode atacar (...) já não usam carros militares, viajam a civil e só põem fardamento quando chegam a Muxunguê, então estou a dizer (...) foi por um acidente, não é um alvo aquilo”.

Dlhakama lamentou a perda de vidas humanas sem necessidade, apenas devido à arrogância do Governo, após 20 anos de paz “... lamentar as mortes, são manebos, miúdos mal treinados a maioria vem do sul, são postos nos blindados, chegam aqui e levam porrada”.

Eleições só quando houver paridade nos órgãos eleitorais

Segundo Afonso Dhlakama, o chefe de Estado moçambicano terá enviado uma mensagem a pedir a cessação das hostilidades a qual o líder da Renamo respondeu com um pedido da retirada dos blindados e dos polícias e militares que estão em Muxunguê. “Se ele não retirar a partir de hoje e amanhã (Quarta e Quinta-feira) e eu verificar que estão aqui a aproximar, mando atacar. Porque se eu não mando atacar o primeiro obus vai matar-me e eu já não posso responder”.

O presidente da Renamo afirmou ainda que não quer encontrar-se com o Presidente de Moçambique, Armando Guebuza, pois nada do que foi colocado na mesa, no encontro anterior entre ambos, teve desenvolvimentos positivos. “Parece que estou a ir pedir dinheiro (...) neste momento não está claro eu encontrar-me com Guebuza, para dizer o quê? Para vocês (jornalistas) escreverem que o Dlhakama calou a boca porque foi receber mais dinheiro”.

Sentado sozinho, perante um batalhão de jornalistas que se deslocou a Gorongosa a propósito da conferência de imprensa por ele convocada, Afonso Dhlakama reiterou que não vai haver eleições enquanto a Lei Eleitoral não for revista para garantir a paridade na representação dos partidos políticos na Comissão Nacional de Eleições. “Porque um partido tem mais deputados na Assembleia então tem mais ali (referindo-se aos órgãos eleitorais) para serem árbitros. Se é assim já não vale a pena fazer as eleições porque sabemos que à partida aquele tem a maioria para defendê-lo”.

Sobre a presença da sociedade civil nos órgãos eleitorais, Afonso Dhlakama não tem dúvidas de que enquanto o patrão continuar a ser o partido Frelimo, que também é Governo, ela não existe. “Não é porque não reconhecemos a sociedade civil, não há condições para a sociedade civil porque todos, para viverem, o patrão é sempre a Frelimo. Ainda é cedo para a sociedade civil em Moçambique, talvez daqui a 20 ou 30 anos quando começarmos a ter as indústrias independentes, privadas, para também empregarem os intelectuais”.

Refira-se que esta semana foram empossado os membros das Comissões Provinciais Eleitorais e verifica-se que muitos dos membros da sociedade civil que estão presentes têm ligações umbilicais com o partido no poder, a Frelimo.

O líder da Renamo deixou claro que o objectivo da sua luta é por um Moçambique melhor e pela democracia, não pelo dinheiro, tendo apontado o dedo aos intelectuais que alinham no discurso do Governo a troco do vil metal.

“Os que estudaram em Moçambique é que estão a cometer o crime, um intelectual estar ao lado de uma ditadura a defender coisas porque ganha 30 mil meticais? É preferível andar a pé descalço. Se eu quisesse dinheiro já teria abandonado, se calhar seria o mais rico de Moçambique (...) quero morrer e deixar esperança para as futuras gerações. Quero ser o melhor de África e do mundo” concluiu.

Renamo retalia ataques da FIR em Muxunguê

A Renamo “vingou-se” na última quinta-feira, 4 de Abril, do ataque de que os seus membros tinham sido alvo no dia anterior quando estavam reunidos, ao assaltar na madrugada uma unidade da Força de Intervenção Rápida que se encontrava estacionada na sede daquele partido político em Muxunguê, Sofala, e de lá resgatou 15 elementos seus que tinham sido detidos. O confronto resultou, segundo o Governo, na morte de cinco pessoas e no ferimento de outras 14.



Esta invasão surge como resposta ao facto de a Força de Intervenção Rápida ter tomado de assalto instalações da Renamo na Quarta-feira, dia 3, e detido 15 ex-guerrilheiros que estavam aquartelados há cerca de duas semanas à espera do secretário-geral do partido, que iria ministrar um seminário. Entretanto, a Polícia diz que os “homens da Renamo” estavam a realizar “manobras militares” no local.

Segundo o administrador daquele distrito, Arnaldo Machavo, citado pela Lusa, o ataque foi protagonizado por volta das três horas da madrugada, quando os elementos da FIR se encontravam a descansar. E por ter sido de surpresa, três agentes daquela força de elite morreram no local e o quarto a caminho do hospital de Nhamatanda.

Já do lado da Renamo, o comandante que dirigia a operação, de nome Rasta Mazembe, perdeu a vida também no local. Os restantes homens feridos, do lado da Renamo, foram recolhidos pelos seus pares.

“O comandante (da Renamo) foi morto exactamente quando se dirigia a uma das celas para libertar os outros detidos”, contou Machavo à Lusa, acrescentando “que estavam nas celas 12 pessoas, pois, depois da triagem, apercebeu-se de que os outros três eram populares”.

Segundo a AIM, as forças de manutenção da lei e ordem lançaram na Terça e Quarta-feira duas operações contra antigos guerrilheiros da Renamo que tentavam reagrupar-se em locais onde durante a guerra civil serviram de bases militares.

Esgotadas as tentativas de negociação no sentido de dissuadir os homens da Renamo a abandonar os locais ocupados por estarem a “assustar” as populações, assim como pelo facto de estarem a acampar sem as mínimas condições de saneamento, a polícia decidiu avançar para a retirada forçada.

Por isso, na Quarta-feira, usando meios de ataque bastante sofisticados, incluindo blindados, a FIR tomou de assalto a sede distrital da Renamo em Muxunguê, onde estavam acampados cerca de 150 guerrilheiros há cerca de duas semanas, segundo as estruturas administrativas locais.

O administrador distrital de Chibabava, Arnaldo Machavo, disse que a presença dos homens da Renamo estava a criar uma situação de mal-estar no seio da população. Várias vezes, as estruturas locais conversaram com os homens da Renamo no sentido de deixarem clara a sua pretensão, mas em vão.

Desconhece-se o real número de mortos

Entretanto, uma fonte que preferiu manter o anonimato, afirmou telefonicamente à nossa Reportagem que os confrontos daquela madrugada resultaram em sete mortos, sendo um das hostes da Renamo e seis da Força de Intervenção Rápida. Mas o Governo confirmou apenas quatro elementos da FIR.

No que diz respeito aos feridos, segundo a nossa fonte, “há mais agentes das FIR do que homens da Renamo. Seis elementos daquela força policial fora transferidos para o Hospital Central da Beira”.

Democracia

Ataques começam a ter alvos civis

Entretanto, quando tudo indicava que a situação tendia a acalmar-se, eis que homens armados atacaram no sábado um camião de transporte de combustível e um autocarro carregado de portas e mataram três pessoas, sendo que uma das vítimas perdeu a vida quando estava a ser evacuada para o Hospital Central da Beira.

“Foram atacadas sábado dois autocarros de passageiros e um camião-cisterna. O ataque foi por volta das 16h50, a 30 quilómetros de Muxúnguê. Os homens pretendiam parar o autocarro da Intercape. O motorista não parou e eles dispararam, tendo ferido uma pessoa”, disse Arnaldo Machavo, administrador de Chibabava.

“De seguida, os mesmos homens imobilizaram um camião-cisterna e dispararam contra os pneus e o tanque. Aqui, morreram duas pessoas, o motorista e um dos ajudantes, e o outro ajudante ficou gravemente ferido”.

Este cenário levou a que as populações abandonassem a vila receando a eclosão de uma guerra. “Só se ouvem tiros de pistolas. Não dormimos, desde madrugada. Muitos abandonaram a vila e estão a ir para Chibabava ou Beira”, disse à Lusa uma residente local, identificada por Marta, acrescentando que “todo o comércio está encerrado”.

Renamo diz-se preparada para a guerra

Entretanto, Ossufo Momade, secretário para a área de Defesa e Segurança da Renamo, afirmou na Quinta-feira (4), numa conferência de imprensa, em Maputo, que “perante a guerra que nos é movida pela Frelimo e o seu Governo, a Renamo pela primeira vez vai reagir. Queremos comunicar ao povo moçambicano e à comunidade internacional que a Renamo está cansada de perseguições, humilhações, repressão, ditadura e da escravatura”.

Para o efeito, a Renamo diz que pretende perseguir todas as pessoas que têm atacado aquele antigo movimento rebelde, até à sua proveniência, com recurso a armas que serão confiscadas aos agentes da FIR. Convidado a comentar sobre as acções concretas que o seu partido pretende adoptar para perseguir as pessoas que têm estado a atacar a Renamo, Momade escusou-se a entrar em detalhes, muito menos quando é que o seu partido irá iniciar a referida perseguição.

“A culpa é do Presidente da República”

Ainda na referida conferência de imprensa, Ossufo Momade atribuiu a culpa ao Presidente da República, Armando Guebuza, a quem acusa de ter prometido, no início do seu mandato, acabar com a Renamo. “Nos vinte anos de convivência multipartidária e de paz aparente, o Governo da Frelimo sempre deu ordens às suas forças da polícia, da FIR e às forças armadas para atacarem a Renamo”.

“Desde já informamos aos moçambicanos e à comunidade internacional que os desmobilizados da Renamo jamais atacariam civis. O alvo está bem identificado, é aquele que nos ataca, que rouba bens da população, ocupa as nossas sedes, prende os nossos irmãos”, afirmou Ossufo Momade.

Criminosos serão perseguidos e responsabilizados

O Ministro do Interior, Alberto Mondlane, afirmou que os responsáveis pelos ataques armados que culminaram com a morte de civis, em Muxúnguê, distrito de Chibabava, província central de Sofala, serão perseguidos e responsabilizados criminalmente. Mondlane disse que o governo está a fazer tudo ao seu alcance para encontrar mais rapidamente possível os malfetores, pois, segundo ele o acto, por eles perpetrados é inadmissível.

“Eles mataram pessoas e devem ser apanhados e julgados. Moçambique está em paz e deve continuar em paz, porque ela faz bem aos moçambicanos”, disse Mondlane, citado pela Rádio Moçambique. Aliás, disse o Ministro, a paz também faz bem “aos nossos vizinhos e ao mundo. Por isso, todos nós temos que fazer tudo que está ao nosso alcance para manter a paz,” defendeu.

Para garantir a paz, explica o Ministro, a polícia precisa de encontrar os criminosos que tiraram a vida de civis. “Se eles estiverem armados, naturalmente que haverá troca de tiros com a polícia, porque a polícia tem armas e nós usamos todos meios possíveis,” referiu, acrescentando que o maior ganho que o país tem é o povo moçambicano que traz no coração a ideia de paz e tranquilidade e apoia a polícia nas suas acções.

“Renamo deve saber conviver na sociedade e parar com actos de intimidação”

Por seu turno, o Presidente da República, Armando Guebuza, exigiu, no Domingo, à Renamo que “pare com actos de intimidação” e que “conviva normalmente na sociedade”. “Esperamos uma retribuição por parte da Renamo, isto é, que a Renamo pare com a linguagem belicista, que pare com actos de intimidação e que passe a conviver normalmente na sociedade moçambicana, obedecendo às normas que ela própria aprovou”, disse Guebuza, que falava à margem da cerimónia de deposição de flores na Praça dos Heróis por ocasião do Dia da Mulher Moçambicana, que se assinalou no dia 7.

“Dialogar não é dar ordens”

Na ocasião, o Presidente da República disse não constituírem verdade as alegadas acusações da Renamo, segundo as quais o Governo não se tem mostrado aberto para o diálogo. Guebuza afirmou que o Executivo desde sempre mostrou disponibilidade para dialogar com a Renamo, entretanto, não pode tolerar os moldes em que o partido da perdiz quer que se dialogue. É que, no seu entender, o que a Renamo pretende é impor as suas vontades ao Governo, o que Guebuza recusa veementemente.

“Eles (os da Renamo) querem dar ordens ao Governo, mas diálogo não é isso. O diálogo é troca de impressões, opiniões, podendo, ou não, chegar-se a um consenso”, disse Guebuza, asseverando de forma peremptória que “diálogo não é dar ordens ao outro”.

Ainda na senda dos últimos ataques protagonizados pelos supostos homens da Renamo, o Presidente Guebuza entende que estes resultam do facto de tais homens terem ignorado os seus apelos, optando, desta feita, pela violência. Guebuza aventa a possibilidade de os últimos ataques de Renamo terem acontecido somente porque este ainda não conseguiu controlar a situação.

Calma voltou a Muxúnguê, mas a vida ainda não voltou à normalidade

A vida ainda não voltou ao normal no posto administrativo de Muxúnguê, na província central de Sofala, depois dos últimos acontecimentos ocorridos na semana passada e que culminaram com a morte de dez pessoas. O hospital está a funcionar com 20% dos seus funcionários, e as aulas continuam interrompidas, afectando milhares de alunos que deveriam estar a realizar os testes finais do primeiro trimestre.

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Arquivo



Até a semana passada, Muxúnguê era sinónimo de ananás, produto que em 2011 conseguiu certificação internacional para começar a ser exportado. Entretanto, o maior partido da oposição, a Renamo, que decidiu boicotar as eleições por não concordar com a Lei Eleitoral recentemente revista e aprovada pela Assembleia da República, convocou os seus homens, dispersos pelo país, para a pacata vila, situada à beira da Estrada Nacional nº 1. As autoridades policiais consideraram atentado à segurança pública a concentração de mais de uma centena de antigos guerrilheiros com agenda pouco clara e decidiram impedir a sua permanência na sede do partido. Destemidos, os homens da Renamo não acatarem a ordem de dispersão e a polícia, apoiada pelos paramilitares, usou a força para fazê-los sair do local. Na operação realizada de madrugada, a polícia usou gás lacrimogénico e não houve registo de disparos. Com a alegação de pretendem libertar os seus companheiros detidos (cerca de 15), os antigos guerrilheiros atacaram o comando policial. Sete pessoas morreram, seis agentes da força paramilitar e um homem da Renamo, e mais de uma dezena ficaram feridos.

Amedrontada, a população fugiu. As aulas foram interrompidas e o comércio fechou. Alguns funcionários do Hospital Rural abandonaram os doentes para salvarem as suas vidas. Nesta Quarta-feira (10), quase uma semana depois, apenas 20 dos 84 trabalhadores estavam a exercer as suas funções naquela unidade sanitária. Segundo o Director do Hospital, “hoje foi o primeiro dia em que houve doentes normais para serem atendidos”. Nos dias anteriores aparecia, ocasionalmente, “menos de uma dezena”.

Entretanto, na Escola Primária Completa 1º de Maio, onde estudam 2.655 alunos, da 1ª à 5ª classe, somente 15 dos 50 pro-

fessores se fizeram presentes. Os restantes abandonaram a vila com destino a Inhambane e Manica e outros distritos de Sofala, quando a tensão aumentou. Os alunos estavam a prestar provas de avaliação trimestral, as chamadas Avaliações Parciais (AP), que tiveram de ser interrompidas. O primeiro trimestre escolar termina oficialmente esta semana. Neste momento, o director da Escola aguarda o regresso dos estudantes, muitos deles ausentes de Muxúnguê, e a resposta à carta endereçada à Direcção Provincial de Educação para recomeçar as aulas e terminar a realização das AP's. Há ainda o registo de uma escola secundária que também está paralisada.

Medo continua em Muxúnguê

Os residentes de Muxúnguê continuam com medo porque as autoridades reforçaram a sua presença na vila. Para além da PRM e FIR, estão também no local soldados das Forças Armadas de Defesa de Moçambique, totalizando perto de duas centenas de homens armados para a guerra.

Por outro lado, os homens da Renamo ainda estão nas redondezas e há informações não oficiais de terem sido vistos vários a cerca de 10 quilómetros do centro da vila. A população teme que, enquanto não forem detidos, possam voltar a perturbar a ordem pública.

Mas como a vida não pode parar, o pequeno comércio vai retomando as suas actividades, até porque há muitos visitantes para alimentar e dar de beber. O restaurante “Tubarão” foi o único que quase não chegou a fechar, salvo na altura dos confrontos. Durante a noite, é como se o recolher obrigatório tivesse sido decretado.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si facebook.com/JornalVerdade



“Chamanculo não é o centro da criminalidade e da prostituição”

O director-geral da Associação Comunitária para o Desenvolvimento do Chamanculo, Amândio Fondo, recusa a ideia de que aquele bairro é um dos que albergam criminosos e locais de proveniência de trabalhadoras do sexo na cidade de Maputo. Em conversa com o @Verdade, Fondo também questiona o facto de muitas organizações da sociedade civil sobreviverem graças ao apoio de países ou instituições estrangeiros. Para ele, não se justifica que não sejamos capazes de resolver os nossos próprios problemas. Em relação ao projecto de requalificação do bairro do Chamanculo, concebido pelo Conselho Municipal de Maputo, embora acredite no mesmo, diz que “a comunidade quer coisas concretas, está cansada de promessas e de participar em inquéritos e reuniões. O mandato do actual Conselho Municipal já está no fim, só faltam alguns meses”.

Texto: Redacção • Ilustração: Miguel Manguze

@Verdade: O que é a ASSCODECHA?

Amândio Fondo: A ASSCODECHA, que significa Associação Comunitária para o Desenvolvimento do Chamanculo, é uma organização que elabora e executa projectos de desenvolvimento comunitário e opera nos bairros periféricos da cidade de Maputo, em particular no de Chamanculo “C” desde 2001. Os principais beneficiários são as famílias carentes e vulneráveis. Prestamos forte apoio à inserção escolar das crianças órfãs e vulneráveis, alfabetização e educação de adultos, ao abastecimento de água, à educação sanitária, ao registo de menores, à prevenção e combate ao VIH/SIDA, às actividades desportivas e culturais, palestras e sensibilização da comunidade.

@V: Qual é a sua missão?

AF: É promover o desenvolvimento comunitário através de acções que visam melhorar as condições de vida das famílias carentes, favorecendo o exercício da democracia, solidariedade local e mobilização de recursos privados e públicos.

@V: Quais foram os objectivos que nortearam a sua criação?

Os seus fundadores tinham como objectivo resolver os problemas da população do bairro de Chamanculo, tais como o analfabetismo, cuja taxa é alta no seio das mulheres, o desemprego, entre outras.

@V: Terá dito que a associação foi criada para resolver os problemas da zona do Chamanculo. A que problemas se refere?

AF: Refiro-me à existência de famílias (inúmeras) sem latrinas melhoradas, de jovens desempregados e, pior, sem nenhuma formação profissional, sendo que alguns “entregaram-se” ao álcool e às drogas. Há casos de senhoras que não sabem ler nem escrever. Tínhamos o registo de (algumas) raparigas que se dedicavam à prostituição. Não havia serviços de reprografia em Chamanculo. Portanto, estes constituem apenas uma parte dos problemas com que o nosso bairro se debatia.

@V: E como é que são resolvidos esses problemas?

AF: Através de cursos de alfabetização no nosso centro e nos mercados Fajardo e 7 de Abril. Neste momento temos 420 alunos. Há jovens desempregados e sem formação profissional. Neste caso, o que a associação faz é financiar cursos de formação profissional, intervindo nos processos de estágios nas empresas.

Porque há pessoas sem condições financeiras, quando custeamos a sua formação, atribuímos também bolsas ou subsídios de transporte durante o tempo em que o beneficiário frequenta o curso e o estágio.

Temos também o reforço escolar para crianças que estejam a registar um mau aproveitamento pedagógico; há menores que estão na quinta ou sétima classe mas que não sabem escrever. Na área de saneamento, construímos blocos sanitários para a comunidade do Chamanculo, oferecendo material de limpeza.

Ainda em relação às crianças, anualmente oferecemos apoio em material escolar a mais de 200 petizes e fazemos o acompanhamento do seu desempenho pedagógico.

A nossa associação não só se limita a criticar os nossos governantes por isto mais aquilo. Ela pretende fazer e é parte da solução dos problemas. Por exemplo, no que diz respeito aos Sete Milhões, nós também financiamos actividades de geração de rendimento e não cobramos juros por isso. A pessoa leva o valor e devolve-o quando puder.

@V: Em que áreas trabalham?

AF: As nossas actividades estão ligadas às áreas de saneamento, alfabetização, formação profissional, educação e advocacia e promoção da cidadania.

@V: Para além destas, a associação desenvolve outras actividades?

AF: Sim, desenvolvemos também actividades lúdicas como teatro, dança, artes plásticas, e fazemos inquéritos nas escolas para aferir o nível de consumo de álcool e drogas no seio da camada estudantil e levamos a cabo campanhas de sensibilização na área da saúde sexual e reprodutiva.



@V: E sentem que o vosso trabalho está a resultar?

AF: Sim, sem dúvida. Estamos a alcançar os objectivos traçados aquando da fundação da associação. Só no ano passado financiámos cursos de formação profissional a 62 jovens. Destes, 36 tiveram estágio e 17 já estão a trabalhar. Outros optaram pelo auto-emprego.

No que diz respeito às latrinas melhoradas, construímos um bloco sanitário que está a beneficiar nove famílias. Ou seja, eram 44 pessoas que não tinham uma casa de banho. Faziam necessidades maiores em plásticos.

Os pais já não ficam desesperados quando os filhos têm um fraco aproveitamento pedagógico porque podem aproximar-se de nós e terem aulas de reforço escolar. Havia senhoras que não sabiam ler nem escrever. Hoje, algumas estão a frequentar o ensino superior.

As crianças e os jovens que estão aqui a praticar a dança, a fazer teatro, a pintar, já não estão propensos ao mundo das drogas, do álcool ou da prostituição. Temos aulas de corte e costura, cabeleireiro, culinária, informática, entre outros. Isto tudo contribui para a ocupação e formação dos nossos jovens.

@V: Como é que é feita a identificação dos beneficiários das vossas acções?

AF: A identificação é feita de várias formas, mas damos prioridade a pessoas carentes e vulneráveis. Por exemplo, quando pretendemos oferecer material escolar a crianças, trabalhamos em coordenação com a Direcção Distrital de Educação, que nos fornece a lista de petizes vulneráveis e que realmente necessitam de apoio.

No caso dos jovens que pretendem que a associação financie os cursos de formação profissional, fazemos visitas domiciliárias para ver se realmente eles precisam ou não do nosso apoio. Trabalhamos com as estruturas do bairro, e não de uma forma isolada. Há casos em que custeamos o curso mas não atribuímos o subsídio de transporte, dependendo da situação de cada um.

@V: A quantas pessoas a associação está a prestar assistência?

AF: Neste momento temos 420 pessoas a frequentar o curso de alfabetização, 62 a fazer cursos de formação profissional, 200 crianças a receber apoio escolar e 100 inseridas no projecto reforço escolar. Portanto, estamos a falar de mais de 750 beneficiários das nossas acções.

@V: Terão tido dificuldades após a criação da associação?

AF: Sim, tivemos problemas, não tínhamos recursos nem para tirar cópias, efectuar chamadas telefónicas, entre outras coisas. Só tínhamos as instalações.

@V: E em relação ao financiamento? Quais são fontes de financiamento da associação?

AF: Neste momento contamos com o financiamento do Fundo dos Negócios Estrangeiros da Finlândia, através de uma organização denominada Taksvarrik. Entretanto, entre os anos 2004 e 2010, a associação era financiada pelo Núcleo do Combate à SIDA da Cidade de Maputo e pela ESSOR, uma organização não governamental francesa.

@V: Essa é uma característica de muitas organizações?

AF: Não posso responder taxativamente, mas sim colocar uma questão: É justo não termos condições para resolver os nossos problemas? As associações são financiadas por países ou instituições estrangeiros. Até quadros de parede são-nos oferecidos.

@V: E como é que a associação paga aos seus colaboradores?

AF: Todo o pessoal que trabalha connosco é voluntário e experiente. Apenas a equipa técnica é que é paga.

@V: Chamanculo é tido como um dos bairros da cidade de Maputo com maiores índices de criminalidade e prostituição...

AF: Isso é uma falácia. Chamanculo não é só feito de aspectos negativos e é muito feio que algumas pessoas digam isso. Não estou a dizer que isso não aconteça, mas Chamanculo não é um caso isolado, há muitos bairros com problemas similares.

É estranho que as pessoas falem da criminalidade e da prostituição e não mencionem o facto de muitas personalidades terem nascido ou crescido neste bairro. Ninguém diz que Lurdes Mutola, o Presidente da República, Marcelino dos Santos, Filipe Samuel Magaia, Josina Machel nasceram ou passaram a sua infância e juventude aqui. Não é justo que se diga que Chamanculo é um bairro de delinquentes e prostitutas.

@V: A que se devem esses problemas?

AF: São o resultado do desenvolvimento. A questão do desenvolvimento tem duas vertentes: a negativa e a positiva. Mas, por outro lado, deve-se à inércia das nossas autoridades. Lamento o facto de os nossos governantes conhecerem os pontos de venda e de consumo de drogas mas não fazem nada. Limitam-se a olhar. Temos casos de locais de venda de bebidas alcoólicas a menores junto às escolas, há espaços públicos (campos, ...) que estão a desaparecer.

@V: Os jovens delinquentes ou drogados têm pedido apoio à associação?

AF: Sim, mas há casos em que nós vamos atrás deles. É claro que há aqueles que não querem mudar, porém, nós não desistimos. Continuamos a sensibilizá-los no sentido de mudarem de vida.

@V: Há casos de sucesso?

AF: Há, sim. Já resgatámos um jovem que estava no mundo do crime e uma senhora que era discriminada pela família e pela comunidade por ser uma seropositiva. Hoje, por saberem que eles servem a nossa associação, ganha-

ram o respeito das pessoas. Isso mostra que a associação serve para alguma coisa.

Podemos reclamar a nossa contribuição na melhoria do nosso bairro. Tínhamos jovens expostos ao mundo das drogas, da prostituição, que actualmente frequentam cursos de formação profissional para estarem preparados para o mercado do emprego. Os que concluíram, já estão a trabalhar, alguns conceberam projectos e criaram postos de trabalho para os outros.

@V: Fora a criminalidade e a prostituição, Chamanculo tem sérios problemas de saneamento. A associação está a par disso?

AF: Claro que está. Sempre que chove, há famílias que não dormem, há problemas de esgotos. A própria associação tem os mesmos problemas porque o esgoto que vai dar à drenagem localizada na zona da Toyota de Moçambique está entupida. Mas isto tudo pode ser resolvido. Não há problema sem solução.

@V: Mas existe um plano de requalificação que foi concebido pelo Conselho Municipal de Maputo...

AF: Existe mas só abrange o Chamanculo C, e não todo o bairro. É um projecto que vai trazer mudanças mas tal só acontecerá se for bem implementado, porque, caso não, terá sido em vão. A comunidade quer coisas concretas, está cansada de promessas e de participar em inquéritos e reuniões. O mandato do actual Conselho Municipal já está no fim, só faltam meses e nós, como associação, já não temos respostas para dar à comunidade.

@V: Reclama-se muito da degradação do campo de Cape Cape, que é o local onde os jovens podiam praticar actividades físicas e jogar futebol, ao invés de estarem envolvidos no mundo das drogas. Qual tem sido o vosso papel, como uma organização que pretende resolver os problemas do bairro?

AF: A gestão daquele recinto não é agradável. O campo está a degradar-se e a rede de vedação está a desaparecer aos poucos. A comissão que responde pelo campo tem feito um trabalho louvável, mas não tem recursos. Por isso, a culpa pelas actuais condições não pode ser imputada a ela.

@V: Em que consiste a advocacia e promoção da cidadania?

AF: Consiste na intermediação da relação entre as estruturas e a comunidade. Ou seja, levamos as preocupações das populações a quem pode resolvê-las, neste caso às autoridades competentes. Por exemplo, a maior parte das escolas do bairro de Chamanculo não tem sanitários, se existem estão em péssimas condições. Os alunos sentam-se no chão, e nós já encaminhamos isso aos órgãos competentes, mas não se está a fazer nada. Não se sabe se os governantes estão a fazer vista grossa aos problemas das comunidades ou há quem está a mentir-lhes sobre a real situação das coisas.

@V: No ano passado foi lançado o projecto “Sustento e Participação Juvenil”. Qual é a sua duração e em que consiste?

AF: O projecto “Sustento e Participação Juvenil” tem a duração de três anos (2012-2014) e será implementado a nível do bairro de Chamanculo “A, B, C e D” e tem como grupo alvo crianças e jovens. O objectivo principal do projecto é contribuir para a melhoria da qualidade de vida das crianças e jovens vulneráveis do Bairro de Chamanculo, através de cursos de formação profissional, apoio educacional, capacitação sobre associativismo juvenil, VIH/SIDA e drogas, saneamento do meio e advocacia.

@V: Quais são as metas?

AF: Promover o acesso à formação profissional, estágios e emprego a 200 jovens vulneráveis com idades entre 15 a 25 anos, durante os 3 anos; reforçar e facilitar o acesso ao ensino de crianças e jovens dos 10 a 19 anos de idade; melhorar o saneamento básico das famílias vulneráveis no bairro; e contribuir na melhoria da prestação de serviços públicos.

Empossados membros das comissões provinciais de eleições

Tomaram posse esta Terça-feira, dia 10, em todo o país, os membros das Comissões Provinciais de Eleições indicados pelos partidos políticos com assento no Parlamento e organizações da sociedade civil.

Texto: Redacção • Ilustração: Arquivo

Entretanto, na província da Zambézia, a segundo maior círculo eleitoral do país, há indicações de que os cinco elementos empossados são membros activos do partido no poder, o que constitui um flagrante atropelo à lei.

Segundo o Diário da Zambézia, Jone Dias é um professor de carreira e há dois anos foi director da Escola Secundária 25 de Setembro em Quelimane. Posteriormente, foi convidado para concorrer nas eleições internas no seio do partido Frelimo para o cargo de secretário do Comi-



té da Cidade. Não foi eleito e mais tarde foi transferido para o distrito de Chinde. Nunca deixou de militar no partido Frelimo. E hoje, entra na Comissão Provincial de Eleições como membro da Organização Nacional dos Professores.

Por seu turno, Constância Constâncio é esposa de um de-

putado da Frelimo na Assembleia da República, e exerce a profissão de professora. A nível da cidade de Quelimane, pertence à bancada daquele partido na Assembleia Municipal de Quelimane. Curiosamente, candidatou-se a membro da CPE como membro da Associação de Naturais e Amigos de Namacurra.

Restantes províncias

No que diz respeito à província de Nampula, o maior círculo eleitoral, foram empossados Alice Maria Muajuma de Leite Mussácula, Daniel José Armando Ramos, Virgílio Arnane, provenientes da Organização Nacional dos Professores, Laila Ismael Issouf Ussene, da Associação dos Amigos de Mecubúri, e Jaibo Rassul Mucuto, do Observatório Eleitoral.

Para Niassa, tomaram posse Agostinho Mulesse, Calisto Mussa, Lúcia Francisco Xavier, da Associação dos Naturais e Amigos de Mecnheles, João Aissa, da Hortofrutícola de Messenger, e Alcília Florinda Nataniel, da Associação Educação Cívica.

Em Cabo Delgado, foram investidos Leónico dos Santos Prisciliano Mera, André Jumamossi Malhembudi, da Associação a Luta Contra a Pobreza, Hipólito Rodrigues Sousa Francisco Anselmo Cocorea, Amândio Manuel e Laurinda Tina de Fátima Luciano, da Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique.

No segundo maior círculo eleitoral de Moçambique, Zambézia, para além de Jone Dias, da Organização Nacional dos Professores e Constância Constâncio, da Associação dos Naturais e Amigos de Namacura, foram propostos António Mangachaia, da Organização dos Trabalhadores de Moçambique, Bonifácio Muiaia Paulino, da ONP-Quelimane, e Emílio M'panga Supela, da ONP-Zambézia.

Já em Tete, foram empossados Bonga Laitone, da Igreja Nazareno do Distrito de Tete, Eduardo Sinalo, do Conselho Cristão de Moçambique, Higino Espírito Santo Durrão, da Igreja Velha Apostólica de Moçambique, Pires Aço M'puka, da OTM, e José Tomás Muguola Maramuassá, da Associação da Agência e Desenvolvimento Local.

Em Manica irão ocupar os cargos de membros da Comissão Provincial de Eleições Ricardo Miguel Simão, Lucas António Simbine, António Tomé Macilau Vilanculos e Januário Rocheque, da Associação Cultural Cabeça de Velho.

Sofala terá como membros Samuel Malate, da Igreja Evangélica Missão de Cristo em Moçambique, João Aminosse, do SINTRAT, Carimo Agu, da Associação Nacional dos Enfermeiros de Moçambique, e Domingos Davidson, da ONP.

Para Inhambane, foram propostos os nomes de Bernardino Pires, do SINTICIM, Miguel Tinga, da OTM-Central Sindical, Agostinho Roberto Buque, da Associação Moçambicana para a Promoção e Desenvolvimento da Mulher, Marta Milagrosa Mungoi e Carlota Rafael, do Conselho Cristão de Moçambique.

Em Gaza, a comissão provincial de eleições será composta por Gilberto Basílio Langa, da Igreja Nazareno, Eceu da Novidade Angélica Muiana, da OTM, Américo José Zavale, da Igreja Presbiteriana de Moçambique, Mónica Justino Bila Mugabe, da Reencontro, enquanto Ana José Soto concorreu a título individual.

A da província de Maputo terá como membros Isac Maculume Balói, Palmira Carlos Langa, Ana Selina Guiong, da associação AHIHANYI (Vivamos), Rafael Francisco Massango, do Observatório Eleitoral na Província de Maputo, e Abudo Ussene Madala Jocordasse, da Associação de Andebol de Maputo.

Na cidade de Maputo, o órgão é composto por Victor Miguel, da Associação de Futebol da Cidade de Maputo, Caetano João Meque e Ernesto Alane, da OTM-Central Sindical, Luís Munguambe, do Observatório Eleitoral na Cidade de Maputo, e Cilda Cossa, da Associação Coalizão Moçambicano.

Entretanto, não nos foi possível obter os nomes dos elementos propostos pelos partidos políticos com assento no Parlamento, uma vez que a Comissão Nacional de Eleições ainda estava no processo de recolha para posterior elaboração da lista.



cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
E-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Publicidade

Cidadania

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

Caso insólito, os alunos do curso nocturno da Escola secundária Heróis moçambicanos, na cidade de Maputo, bairro Bagamoio foram obrigados a comprar velas para fazer os teste por que não havia energia, isto é fizeram o teste a luz de velas na passada quinta, sexta.

Eu pergunto, porque não adiaram para um outro dia? Por exemplo sábado de manhã? Sinceramente só em Moçambique!

Kay'Fifty Rhymes
Nossa, foi tão romântico... Gosto · 20 · 6/4 às 12:21

Abudo Domingos Mabasso hehe kem me der tbem xtar la 6/4 às 12:38

Abdul Abubacar Mulungo Texte num clima romantico so no paix do pandza. Gosto · 8 · 6/4 às 12:42

Dj-stanna Boy Wate coizs d vrgonh 6/4 às 20:09

Benjamim Jose Veremos os reultados desse text. ja k foi realizado a luz d velas... sagrado ne?? Gosto · 6 · 6/4 às 12:39

Aderito Raul Magaia Só faltava a musica de leandro e leonardo! Gosto · 4 · 6/4 às 17:02

Nkosinathi Wish Naõ pa moxambik é uma merda.afinal d kontax pork é k exa terra ã e banida e aproveitarem o espaxo pra fazer um cural d boys ou machambas kem sabe tambem um jardim zologico pork ak ja ã da pa viver alguem a burixe tomou conta dox derigentx e criou raizes na terra so rezo k ã afete o povo moxambicano Gosto · 3 · 6/4 às 12:56

Marelu Janete Concordo contigo, moz, não devia existir.... Deviam banir e fazer uma pucilga Gosto · 1 · 6/4 às 14:17

Hamilton Macamo V6 tm noxao dok xcreveram?? 6/4 às 16:41

Nkosinathi Wish Pelo menx eu não tenho! e daí? 6/4 às 18:22

Marcia Vivalda Vivalda Poix tinha k refletir. So o facto d desejar o mal o outrn sao os teus dias k xtao cntadox pk alem d fzer tua fikax ganacioso em ver ox outrox na ruina poix pense e aja como um intelectual. 6/4 às 20:24

Arlindo A. Mondlane é gracioso esse meu pais Miller Martin, nao canso de rir-me, pena que sao desgraças...tsc Gosto · 3 · 6/4

às 12:22

Alcidio Bombi Os estudantes não podem permitir isso, vocês unidos são fortes. Gosto · 1 · 6/4 às 12:36

Claudia Bombe Clima romantiko. fazendo textx assegurando uela. dxconcentraxao total Gosto · 2 · 6/4 às 12:51

Paulo Verónica Mgd Ye tu também ate k pensaste maning bem 6/4 às 12:55

Zinha Cuambe Desconcentracao uma ova ... Cabulou se maning ... 6/4 às 13:45

Joaquim Joao Correia pouca vergonha · 6/4

Emidio Zanda Ox outros alunox cobra o teste 6/4 às 13:22

Jone Vergonha Jone Muita vergonha 6/4 às 19:47

Sérgio Abilio Absurdo 6/4 às 15:26

Edmizy Alber Rlich Os teachers são decidOs pah pOrra 6/4 às 14:24

Ariel Sonto A culpa eh da EDM. Monopólio! Gosto · 1 · 6/4 às 13:25

Guguzinho Diogo A culpa não é da instituição, é, de antemão, da EDM, é um absurdo que num país com alto nível de produção de energia haja cortes frequentes da mesma. O docente vinha já com o seu programa, e adiando o teste poderia, consequentemente, prejudicar a sua agenda. Quero crer que os resultados serão satisfatórios. 6/4 às 13:23

Edmilson Neves So mesmo em Moçambique 6/4 às 12:27

Gabriel Mbeve se cahora bassa é nossa dessa maneira é mil vezes preferivel ficar com cahora vela, ora essa! há 21 horas

Ossifo James Lisboa cá em quelimane ocorreu algo do género, sok foram adiadas as as respetivas avaliacoes, agora romantismo tambm aí na xkola pa? Que

romantico, há 23 horas

Zet Tamele Bem, aí o vigilante fica um guarda segurando uma lanterna e a rondar o perímetro da sala. Valha-nos Deus! Segunda-feira às 11:19

Muhamad Hanif Abacassamo Coisas dA eduCacao em Mocambique Domingo às 23:32

Evaristo Eva Drake HawENAAA... Ta-se mal aki em Moz Domingo às 21:23

Onorio Beto Carlos Nhansue Sinceramente ixto é moz mexm Domingo às 21:21

Anselmo Paulino Dikallas Neci caso se averem positivas em cexo nao ha razao d lhes prejudicam porki tavam livrix kabular e enviar rexpoxtax dox textos para os kolegax Domingo às 13:57

Jose Verniz Timoteo nkosinathe wish pelo nome da para ver que voce é mais porco doque os porcos que vivem nesta terra,sou mocambicano e nao gosto quando alguem ferre a minha mocambicanidade com comentarios mal formulados como o que fizeste,nao confunda liberdade de esprecao libertismo de educacao.nao é por estarmos no facebook que vou ter que aturar a tua falta derespeito para com os mocambicanos.se nao esta feliz porr viver na pocilga mude-se para o cural.viado. o vela para quem estudou,a luz de velas,de spefo podia fazer o teste,para piorar vos facilitaram a vida=aposto que tiraste a cabula e puseste na penumbra da vela.quem me dera na manynga darem um teste a luz de velas.é tao romaaaaantico Domingo às 13:35

Marcelino Castiano Cote Ex docnt si é d moz nasceu e cresceu n ilha d fogo caso cntrario é 1 oprtnsta, Domingo às 12:50

António Junior K pena desses alunos! Sera k eh justo mesmo?! Domingo às 12:37

Arlindo Francisco Teste romantico! Nao me digam que a disciplina é AMOR. Domingo às 9:1

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

O Presidente Armando Guebuza exigiu neste Domingo (7) à Renamo que “pare com atos de intimidação” e que “conviva normalmente na sociedade”, numa reação à recente onda de violência que assola o centro de Moçambique, atribuída ao maior partido da oposição.

Eu Sou Muthete
Exigir uke porque n deixao o orgulho de lado e tenerem resolver isso da melhor forma poxivel. Sera k é bem assi “exijo k a Renamo pare com ixo” pk n se comvidao pra um diálogo... estamos cansados de ser mortos tipo galinha sem dono, chega, chega basta isso é de lamentar... Agora cada um pode fazer das suas e culparem tudo a renamo, pk n conversão pra por tudo num ponto final???... Gosto · 9 · Domingo às 20:01

Filodio Conrado o guebuza nao pode exigir mas sim pedir ao lider da renamo para parar com exes ataques, ontem no rio save fomos revistados do bolsos ate nas pastas. Gent ixto ta-se mal ta xerar guerra. Gosto · 4 · Domingo às 20:00

Simoes Simoes Jr. Quando eu e mano Azagaia iniciamos todos vaivens, tiram as camisolas e nos deixam solitarios. Eu vou lutar até ao fim, esse governo não tem cura, vale a pena a SIDA e o VIH tem anti-retroviral para combater. Mas este governo da frelimo da 3a não tem solução esse gajo nao agradece, começou a comer em 2004 até hoje, vai cuidar dos teus patos estão sem

Simoes Simoes Jr. Direito, dever, obrigação é para todos. Domingo às 22:20

goste de nós no facebook.com/JornalVerdade

A Renamo, principal partido da oposição em Moçambique, desmentiu este Domingo (7) a autoria de ataques, no sábado(6), a cerca de 30 quilómetros de Muxungué, no centro de Moçambique, contra dois autocarros e um camião-cisterna, que causaram três mortos. “Eles querem imputar-nos esses ataques para confundir a opinião pública” disse o porta-voz do partido Fernando Mazanga.

Dainy Abubacar Qualquer um pode fazer isso e a culpa cair sobre a renamo! não culpemos sem provas! Gosto · 5 · Domingo às 19:36

Julia Albano nao fala ixo amg, tas a favor da renamo , e exe fardamento d renamo viram aond? Gosto · Domingo às 20:00

Joaquim Joao Correia julia, vc es crianca, vai dormir teu mal e' sono !! Qualquer um pode fazer isso e a culpa cair sobre a renamo! não culpemos sem provas! Gosto · 3 · Domingo às 19:47

Julia Albano dhakama deu armas aos famitos e mandou pa muxungue , talvez tas n grupo Domingo às 19:57

Joaquim Joao Correia Olha Dona Julia Albano Tenha

farelo nem agua por favor, não me faça chegar onde não posso. Sai do trono eu ja estou cansado contigo, voce nao ajuda prejudica. Gosto · 2 · Domingo às 22:18

Merkito Hunguana ki aproxime la e fala com o omologo

dele, isso k ele faz/fala qualquer um pod fazer, bolas pah Gosto · 1 · Domingo às 20:00

Themba Pedro Nhancale Que se cumpra o

plasmado nos acordos gerais de paz de Roma. Gosto · Responder · Domingo às 19:59

Etelvina Jamisse Guebuza nao tem k exigir nada a renamo,o k ele tem a fazr e' deixar d ser orgulhoso e cnvidar o lider da renamo para o dialogo,nao e' por ele + sim pelo exe povo inocente please. Gosto · 1 · Segunda-feira às 18:44

Simoes Simoes Jr. Quando eu e mano Azagaia iniciamos todos vaivens, tiram as camisolas e nos deixam solitarios. Eu vou lutar até ao fim, esse governo não tem cura, vale a pena a SIDA e o VIH tem anti-retroviral para combater. Mas este governo da frelimo da 3a não tem solução esse gajo nao agradece, começou a comer em 2004 até hoje, vai cuidar dos teus patos estão sem

Extenzias Tafireny ikayatongwa Becape Hey vamos falar! Todos queremos paz, agora falta maturidade para alcanca-la e valoriza-la... Quando um povo esta ser

vitima ou violentada, temos que fazer isto terminar, certo? Certo! Seja de quem for a iniciativa, simplesmente queremos paz... O povo Mocambicano quer paz! Please sejam pessoas racionais e cultas. Gosto · 1 · Domingo às 21:39

Aisha Abdul Kadir Acabe d ver descurssio d

renamo a dizer q agora perpara povo e moçambique entero e ferlimo esta bem c orgulho dele quem vai morrer aki é povo ã ele.dpos dizem q ele é papá Guebuza.pergunto eu 1 pai faz sofrer o filho com orgulho e mandar matar os filhos. Gosto · 1 · Domingo às 20:29

Joifice Albino Guebuza é uma fantochada, esta a pedir a Renamo pra parar com os ataques ao envez de conversar com a Renamo. Domingo às 20:09

Geldo Cossa e necessario fazer algo mais que este comentario Segunda-feira às 9:51

Jofe Ganijo Pires Ate Aonde Vamos Com Essa Palhaçada Sua Excelencia? Afinal de Contas quem Comanda o Game? Segunda-feira às 8:34

mais atencao nas suas opinioes....ta!!! Gosto · 1 · Domingo às 20:03

Betinho Abdala Abdulcadre os famintos sao os tropas da flm. Domingo às 20:30

Ismael Momade Adamo Vai ser facil acusar e culpar a Renamo graças a RM e TVM e alguma Impresa que no lugar de trazer a VERDADE vai se EMOCIONANDO E DESINFORMAR O POVO. Gosto · 3 · Domingo às 19:58

Dainy Abubacar Olha nem tudo foi cumprido no acordo assinado! Mas durante a governação do chissano não houve isso! Ele saia do palácio pra encontrar-se com o lider da renamo! Pok o actual presidente não o faz? Tenho acompanhado de perto o que ta acontecendo! E garanto! Esse governo

pouco ta fazendo pra resolução desse problema Gosto · 1 · Domingo às 20:30

Nelio Langa Todos sao assassinos, resta saber que supera o outro. Sinto muito por meus compatriotas · 2 · Domingo às 19:52

Joaquim Joao Correia falem o q quizerem... tenho a certeza que Guebas ou Djackama nao nos ouvem !!!! somos carne de canho para eles, e nada mais.. a verdade e' uma: ninguem quer guerra !!!! Domingo às 20:34

Rui Alexandre Tenreiro Caro Joaquim, e melhor fazeres um desenho porque esses dois SRs nao sabem o que e carne para canhao Segunda-feira às 8:00

Emidio Zanda Pk a fir provocou a sed da renamo · Domingo às 19:49

Selo d'@Verdade

Polícia assassina! É preciso despir a PRM das suas AK-47...

Ontem quatro elementos da PRM dispararam da sua AK-47 quatro tiros, dirigidos a mim.

Tal aconteceu quando, de madrugada, cerca das duas horas da manhã, eu e dois convidados estrangeiros meus regressávamos a casa e os “lanterninhas cinzentinhos” mandaram-nos parar em frente à sede do banco BCI. À cautela e àquela hora da noite, parei e, depois de ser abordado com um “hey você, dá lá documentos”, eu questionei se aquela era uma forma de tratar os cidadãos. Recebi um “dá lá” de um que estava parado do lado condutor, e outro “encosta, encosta” do que estava na zona divisória da 25 Setembro, enquanto engatilhava a arma.

Voltei a questionar ao “cinzentinho” que estava ao meu lado “se ele era mesmo polícia, e se me podia mostrar a identificação” pois com essa atitude mais pareciam ladrões do que polícias. O que anteriormente tinha engatilhado a arma, e já tinha chegado mais perto do carro, dispara então dois tiros para o ar e grita para eu “encostar”.

Nesse momento fiquei completamente receoso do nível de violência que estava a enfrentar destes agentes da PRM, simplesmente porque questionei a sua identificação. Eu disse: “Olha o senhor pode disparar o que quiser, mas ou me mostra a sua identificação ou eu vou seguir até a esquadra, e lá mostrarei que não sou bandido, nem assassino. Vou-me afastar bem devagarinho para que também não possam argumentar que eu me encontrava a fugir”. De seguida, pus-me em marcha consideravelmente lenta.

Esta situação e os disparos já tinham assustado os guardas da zona e gerado alguma preocupação. Nesse momento, pus-me a olhar para os polícias quando eles disparam mais dois tiros, e tenho que dizer que não sei em que direcção. O que garanto é que os meus convidados estavam a competir com o tapete do carro a

ver quem ocupava maior espaço de tão assustados que estavam.

Dirigi-me imediatamente à esquadra. Quando lá cheguei, fui bem saudado pelos três elementos que estavam de serviço. Quando expliquei que tinha sido alvo de disparos, o elemento que parecia ser oficial de dia pediu-me imediatamente que fôssemos ao local “para não termos que esperar pelo carro”. Saímos e, quando chegámos ao local, já lá não estavam mas, felizmente, os guarda do BCI disseram-nos em que direcção tinham seguido, tendo-os encontrado escondidos numa das entradas do prédio logo a seguir à Pastelaria Continental.

Logo que os polícias se aperceberam de que eu tinha retornado com um elemento igualmente fardado, um deles, imediatamente, levantou-se e pôs-se a fugir, com o carro ainda em andamento. Somente com três elementos, seguimos até a esquadra, onde tenho que dizer que me senti muito bem tratado como um cidadão que tinha apresentado uma queixa.

De imediato identificou-se a arma, confirmou-se que houve disparos e, depois de muita relutância, apurou-se a identificação do elemento que fugiu.

Em nome da segurança pública, intentei uma acção contra os agentes prevaricadores e irei seguir o processo até o seu desfecho!

Elementos como estes não merecem o direito de porte e uso indiscriminado de algo tão letal como uma AK-47. Conforme disseram os meus visitantes, quando eu e o oficial de serviço nos desculpámos, “no nosso País (Escócia) o polícia não tem acesso indiscriminado a este tipo de armas. É importante continuarem a lutar para que neste vosso País a bala nunca possa ser maior que a verdade”!

Erik Charas

...Filósofos Moçambicanos: O conforto de um silêncio cúmplice

É triste o que vi na semana antepassada antes do clássico moçambicano que envolvia as formações do Maxaquene e do Costa do Sol, quando os “tricolores” receberam o troféu correspondente ao título conquistado no ano passado, ao invés de ter sido entregue na última jornada, conforme aconteceu com a Liga Muçulmana nos dois anos consecutivos quando se sagrou campeã nacional com Artur Semedo.

A mesma sorte que a Liga teve de ter a taça e festejar ainda quente a conquista do título, os “tricolores” não tiveram e, como se não bastasse, houve demora ou porque não afirmar “ameaça” por parte de alguns dirigentes que colocavam a hipótese de o campeão não ser homologado. Foram tantas voltas até que a Liga Moçambicana de Futebol decidiu oficializar que o Maxaquene é campeão, numa altura que já era difícil fazer a festa com pompa e circunstância *como sói dizer-se*.

Isto está mesmo estranho, caros desportistas, desportivamente falando. A entrega do troféu ao Maxaquene, no Zimpeto, naquele Domingo, não teve a cobertura necessária por parte da Imprensa, pois não vimos nem imagem do Maxaquene com a taça nas publicações posteriores nem nos desportivos da passada Segunda-feira, daí vem aquela máxima segundo a qual há jornalistas desportivos comprometidos ou controlados pelos dirigentes da Liga Muçulmana, para produzirem artigos a favor e promover apenas aquele clube.

Entretanto, não bastou a demora na entrega da taça. Ela é entregue e nada se noticia no dia seguinte; sorte é que a nossa televisão pública estava a transmitir em directo, tudo por causa do jogo do dia, caso não, ninguém ficaria a saber

se Salvado e a sua comitiva receberam o troféu ou não.

Triste ainda é ver o próprio Costa do Sol, quando no momento da entrega do cepetro, os seus jogadores distanciaram-se da formatura e foram aquecer, como se nada estivesse a acontecer, deixando apenas os membros do Governo, chefiados pelo Primeiro-Ministro Alberto Vaquina e o Maxaquene na cerimónia de entrega da taça. Onde está o “Fair Play”? Custa reconhecer e cumprimentar os colegas de profissão pelo título conquistado? Que situação!

Eu considero isto maus tratos ao Maxaquene. Os mesmos tratos (maus) estendem-se ao Vilankulo FC que até hoje é o clube mais sacrificado nas viagens para efectuar os seus jogos, pois fá-lo via terrestre porque a LMF não tem o patrocínio da MEX, empresa responsável pelas viagens aéreas àquele ponto da província de Inhambane.

Porque é que não se negocia com o clube para este entrar com uma parte nos custos das passagens? Ou para este caso vertente, sacrificar-se um parceiro de tantos existentes que apoiam o Moçambola, para se responsabilizar pelas deslocações do Vilankulo FC?

Este será mesmo um problema sem solução? O que sei é que se o problema está identificado, o mesmo deixa de existir. Quantas assembleias e reuniões os homens da LMF já realizaram com parceiros? Falaram com eles sobre o mesmo problema? Ou, pura e simplesmente, ninguém quer ver este cenário ultrapassado? Não creio... não há vontade por quem de direito.

Alcides Bazima

Ameaças da RENAMO vs estupro à Dignidade da Política

Corre, nos últimos tempos, um discurso politicamente despidido de ética e de sentido de ser e estar por parte da RENAMO, partido que é uma referência na nossa jovem democracia. O discurso em referência está virado para não participação da RENAMO nos próximos pleitos eleitorais e também para o boicote, para que o mesmo não tenham lugar.

Independentemente da razão ou não desta medida, ela peca por querer limitar as liberdades do povo moçambicano, isto se for consumada a sabotagem ao escrutínio. A RENAMO, democrata como se diz ser, dança a mesma música que muitos outros que se autoproclamam democratas, ao fundar-se em princípios totalitaristas e ditatoriais para se afirmar em democracia.

Uma questão fundamental e pertinente em democracia é o respeito pelas escolhas das pessoas, quer dizer a liberdade política do indivíduo, que se consuma como dignidade da política se quisermos chamar aqui ao diálogo a politóloga Hannah Arendt. Esta filósofa da época moderna dizia que *o sentido da política é a liberdade, pois a política não é feita por um homem mas sim por muitos homens. Deus criou o homem e a política criou os homens. A política é sinónima de pluralidade. Todos os homens devem aparecer no espaço público para mostrar o que são e o que pensam. É no espaço público que os homens são iguais*.

Porém, a postura da RENAMO leva-me a concluir que estaremos de regresso à velha concepção da política, segundo a qual a ela era sinónimo de guerra e destruição. Sobre esta postura, Hannah Arendt, enaltece a espontaneidade revolucionária, mas não a violência fabricadora do projecto revolucionário.

É que esta violência que fundamenta o discurso e a forma de fazer política da RENAMO repele os seus membros e os demais

que, se calhar, mesmo sem serem membros, depositavam alguma esperança naquela formação política. A mesma RENAMO que iniciou a Guerra Civil em Moçambique em nome da democracia, hoje parece estar a fazer um investimento emocional para o retorno à guerra, alegadamente porque o acordo ou projecto saído de Roma não foi cumprido.

Independentemente da razão que este partido possa ter, não é razoável que ela (a RENAMO) se proponha a estuprar a liberdade do Povo. O discurso da RENAMO parte de pressupostos em fase de decomposição, pois alguns dos seus membros estão a ocupar posições em órgãos soberanos do nosso país, saídos dos processos eleitorais que são por este partido questionados e rejeitados. Como pode a RENAMO convencer quem quer que seja que é pela defesa dos interesses da maioria que pretende agir como diz que vai?

Moral e eticamente, o discurso da RENAMO está a ficar cada vez mais pálido por não conseguir superar ou actualizar os pressupostos do seu funcionamento. Continua a RENAMO a buscar argumentos belicistas e ameaçadores para legitimar-se e fazer-se sentir no cenário político nacional. Esta estratégia pode funcionar, mas também pode ser uma espécie de feitiço que vira contra o feitiço, se consideramos que neste País ninguém quer voltar à guerra.

Se a RENAMO quer ser um partido moderno e com uma visão mais ampla, deverá deixar de recorrer aos discursos escondido nas matas de Gorongosa para se impor na esfera política nacional. Não cabe em mim que a RENAMO se queira abster dos processos eleitorais alegadamente porque os órgãos estão partidizados. Tenho estado a dizer que a questão da partidização faz parte do discurso de políticos desesperados e à beira da

falência discursiva. Este partido está a investir numa chantagem que não tardará a trazer os resultados desejados.

Esta mesma RENAMO, que não reconhece os órgãos eleitorais, encontra-se acomodada na casa do povo para aprovar as suas regalias e benesses, como resultado de processos eleitorais dirigidos pelo STAE e pela CNE. Qualquer partido que esteja no Parlamento ou em qualquer órgão que lhe confere alguma visibilidade devia aproveitar para mostrar ao povo qual seria a melhor estratégia de governação.

O ideal democrático e da política, como vimos por exemplo em Hannah Arendt, é a liberdade de escolha de cada um de nós. Por via disto, acho que cabe ao povo moçambicano escolher se quer ou não que as eleições tenham lugar, pois ao proceder como sugere, a RENAMO estará a declarar guerra contra quem diz que defende.

Estrategicamente, a RENAMO quer simular a sua demissão da política para recuperar legitimidade no seio dos eleitores e fazer-nos crer que ela ainda tem capacidade para desestabilizar o País, porém, esta visão pode não ser bem vista por quem sabe a dor de perder tudo devido à guerra e à destruição.

Creio que alguém anda a fazer um falso investimento em nome da fortificação da RENAMO, procurando convencer esta formação política de que a palavra boicote ainda intimida o povo. Na verdade, estão os investidores desta imoralidade política a dizer que a RENAMO não conseguiu urbanizar-se politicamente.

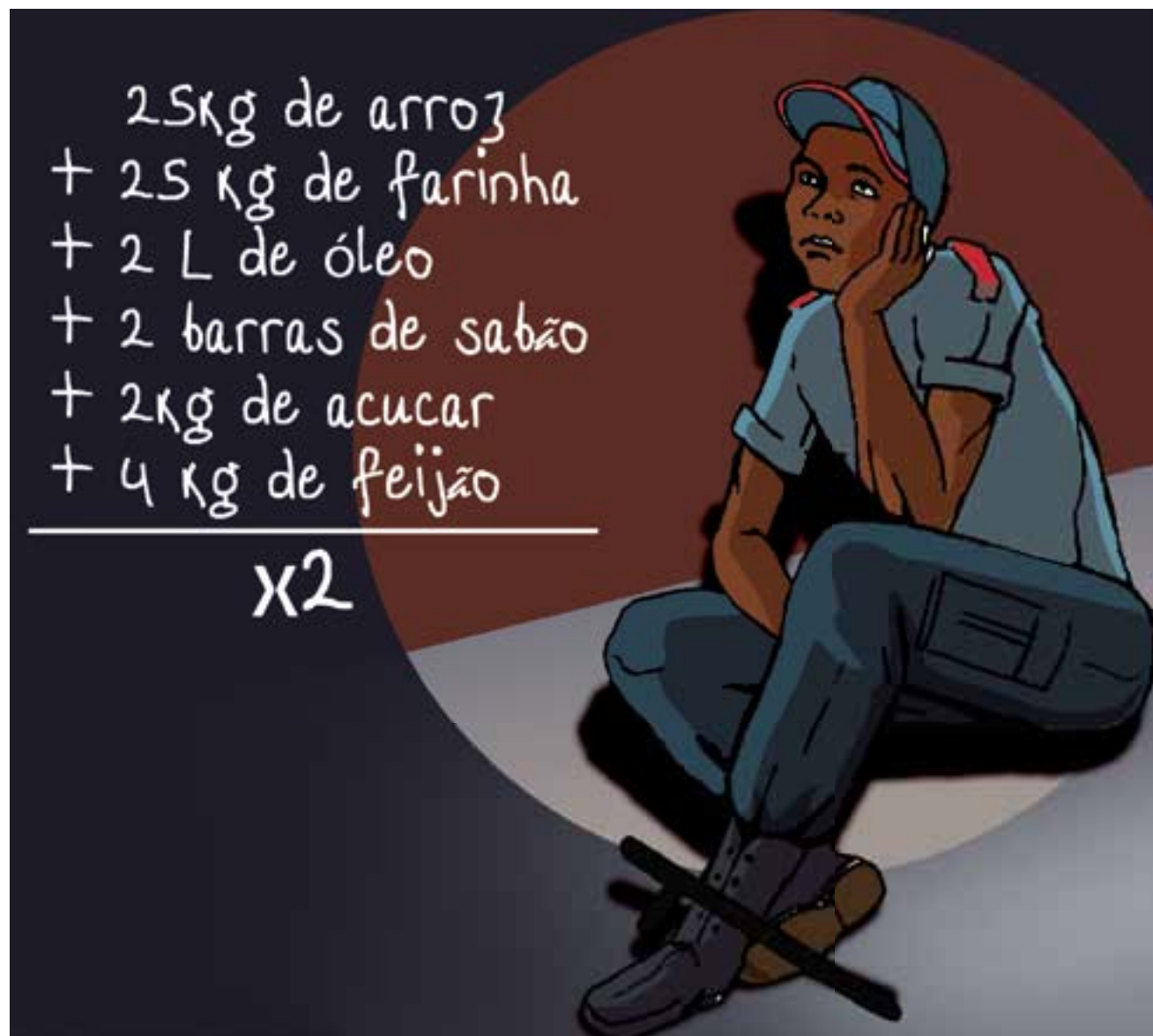
Viva a democracia e a dignidade da política que se fundamentam na liberdade!!!

Lázaro Bamo

(Sobre)viver à míngua

Diante da subida sistemática de preços dos produtos de primeira necessidade, os moçambicanos que auferem o ordenado básico nacional são obrigados a cortar da sua lista alguns produtos alimentares todos os meses. Apesar dos reajustes salariais aprovados pelo Governo anualmente, as famílias passam por um sufoco para ajustar o orçamento doméstico ao cenário actual. A questão que se coloca é: Como é que sobrevivem os trabalhadores que auferem o salário mínimo? À míngua! É o que @Verdade constatou.

Texto: Redacção • Ilustração: Hermenegildo Como



O que para os outros trabalhadores moçambicanos pode significar um momento de sossego, o fim de cada mês para Selemane António, de 34 anos de idade, é o princípio de uma dor de cabeça. Residente no bairro de Namutequeliua, arredores de Nampula, o chefe de um agregado familiar composto por sete pessoas tem de recorrer à ajuda de uma calculadora para fazer as contas das despesas mensais que o seu ordenado não cobre. “Não tem sido fácil fazer matemática com o dinheiro que ganho no final do mês. Na verdade, sinto-me bem sem o salário nas mãos”, diz, explicando que a situação se deve à subida galopante de produtos de primeira necessidade aliada ao seu paupérrimo salário.

António é serralheiro, trabalha para uma empresa privada na cidade de Nampula e auferia salário mínimo no valor de 2.675 meticaís mensalmente. “Sou pai de cinco filhos e com esse dinheiro não dá para sustentar a minha família durante 30 dias”, desabafa e acrescenta: “tem sido uma vida difícil, uma vida de muito sofrimento porque, o salário que ganho só dá para comprar um saco de 25 quilos de arroz, de farinha de milho, um litro de óleo vegetal e pagar as contas de água e luz”.

O ordenado é repartido da seguinte maneira: 1200 meticaís são destinados à compra de 25 quilos de arroz (630) e 25 de farinha de milho (540), energia eléctrica (500), água (200), transporte (200) e o remanescente é usado para as pequenas despesas diárias como, por exemplo, a compra de tomate, sabão, óleo vegetal e açúcar. E comer pão no pequeno-almoço é um luxo que tem vindo a ser adiado pela sua família e, todos os meses, a probabilidade disso continuar a não acontecer aumenta.

“Quando penso que será desta vez que terei a situação melhorada, surgem mais despesas, mas, quando posso, compro mandioca para que os meus filhos tenham o mata-bicho”, afirma. Se há dois meses, dispondo do salário de 2.675 meticaís, António podia comprar três quilos de feijão manteiga ou 10 quilos de carapau, presentemente, devido à subida desenfreada de preços dos bens de primeira necessidade, com aquele valor só pode obter um saco de arroz de 25 quilogramas, a mesma quantidade de farinha milho e pagar as contas de água e luz.

Prestes a terminar o primeiro trimestre do ano lectivo, Selemane António afirma que ainda não conseguiu comprar uniforme para os seus três filhos devido à falta de dinheiro. Um metro de tecido custa, em média, 40 meticaís,

mas ele afirma que precisaria de 600 meticaís para ter a situação resolvida.

O serralheiro não se entusiasma com a notícia segundo a qual se espera neste mês mais um reajuste salarial, pois acredita que “esse aumento não vai mudar a minha situação. O melhor ordenado mínimo tinha de ser 7 mil meticaís porque se ajusta ao actual cenário de elevado custo de vida. Teria dinheiro suficiente para comprar produtos alimentares, mobiliário, roupa e uniforme para os meus filhos, além de ficar com um pouco para resolver questões que vierem a surgir ao longo do mês”. Para sobreviver, além de serralheiro, Selemane António dedica-se a uma outra actividade: a de guarda-nocturno.

Jaimito José, de 21 anos de idade, é outro exemplo de quem auferia o salário mínimo e tem de sobreviver com esse montante. Residente na cidade de Nampula, o vigilante de uma empresa de segurança privada ganha 3600 meticaís mensais, e a sua “ginástica” para garantir o sustento da sua família não difere da de Selemane António.

Ao contrário de António, José gasta o seu salário somente na compra de produtos alimentares. “O que ganho só dá para isso e mais nada”, desabafa. Com dois agregados familiares por sustentar, ele tem de fazer as contas com o magro salário para que nenhum dos membros da sua família morra de fome. Todos os meses, compra dois sacos de arroz e a mesma quantidade de farinha de milho, sendo um saco de cada produto para a sua casa e outro para a da sua mãe.

Além de dois sacos de 25 quilos de arroz e farinha de milho, a despesa inclui dois litros de óleo, duas barras de sabão, dois quilos de açúcar e quatro de feijão. No total, despende 2980 meticaís. “O que resta serve para os meus caprichos e os da minha esposa”, diz.

O chefe de uma família composta por cinco pessoas, Jaimito José, fez saber que para reforçar a renda familiar tem de vender no quintal da sua casa sal e farinha de milho. E afirma que, em nenhum momento, o seu salário cobriu as suas despesas básicas, nomeadamente a alimentação, a renda de casa e o transporte. Para o nosso interlocutor, o novo reajuste de salário não vai melhorar a sua situação financeira, pois continuará a contrair dívidas para sobreviver, tendo acrescentando que, fazendo as contas, por dia gasta mais do que ganha com o transporte, da casa para o posto de trabalho e vice-versa, e alimentação.

A funcionária pública, Fernanda Aiuba, que ganha mensalmente 2850 meticaís, opta pela prática de xitique para atender a algumas necessidades vitais suas e dos membros da sua família. Com um agregado constituído por seis pessoas, conta que tentou uma actividade comercial, mas não deu certo. “Este valor é muito pouco, só dá para pagar a renda e a alimentação”, comentou acrescentando que à medida em que os salários são reajustados os preços dos produtos não param de subir.

Estes são apenas exemplos de indivíduos - num universo de milhares - que compõem uma classe de trabalhadores moçambicanos que auferem o salá-

rio mínimo nacional e todos os meses são obrigados a buscar outras alternativas para sobreviverem ao elevado custo de vida. Apesar dos reajustes positivos anuais que o salário básico nacional vem sofrendo desde a sua fixação, o aumento não tem efeito significativo no orçamento doméstico, até porque a batalha dos sindicatos de ver ajustado o vencimento ao valor do cabaz mínimo de uma família composta por cinco pessoas continua a fracassar.

Mesmo tendo em conta a proporção a ser acrescida ao salário, a ser anunciada na próxima segunda-feira (15), o seu vencimento continuará quatro vezes abaixo do custo de uma cesta básica necessária para um agregado familiar de cinco pessoas viver com alguma dignidade. Ou seja, o salário mínimo estará aquém de satisfazer as necessidades elementares de alimentação do cidadão comum, pois o poder de compra do consumidor tem vindo a decrescer como consequência do sistema de fixação do valor base do salário mínimo e do fraco poder negocial dos sindicatos. Face a esta situação, alguns indivíduos procuram alternativas para garantir o sustento diário da família.

A cesta “magra” versus custo de vida

A cesta básica é tida como o conjunto de produtos básicos para o sustento de um agregado familiar constituído por cinco pessoas durante um mês. O

cabaz, composto por arroz, farinha de milho, açúcar, amendoim, feijão manteiga, óleo vegetal, sabão, peixe, pão e hortofrutícolas, foi desenhado em 1987 para servir de fixação do primeiro salário mínimo nacional. Entretanto, desde a sua introdução no país, não há nenhum registo de que, em algum momento, chegou a cobrir, ao menos, metade das necessidades de alimentação dos trabalhadores moçambicanos.

Nos últimos anos, o poder de compra do consumidor moçambicano que aufer o salário mínimo tem vindo a decrescer. A queda é associada à desproporcionalidade entre o crescimento do salário mínimo e o incremento do nível geral de preços dos produtos que compõem a cesta básica.

O @Verdade visitou os principais mercados da cidade de Nampula tendo constatado que o custo de produtos alimentares como, por exemplo, tomate, arroz, peixe, farinha de milho, cebola, óleo, batata, feijão manteiga, frango e ovos tem vindo a sofrer um aumento significativo, que varia entre 10 e 40 por cento quase todos os meses.

Nos finais de Março, no mercado central, o custo de uma cesta básica, para o sustento de um agregado familiar-tipo de Moçambique composto por, pelo menos, cinco pessoas rondava os 7 mil meticaís. Já nos mercados da Resta, 25 de Junho (Matadouro), Memória e Pinto Soares (Faina) o preço oscilava entre 5 mil e 7200 meticaís. Presentemente, naqueles locais onde a maior parte dos municípios de Nampula obtém os produtos de primeira necessidade, o cabaz ronda os 8500 meticaís, em alguns casos chegando a atingir os 10 mil meticaís.

A tabela de preços de bens de consumo praticados nos principais mercados de Nampula inquieta os consumidores. A título de exemplo, regra geral, o quilograma de arroz custa 30 a 35 meticaís, o de farinha de milho (30) e o de feijão manteiga (35), contra os 28, 27 e 28 meticaís, respectivamente, que eram cobrados anteriormente. O mesmo ocorre com os produtos como frango, batata, açúcar, cebola, ovos e peixe (carapau) cujo custo também regista uma variação considerável.



Pão, gás, carvão vegetal e transporte

Os preços de alguns produtos estão, ainda, longe de se adequar ao salário mínimo em vigor no país, facto que faz com que o custo de vida seja muito elevado para o cidadão comum.

A reportagem do @Verdade em Nampula saiu à rua para se inteirar da subida de preços que tem lugar em alguns estabelecimentos comerciais desta urbe. Por exemplo, o pão de 300 gramas que antes (há sensivelmente sete meses) era vendido a 1.5 metical, presenteemente, custa dois meticaís; o de 400 gramas, que era adquirido a dois meticaís, custa 2.5 meticaís, assim sucessivamente. No cômputo geral, o agravamento é de 50 centavos.

O custo de carvão vegetal registou uma subida galopante, pois há três meses, ou seja, no período antes da época chuvosa, era comercializado ao preço que variava entre 100 e 150 meticaís. Neste momento, um saco de 90 quilogramas é comprado a um valor que varia entre 200

e 250 meticaís, sem espaço para negociações com vista a reduzir o preço. Esta quantidade não chega para suportar as três refeições diárias por um período de, aproximadamente, um mês. Para cobrir os 30 dias, um funcionário que vive do salário mínimo com um agregado familiar composto por cinco pessoas necessitaria de, pelo menos, dois sacos de carvão.

O gás de cozinha, cuja botija de 23.3 kg custava 700 meticaís há um ano, sofreu um acréscimo de 50 meticaís, estando, neste momento, a 750 meticaís. Entretanto, para sustentar uma família de cinco pessoas, é necessário adquirir outra botija até que venha o salário seguinte, o que não tem sido fácil, pois o montante é insuficiente para o efeito.

A outra questão que torna insustentável a vida do funcionário que, mensalmente, aufer um salário mínimo é o transporte de casa para o seu posto de trabalho e vice-versa. Actualmente, o custo do transporte semi-colectivo de

passageiros é de 10 meticaís. Este valor foi alterado nos finais do ano passado numa acção coordenada entre a edilidade e a Associação dos Transportadores de Nampula (ASTRA). Na altura, foram estabelecidos pontos intermédios, sendo que o valor para cada local é de cinco meticaís e, para completar a distância até o destino, o utente deve pagar 10 meticaís. Por exemplo, quem reside no bairro de Mutavarex e o seu local de trabalho se situa na zona da Faina é obrigado a desembolsar 10 meticaís.

Até o final do mês, as suas contas atingem os 300 meticaís, sem contar com as da sua esposa, que também esteja a trabalhar na cidade e que, todos os dias, necessita de utilizar o “chapa-100”. Imagine-se que os filhos e outros componentes do agregado familiar deste casal sejam estudantes de escolas localizadas em zonas distantes de casa. Os gastos destinados apenas ao transporte é bastante elevado, relativamente ao ordenado mensal dos dois cônjuges.

Concertação social

Desde o mês passado decorre a discussão para a fixação do salário mínimo nacional para 2013. Como sempre, a Organização dos Trabalhadores de Moçambique – Central Sindical (OTM-CS) quer ver ajustado o salário básico dos trabalhadores de todos os sectores de actividades económicas ao valor do cabaz mínimo para um agregado familiar composto por cinco a sete pessoas.

Porém, nesse encontro a OTM-CS tem como oposição “uma muralha” constituída pelo Governo e pelo empresariado nacional, que afirma que o aumento exigido pelos sindicalistas não faz sentido, embora o desempenho da economia tenha sido positivo em alguns sectores. E, como sempre, nessa concertação social a corda vai rebentar do lado mais fraco.

O custo de vida no país tem vindo a aumentar e, consequentemente, afecta o já diminuído bolso das famílias moçambicanas, não se vislumbrando ainda planos para aliviar a carestia de vida. Segundo os novos cálculos da OTM-CS, o preço da cesta básica, para o sustento de um agregado familiar composto por, pelo menos, cinco pessoas durante um mês, ronda os 7.700 meticaís, pondo de lado despesas relacionadas com higiene, carne vermelha e entretenimento, mas a maior parte dos salários mínimos está muito abaixo da metade do valor do cabaz. Ou seja, como sempre, o valor final do salário mínimo a ser aprovado pelo Governo não irá ao encontro da expectativas dos sindicatos.

O que poderia constituir um resultado animador para o país é, na verdade, uma má notícia para os trabalhadores moçambicanos que auferem o vencimento mais baixo. Em breve análise ao desempenho de cada sector de actividade, a conclusão a que se chega é a de que em 2012 se verificou um crescimento económico. Mas, por outro lado, assistiu-se a um aumento generalizado dos preços de bens e serviços essenciais, o que acabou por afectar o poder de compra por parte dos trabalhadores e da população em geral. Apesar do comportamento positivo da economia, os parceiros sociais não vão ceder às pressões dos sindicalistas.



Documentos sobre negócios do Brasil com Angola e Cuba foram tornados secretos

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Fernando Pimentel, tornou secretos os documentos relativos às operações de financiamento aos Governos de Angola e Cuba, que só no ano passado ultrapassaram os 670 milhões de euros.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Ricardo Stuckert/REUTERS

Segundo uma investigação do jornal Folha de São Paulo, “com a decisão (do Governo brasileiro), o conteúdo dos documentos só poderá ser conhecido a partir de 2027”.

O diário paulista referiu que os documentos poderiam revelar “os reais interesses do Governo brasileiro nesses negócios”, os critérios escolhidos para tais investimentos, assim como algum “parecer contrário” a estas transacções que tenha sido “ignorado” pelas autoridades brasileiras.

O Ministério do Desenvolvimento esclareceu que os documentos foram colocados sob sigilo porque envolvem informações “estratégicas”, documentos “apenas custodiados pelo Ministério” e dados “cobertos por sigilo comercial”, como informações relativas aos Governos de outros países e de empresas.

Os actos para a declaração de secretismo foram assinados por Fernando Pimentel em Junho de 2012, um mês após a entrada em vigor da Lei de Acesso à Informação, de acordo com dados obtidos pela Folha de São Paulo.



Antes da nova Lei de Acesso à Informação, já existia legislação que previa a classificação de documentos em diversos graus de sigilo, mas é a primeira vez que se aplica o termo “segredo” em casos semelhantes, segundo reconheceu o próprio Ministério.

No ano passado, o Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (BNDES) disponibilizou 875 milhões de dólares para operações de financiamento à exportação de bens e serviços de empresas brasileiras para Cuba e Angola.

O país africano superou a Argentina e passou a ser o maior destino de recursos dos bens e serviços brasileiros.

Só em 2012, o BNDES financiou operações para 15 países, no valor total de 2,17 mil milhões de dólares, mas apenas os casos de Cuba e Angola receberam os carimbos de “segredo” no Ministério do Desenvolvimento.

Segundo explica o jornal, isso ocorreu porque havia “memorandos de entendimento” entre Brasil, Cuba e Angola que não existiam noutras operações do género.

O secretismo abrange praticamente tudo o que se relaciona com as negociações entre Brasil, Cuba e Angola, como memorandos, pareceres, correspondências e notas técnicas.

O diário brasileiro indicou que há “pistas” sobre o destino do dinheiro – contudo, estão em informações públicas e em comentários da Presidente da República, Dilma Rousseff.

Em Havana, onde esteve em Janeiro para um encontro com o Presidente Raúl Castro, Dilma Rousseff afirmou que o Brasil financiava boa parte da construção do Porto de Mariel, a 40 quilómetros da capital, obra executada pela construtora Odebrecht. A Presidente declarou ainda que o Brasil estava a trabalhar para “amenizar” os efeitos do embargo económico a Cuba.

“É impossível considerar como correcto o bloqueio de alimentos a um povo. Por isso estamos a participar, financiando, através de um crédito rotativo, 400 milhões de dólares de compra de alimentos no Brasil”, informou nessa altura.

Na visita a Angola, em 2011, Dilma Rousseff afirmou que “os mais de 3000 milhões de dólares disponibilizados pelo Brasil fazem de Angola o maior beneficiário de créditos no âmbito do Fundo de Garantias de Exportações” do BNDES.

O diário brasileiro revelou que o ex-Presidente Lula da Silva esteve em Angola, em 2011, para participar num evento patrocinado pela construtora Odebrecht.

O Ministério do Desenvolvimento indicou que os financiamentos têm o objectivo de dar competitividade às empresas brasileiras nas vendas ao estrangeiro.

O jornal Folha de São Paulo não conseguiu falar com as assessorias das embaixadas de Cuba e de Angola.

Banco do BRICS chega com promessas e dúvidas

O banco que os chefes de Estado e de governo de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) acordaram criar para promover o desenvolvimento e a infra-estrutura é visto com cepticismo por alguns círculos, segundo os quais não terá o efeito esperado.

Texto: John Fraser/IPS

“Não creio que terá muito impacto na África do Sul, onde o capital não é um problema, mas sim a política”, disse à IPS o subchefe executivo do Instituto Sul-Africano de Relações Raciais, Frans Cronje.

A constituição da entidade financeira foi aprovada na quinta cimeira do BRICS, realizada nos dias 26 e 27 de Março, na cidade sul-africana de Durban. Há preocupação porque alguns detalhes fundamentais ainda devem ser acordados. Analistas dizem que as operações do novo Banco de Desenvolvimento do BRICS deverão ser acompanhadas muito de perto para se conseguir um impacto real no Sul. “Esta nova instituição será muito menor do que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), por isso a sua influência será marginal comparada com o dessas instituições”, apontou Cronje.

A ideia com que se lida é a de que todas as nações do BRICS contribuam com 10 biliões de dólares para o capital inicial do banco. Mas Cronje considera “estranho” a África do Sul também pagar essa quantia, considerando que representa apenas 2% do Produto Interno Bruto do grupo. “Este é um projecto presunçoso para a África do Sul? Afastar-se do equilíbrio do Banco Mundial e do FMI é simples romantismo ideológico?”, questionou.

Já está claro que o banco se concentrará em projectos de infra-estrutura, mas ainda há incerteza sobre vários detalhes, incluindo o seu alcance geográfico, o lugar onde ficará a sua sede central e a moeda, ou moedas, com a qual vai operar. “A primeira atenção do banco será a infra-estrutura, e assim deve ser”, disse à IPS o economista independente Mike Schussler, de Johannesburg.

“Haverá discussões sobre onde colocar o dinheiro, pois tanto

a África do Sul como o Brasil, a Rússia e a Índia necessitam de infra-estrutura, e haverá carência de fundos”, alertou Schussler. “Assim, o desafio será ver até quanto se pode comprometer com os recursos, que são inicialmente escassos”, indicou.

Memory Dube, pesquisadora do Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais, organização não governamental, afirmou que a decisão do BRICS de criar um banco foi um passo “significativo” do grupo na sua evolução para uma aliança sólida e sustentável. “Proporciona institucionalização ao BRICS, que até agora era um agrupamento pouco estruturado, e unirá mais os seus membros”, previu. “Esta é uma instituição que pertence ao BRICS e será administrada pelo BRICS. Não há dúvida de que o grupo continuará a existir dentro de dez ou 20 anos. Isto é algo tangível”, declarou à IPS.

No entanto, o porta-voz do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos, Patrick Craven, mostrou-se cauteloso sobre a criação do banco. “É muito cedo para fazer uma avaliação. Queremos saber sobre muitos detalhes a respeito de como vai operar e quem o dirigirá”, acrescentou. “Insistiremos em que o seu mandato seja muito diferente em relação ao do Banco Mundial e do FMI, que são utilizados para reforçar o domínio das economias da América do Norte e Europa ocidental, e têm um efeito muito negativo nos países em desenvolvimento ao impor condições para os empréstimos”, afirmou. Para ele, o novo organismo do BRICS “deverá promover o desenvolvimento, a industrialização e a criação de empregos”.

O empreendedor Sandile Zungu é um dos cinco delegados sul-africanos que ocuparão o novo Conselho de Negócios do BRICS, também lançado na cimeira de Durban. “No geral, os projectos

de infra-estrutura na África do Sul e no resto da África têm o potencial de beneficiar um ou mais países do BRICS”, disse à IPS por telefone, de Durban. “Com o novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, esses projectos terão melhores possibilidades de obter financiamento do que com o Banco Mundial. Haverá maior reserva de fundos”, opinou.

No entanto, Dube disse estar ansiosa por saber onde ficará a sede central do banco. A África do Sul expressou o seu interesse em ser a sede, mas a China é outro forte candidato. Porém, Zungu acredita que a África do Sul é a melhor opção entre as nações do BRICS. “Pode-se dizer que a África do Sul tem o melhor sistema de serviços financeiros de todos os países do BRICS, e o Banco Mundial corrobora-o. Também estamos mais perto da área necessitada de desenvolvimento de infra-estrutura”, destacou.

Dube também disse desejar conhecer mais detalhes sobre o novo banco. “Se a sua estrutura for adequada, poderá fazer uma grande diferença”, afirmou. A especialista destacou a importância da estrutura de financiamento do novo organismo. “Ouvimos dizer que cada país do BRICS contribuirá com 10 biliões de dólares. Mas, será o suficiente? Também quero saber mais detalhes sobre a estrutura de tomada de decisões” da nova instituição, pontuou.

“Além disso, precisamos de conhecer as regiões onde vai operar. Será para todas as nações em desenvolvimento ou apenas para os membros do BRICS? Depois, temos que ver quais serão as suas prioridades de investimento e com que moeda vai operar. Será o dólar norte-americano ou as nações do BRICS decidirão operar com as suas próprias moedas?”, perguntou Dube.

Com autorização de quem é que Beyoncé e Jay-Z entraram em Cuba?

Que legalidade tem a viagem dos cantores Beyoncé e Jay-Z a Cuba? A pergunta é de dois congressistas republicanos ao Governo de Barack Obama. Apesar do embargo económico dos Estados Unidos a Cuba, o casal teve ou não autorização para fazer a viagem que decorreu na semana passada?, questionam.

Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

Numa carta enviada, Sexta-feira (5), a Adam Szubin, responsável pelo controlo de activos estrangeiros do Tesouro norte-americano, Ileana Ros-Lentinen e Mario Diaz-Balart, ambos representantes do estado da Flórida, perguntam que tipo de autorização os cantores tiveram para viajar.

“Como sabe, a lei dos EUA proíbe a autorização de transacções financeiras para actividades turísticas” em Cuba, escreveram os políticos, acrescentando que representam uma comunidade onde muitos foram “profunda e pessoalmente prejudicados pelas atrocidades do regime de (Fidel) Castro, incluindo prisioneiros políticos e suas famílias”, que foram mortos em Cuba.

Beyoncé e Jay-Z estiveram em Cuba para comemorar o quinto aniversário de casamento. Na quinta-feira (4), o casal foi visto no centro histórico de Havana a caminhar, seguido por centenas de fãs cubanos. Nesse dia, os cantores visitaram a catedral e almoçaram num restaurante. À noite, marcaram



presença no La Guarida, um dos melhores restaurantes da capital.

O Departamento de Estado declarou que não teve conhecimento prévio da viagem. Uma porta-voz da secção dos interesses dos EUA em Havana disse que desconhecia se o casal tinha obtido uma licença para viajar até Cuba. Se não a tinham, poderiam ter de pagar uma multa, informou.

O embargo dos EUA a Cuba foi decidido em 1962 e prevê que os cida-

dãos norte-americanos não possam visitar aquele país e gastar dinheiro sem uma autorização governamental. Contudo, milhares de americanos viajam, anualmente, para a ilha, através de países terceiros. Por exemplo, saem dos EUA para outro estado e daí seguem para Cuba. Esses casos podem ser punidos, mas raramente isso acontece.

A administração de Barack Obama já aliviou algumas das restrições no que diz respeito à ida de norte-americanos a Cuba e deu autorização para fazer intercâmbios culturais, religiosos e académicos.

Beyoncé é uma forte apoiante do Presidente e ajudou a angariar fundos para a sua campanha de reeleição, o ano passado. Foi a artista que cantou o hino nacional durante a cerimónia de tomada de posse, em Janeiro, e que se expôs à polémica de ter feito playback, em vez de cantar em directo.

Biodiversidade pesqueira diminui no inóspito Nilo

Um desenho de 4.200 anos, no túmulo do visir Mereruka, mostra a assombrosa variedade de peixes que outrora habitaram o rio Nilo e seus mangais.

Texto: Cam McGrath/IPS

Pescadores do antigo Egipto tinham as suas redes repletas dessas espécies, incluindo o sagrado oxirrinco, que era capturado, criado, e que jamais se comia. Contudo, as conversas dos pescadores que actualmente vivem às margens do Nilo retratam um panorama diferente.

Ibrahim Abdallah, um idoso da aldeia de Nubia, contou que muitos dos peixes que ele recorda da sua infância desapareceram completamente do rio. “Muitas variedades de peixes acabaram, e as poucas que restam são vítimas da pesca excessiva”, afirmou. Abdallah recorda-se de um peixe com formato de frigideira que se chamava kawara, e que antes era abundante nas águas encrespadas do Nilo durante o Verão, bem como em açudes profundos quando estava para desovar. “Não o vemos há muitos anos. Em certo Verão demo-nos conta de que todos haviam desaparecido”, acrescentou.

Quase metade dos peixes do Nilo mostrados nos desenhos antigos já não existe. Os pesquisadores que comparam os registos históricos de pesca estimam que, inclusive, 35 destas espécies desapareceram nos trechos mais baixos do rio nos últimos 40 anos. Entre elas o peixe-elefante, o ciclideo jóia do Nilo e a arowana africana. Outras dezenas estão listadas como ameaçadas ou em perigo.

Justin Grubich, professor adjunto de biologia na American University, no Cairo, disse que a pesca no Nilo sofreu uma redução catastrófica depois da construção da represa de Assuão, nos anos 1960. Ela actua como uma barreira, afectando o ciclo reprodutivo e as rotas migratórias de muitas espécies de peixes, também impedindo que milhões de toneladas de sedimentos e matéria orgânica cheguem ao trecho mais baixo do rio.

A represa “foi construída para controlar a temporada de inundações a fim de permitir uma agricultura mais consistente, e ajuda a regular melhor a água, mas corrente abaixo não existe uma recuperação do solo e dos nutrientes” que apoiem a vida

aquática, explicou Grubich. O impacto é sentido em cerca de 1.200 quilómetros corrente abaixo. Sem sedimentação, o delta do Nilo vai-se retirando, em algumas áreas vários metros por ano.

A erosão costeira permitiu que o mar avançasse para uma série de lagos planos na desembocadura do Nilo, matando espécies de água doce incapazes de tolerar a alta salinidade. Isto também permitiu que peixes marinhos predadores invadissem áreas de desova e de cria, devastando as existências pesqueiras. Pesquisas feitas na década de 1970 concluíram que a biodiversidade aquática nos quatro lagos do Delta do Nilo no Egipto diminuiu significativamente.

O Instituto Nacional de Oceanografia e Pesca identificou 34 espécies de peixes no lago Manzala, em comparação com as mais de 50 registadas meio século antes. Padrões semelhantes foram encontrados no lago Burullus, que se tornou excessivamente salobro. O Burullus também estava contaminado. Aproximadamente, 4,5 milhões de toneladas de efluentes industriais, incluindo 50 mil toneladas de contaminantes perigosos, são despejados a cada ano no baixo Nilo, segundo o Ministério do Meio Ambiente. Essas substâncias tóxicas, que também incluem dejectos agrícolas e esgoto não tratado, envenenam a vida aquática no rio e concentram-se nos lagos na sua desembocadura.

Os peixes jovens são extremamente susceptíveis à contaminação, que pode matá-los directamente, “ou criar um grande volume de matéria orgânica em decomposição, consumindo todo o oxigénio dissolvido de que os peixes necessitam para sobreviver”, disse Osman El-Rayis, professor de química na Universidade de Alexandria. Níveis letais de toxinas na água já podem ter extinguido o peixe jóia, que antes prosperava no delta do Nilo e nos lagos do norte. Os pescadores dizem que é raro ver peixe-lua no rio. E o antes onnipresente peixe do Nilo (*Leptocypris niloticus*), que nadava em grandes cardumes

em águas rasas, agora restringe-se a poucas áreas próximas do Assuão.

No lago Nasser, a reserva de 5.200 quilómetros quadrados que há por trás da represa, as populações de muitas espécies de peixes diminuíram a níveis críticos, alerta Olfat Anwar, directora de Pesca na Autoridade de Desenvolvimento do Lago Nasser. “O principal motivo é a mudança no ambiente, porque quase não há fluxo de nutrientes dentro do lago”, pontuou.

“O actual vai de zero a 0,3 metros por segundo, desde o Sudão até Abu Simbel, e então fica quase paralisado (mais ao norte). Assim, não há fluxo de sul para norte, e isto afectou a composição de espécies do lago”, explicou Anwar. O lago também sofreu décadas de abandono e má administração, o que derivou em práticas pesqueiras insustentáveis, contaminação pela circulação de cruzeiros e um subfinanciado programa de criadouros.

Porém, umas poucas espécies de peixes não apenas sobreviveram como prosperaram. Quatro variedades de tilápia habitam o lago e mantêm uma saudável pesca comercial. O bagre, a perca do Nilo e o peixe-tigre cresceram até adquirirem um tamanho assombroso, atraindo pescadores de todo o mundo. “O evidente êxito de um punhado de espécies distraiu a população das dificuldades de outras”, cuja salvação não é considerada prioritária por não serem comerciais, disse Anwar à IPS.

No entanto, segundo Grubich, há uma desesperada necessidade de acções para a conservação. Os corpos de água doce são particularmente sensíveis às mudanças ecológicas, e a perda de espécies aparentemente insignificantes pode causar o colapso de complexas cadeias alimentares. “Todas estas espécies juntas evoluíram durante milhões de anos, e desenvolveram uma trama alimentar. É um equilíbrio delicado e, quando se retira um dos actores, a tendência é causar um efeito dominó”, acrescentou.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre

@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Contados 57 mortos nas inundações na Argentina

O balanço das piores cheias de que há memória em La Plata, cidade vizinha de Buenos Aires, ainda é provisório.

Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

À medida que as águas foram baixando ao longo das últimas horas, os cadáveres foram sendo descobertos. Em La Plata, cidade a 60 quilómetros de Buenos Aires, que ficou alagada com água que subiu até aos dois metros, morreram 49 pessoas, vítimas das piores cheias de que há memória na Argentina. Na capital, Buenos Aires, morreram outras oito pessoas.

Foram precisas poucas horas de chuvas torrenciais – na noite de Terça para Quarta-feira – para provocar uma tragédia. Ninguém estava preparado para uma subida tão rápida das águas no estuário onde desemboca o rio da Prata. As pessoas “tentaram subir para os telhados e para as árvores, mas muitas não conseguiram”, disse à AFP o governador provincial, Daniel Scioli. “Nunca vimos nada assim”, disse Scioli. “As pessoas foram apanhadas de surpresa e algumas não tiveram tempo de escapar a esta armadilha mortal.”

Os corpos foram aparecendo e fizeram engordar um balanço que ainda não é definitivo. Metade da cidade de La Plata, onde vivem 900 mil pessoas, foi inundada e privada de electricidade. Mais de 2500 pessoas tiveram de



abandonar as suas casas invadidas pela água e foram transferidas para duas dezenas de centros de acolhimento temporários.

Segundo os serviços de meteorologia, caíram 400mm de água em apenas duas horas (1 milímetro de chuva é 1 litro por metro quadrado), um recorde para La Plata. A água acumulou-se nas zonas mais baixas da cidade, situada na margem sul do vasto estuário do rio da Prata. “Vivo aqui há 40 anos e esta é a primeira vez que vejo isto”, desabafou Maximiliano Miceli, que ficou com a casa e o carro debaixo de água.

“O que se passou em La Plata é inédito. Ainda há pessoas nos telhados e nas árvores à espera de serem resga-

tadas”, disse o vice-ministro da Segurança, Sergio Berni.

Em Buenos Aires, onde 350 mil pessoas foram afectadas pelas inundações, a situação já estava esta Quinta-feira praticamente normalizada, mas nos bairros mais pobres ainda havia muito trabalho de limpeza e reconstrução a fazer. O presidente da Câmara de Buenos Aires, Mauricio Macri, avisou a população para a repetição de inundações. “Estas chuvas violentas que se repetem devem-se ao aquecimento global”, explicou.

Se em La Plata as inundações provocadas pela chuva não são muito frequentes, elas são mais habituais em Buenos Aires e nos seus arredores, onde a urbanização ao longo do rio da Prata foi feita, em grande parte, em terrenos inundáveis e onde, em diversas zonas, a circulação se faz de barco ao longo de canais.

Para o arquitecto Roberto Livingston, as inundações de Buenos Aires e La Plata têm origens semelhantes que pouco têm a ver com o aquecimento global: as cidades foram construídas de maneira “irresponsável”, sem ter em conta a hidrografia da zona. “O homem constrói e pensa que consegue dominar a natureza”, disse Livingston à AFP. “As pessoas vivem em cima de cursos de água sem o saberem. Não há parques suficientes para absorver a água e o sistema de evacuação das águas da chuva não está em bom estado.”

Bubo na Tchuto, considerado barão da droga da Guiné Bissau, detido e extraditado para os EUA

Um dos militares mais influentes da Guiné-Bissau foi detido por agentes anti-narcóticos dos EUA ao largo de Cabo Verde. O ex-chefe da Marinha da Guiné-Bissau, o contra-almirante Américo Bubo Na Tchuto é considerado um barão da droga. Foi extraditado para os EUA.

Texto: Jornal Público de Lisboa • Foto: AFP

A missão secreta montada pelos Estados Unidos que levou à prisão do almirante da Guiné-Bissau Bubo Na Tchuto, em alto mar, junto à zona marítima de Cabo Verde, está relacionada com uma outra, realizada em Bogotá na Colômbia, e que permitiu prender dois colombianos – Rafael Antonio Garavito-Garcia e Gustavo Perez-Garcia.

Uma e outra decorreram na semana passada e resultaram de uma missão de combate ao narcotráfico, iniciada em Bissau em Junho de 2012, por elementos da Divisão Especial de Operações da Drug Enforcement Agency (DEA). A missão envolveu também as representações desta agência em Bogotá e Lisboa, além do Departamento de Justiça e do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Em causa, para Washington, estavam “riscos consideráveis para os Estados Unidos e os seus interesses”, lê-se no comunicado disponível na página do Departamento de Justiça: uma rede estava a ser montada para usar a Guiné-Bissau como ponto de passagem de “várias toneladas” de cocaína para ser vendida nos Estados Unidos em benefício das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) – classificado pelos EUA como grupo terrorista.

No centro da conspiração: um país, a Guiné-Bissau, e um influente militar que cumpria o papel de anfitrião, o almirante Bubo Na Tchuto, ex-chefe do Estado-Maior da Marinha entre 2003 e 2008. Na Tchuto estava desde 2010 indiciado, pelos Estados Unidos, por ligações ao narcotráfico juntamente com o ainda chefe do Estado-Maior da Força Aérea, Ibraima Papa Camará.

A reconstituição da operação da DEA, exposta no mesmo comunicado, revela o papel da Guiné-Bissau como ponto de passagem idealizado pelos traficantes. Mas não só. O país foi também, durante vários meses, palco discreto de reuniões e contactos entre os narcotraficantes e agentes infiltrados da DEA que se apresentavam como representantes ou associados das FARC.

Nos encontros, o influente almirante Bubo Na Tchuto, que terá ajudado o actual chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA) António Indjai a consolidar o poder, depois de este o libertar na sequência de uma acção militar em que foi preso, apresentava as condições – suas e do país – para permitir a passagem de droga e de armas.

A cocaína, que entraria na Guiné antes de seguir para os EUA, seria escondida em caixas de uniformes militares. Uma parte da droga seria entregue, a troca do favor, a responsáveis do poder guineense.

Bubo Na Tchuto, que cobrava um milhão de dólares por cada tonelada que entrava em território guineense, chegou a dizer num desses encontros com os agentes secretos da DEA, que a fragilidade do Governo guineense e das instituições no pós-golpe de



Estado de 12 de Abril tornava o momento oportuno para o negócio proposto.

“Ligações assustadoras”

Com o reforço do controlo das fronteiras americanas que se seguiu ao 11 de Setembro de 2001, as grandes redes do tráfico foram desviadas para o continente africano para fazer chegar a droga à Europa ou reenviá-la para o outro lado do Atlântico, para ser vendida nos EUA. O tráfico de droga aumentou, então, muito na África Ocidental.

Um dos pontos mais vulneráveis é a Guiné-Bissau, onde as instituições são frágeis, o poder volátil, os meios da Polícia Judiciária e dos Serviços de Fronteiras praticamente inexistentes e os postos de controlo no mar ou em terra nulos ou controlados pelos militares. O caso da África Ocidental, em geral, tem sido referido para ilustrar o risco de o tráfico financiar as redes terroristas ligadas à Al-Qaeda que ganham terreno em África. A operação desmontada agora pelos Estados Unidos dizia respeito a receios semelhantes mas apenas referentes às FARC no continente americano.

O relato dos acontecimentos, feito pela acusação do Ministério Público em Washington, que se pode ler no comunicado, refere a presença de “um representante militar” ou de “um oficial militar” guineense nos preparativos para a operação, este último empenhado em dar pistas para a passagem pelo país não apenas de droga, mas também de armas e em referir o benefício que daí poderia advir para o poder em Bissau.

Para Michele Leonhart, administradora da Drug Enforcement Agency (DEA), este caso ilustra “as ligações assustadoras entre o tráfico de droga global e o financiamento das redes terroristas”. A

responsável, citada no mesmo comunicado na página do Departamento de Justiça, refere-se a estes “alegados narcotraficantes” como estando “entre os criminosos mais violentos e mais brutais” do mundo.

Entre eles, Bubo Na Tchuto, que as autoridades de Bissau, no poder desde o golpe de 12 de Abril de 2012, dizem agora defender.

Na descrição que faz da missão para deter os traficantes, montada desde o Verão de 2012, a DEA divide-a em duas partes e três momentos diferentes.

Na primeira parte, Bubo Na Tchuto e outros quatro elementos – Papis Djeme, Tchamy Yala, Manuel Mamadi Mané e Saliu Sisse – foram presos e extraditados para os EUA. Tchuto, Djeme e Yala foram detidos a bordo de um navio nas águas internacionais ao largo de Cabo Verde, na noite de Terça para Quarta-feira passadas, enquanto Mané e Sisse foram detidos num país da África Ocidental, lê-se na exposição das autoridades dos Estados Unidos do caso, sem que seja referido o país em que essa prisão foi possível.

Na segunda parte, Rafael Antonio Garavito-Garcia e Gustavo Perez-Garcia foram presos em Bogotá, no mesmo dia, Sexta-feira, em que Na Tchuto era presente a um juiz.

Prisão perpétua?

No total, sete pessoas estão indiciadas nos Estados Unidos. José Américo Bubo Na Tchuto, ex-chefe de Estado-Maior da Marinha da Guiné-Bissau, será de novo presente ao juiz a 15 de Abril enquanto os dois colombianos aguardam a decisão sobre a extradição para os EUA.

Bubo Na Tchuto é acusado de conspirar para importar droga para os Estados Unidos. O mesmo acontece com Djeme e Yala. Os três incorrem numa pena máxima que pode ser prisão perpétua. Entre os restantes quatro – Mané, Sisse, Garavito-Garcia e Perez-Garcia – também indiciados por conspirarem com o mesmo fim de transportar droga para os EUA, os três primeiros estão também indiciados por tráfico de armas para acções de protecção das operações de processamento da cocaína das FARC contra forças dos Estados Unidos.

Preet Bharara, procurador dos EUA para o distrito de Manhattan nomeado em 2009 pelo Presidente Barack Obama, apontou esta alegada conspiração de narcoterrorismo como a prova do “perigo que é susceptível de aumentar em lugares distantes onde circunstâncias infelizes podem permitir aos traficantes de droga e apoiantes do terrorismo negociarem na sombra acarretando grandes perigos para os Estados Unidos e os seus interesses.” E decretou: “O elo que liga os traficantes aos terroristas, os seus financiadores e apoiantes, tem de ser quebrado onde quer que seja encontrado.”

Mundo

Índia nega patente à farmacêutica Novartis e ‘salva’ genérico contra o cancro

O Supremo Tribunal da Índia negou o pedido de patente de um medicamento contra o cancro elaborado pelo laboratório suíço Novartis, o que significa um duro golpe para a indústria farmacêutica multinacional que procura aumentar a sua presença nesse atraente mercado.

Texto: **Correspondentes da IPS/Al Jazeera**

Após um longo processo, o tribunal declarou no passado dia 1 de Abril que o medicamento Glivec não está qualificado para uma patente segundo a legislação indiana.

A Novartis pressiona Nova Deli desde 2004 para que a proteja das companhias locais que fabricam remédios genéricos. A sentença indica que o medicamento pelo qual a companhia solicitava uma patente de venda local “não cumpriu a análise de inovação ou inventiva” exigida. O laboratório apresentou um recurso em 2009 no Supremo Tribunal contra uma lei que proíbe as patentes para novas formas de medicamentos já conhecidos, mas não radicalmente diferentes.

Sohail Rahman, correspondente da rede de televisão árabe Al Jazeera em Nova Deli, afirmou que a decisão da justiça representa uma “enorme desilusão” para a Novartis, pois permite que os laboratórios

indianos continuem a produzir genéricos baratos para consumo local e internacional. Contudo, a sentença pode provocar dúvidas quanto à violação das normas da Organização Mundial do Comércio (OMC) pela Índia, acrescentou.

Este é o caso mais significativo dos muitos que caracterizam a luta de patentes na Índia e pode ter profundas consequências na hora de definir o grau de protecção legal para os grandes laboratórios farmacêuticos que operam num mercado lucrativo como o desse país, com 1,2 bilião de habitantes.

A companhia suíça ameaçou interromper o fornecimento de novos medicamentos à Índia se a sentença não lhe fosse favorável, informou, no dia 31 de Março, o jornal The Financial Times, de Londres. “Se a situação se mantiver como está até agora, todas as melhoras de um composto original não são passíveis de protecção legal e esses medicamentos provavelmente não cheguem à Índia”, disse Paul Herrling, encarregado da direcção adjunta deste caso.

No entanto, a advogada Leena Menghaney, da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), disse que uma vitória legal para a Novartis assentaria “um antecedente perigoso e colocaria em grave risco a legislação da Índia contra o evergreening (tornar perene)”, como se conhece a prática de procurar patentes para novos compostos com

pequenas modificações noutros já existentes. “Seria uma situação nefasta para a população do mundo em desenvolvimento que depende de remédios genéricos fabricados nesse país. Poderia afectar seriamente o acesso aos medicamentos”, alertou.

A Índia, conhecida como “a farmácia do mundo em desenvolvimento”, é uma das maiores fornecedoras de medicamentos genéricos para doenças como cancro, tuberculose e o vírus VIH, causador da SIDA, para quem não pode pagar o medicamento de marca, mais caro. A diferença de preço entre o remédio genérico e o de marca é fundamental para as pessoas mais pobres em todo o mundo, segundo a MSF.

Segundo esta organização, uma terapia mensal com Clivec, conhecido como “santo remédio” devido aos seus resultados no tratamento de formas letais de leucemia, custa 4 mil dólares, enquanto a versão genérica pode ser comprada na Índia por 73 dólares. E, no caso específico deste medicamento, Rahman destacou que a maioria dos pacientes indianos não pode comprar nem a versão genérica, pois o salário mensal médio é de 120 dólares.

A Novartis, neste caso, e a indústria farmacêutica, em geral, argumentam que os laboratórios indianos inibem a inovação e reduzem os incentivos comerciais para a produção de medicamentos de vanguarda.

África do Sul: Há falta de anti-retrovirais em Gauteng

Pacientes infectados por VIH/SIDA das cidades de Joanesburgo e Pretória, na província de Gauteng, estão privados de medicamentos, com destaque para os anti-retrovirais, alegadamente porque a Direcção Provincial da Saúde e os fornecedores dizem que houve ruptura de stock nos seus armazéns.

Texto: **Milton Maluleque**

A falta de medicamentos e outras anomalias constatadas no Departamento Sanitário de Gauteng foram denunciadas pela organização da sociedade civil Campanha Activa para o Tratamento (TAC). Segundo a agremiação, o sistema de saúde da província está a braços com a constante falta de medicamentos e de recursos humanos, bem como com a deterioração do seu equipamento. A TAC diz ter recebido desde Fevereiro último relatos de falta de fármacos, com destaque para os anti-retrovirais (ARVs), drogas para a epilepsia e para a pressão arterial.

“Recebemos inicialmente emails denunciando a escassez de efavirenz (anti-retroviral) no Hospital City em Germiston”, referiu Steven Ngcobo, coordenador provincial da TAC em Gauteng, tendo adiantado que “as enfermeiras asseguraram que teriam feito a requisição de mil caixas, mas receberam somente 200”.

As denúncias dos pacientes teriam obrigado a TAC a investigar o caso na Província. Das averiguações, apurou-se que as enfermeiras afectas ao Hospital de Phenduka, em East Rand, têm vindo a passar receitas para os pacientes portadores do HIV mas aconselham-nos a adquirir os medicamentos junto às farmácias privadas quando os mesmos são gratuitos nas públicas.

Uma paciente do Phenduka, identificada somente pelo nome de Thutu, assegurou que quando ela se deslocou ao hospital em Março para levantar os medicamentos foi-lhe dada uma receita. “Fui informada de que não havia medicamentos. A enfermeira deu-me uma receita e aconselhou-me a comprá-los em Alberton, e lá custam muito caro. Não tenho nem sequer metade do valor exigido”.

Uma outra paciente, de nome Khetukthula Hlongwane, disse que lhe foram dados anti-retrovirais que durariam 10 dias, depois de ter implorado, pois caso não o fizesse corria o risco de ficar esse período sem se medicar. “As enfermeiras tratam-nos mal, berram connosco e dizem que temos de comprar o medicamento, apesar de ser gratuito. O mais grave é que sou uma desempregada, onde vou ter dinheiro para pagar?”.

Departamento vs Fornecedores

A TAC afirma que os funcionários da Saúde dos hospitais de Gauteng alegam não estar a receber quantidades suficientes de medicamentos, o que tem contribuído para a sua escassez. A organização adiantou ainda que a Direcção Provincial de Saúde de Gauteng tem dado respostas evasivas quando questionada sobre as razões da falta de fármacos.

Já o porta-voz provincial da saúde, Simon Zwane, referiu que o seu departamento não era responsável pela crise, tendo aponatado os fornecedores como os culpados. “Para colmatar este problema e para o cumprimento dos prazos, o departamento contactou outros fornecedores. Essas companhias até já fizeram as primeiras entregas”.

Entretanto, os fornecedores também se dizem isentos de culpa. Zolani Kunene, membro da distribuidora Adcock Ingram, asse-

gurou que a licença de 2013/2014 prevê um período de espera de três meses para o início da distribuição. Um outro fornecedor, a Aspen Pharmacare, disse em comunicado que não estava a par do problema.

A escassez de medicamentos não é o único dilema com o qual a Direcção Provincial de Saúde depara, sendo que o auge do mesmo foi registado em 2012, quando as dívidas contribuíram para o não pagamento aos fornecedores e aos serviços de reparação dos equipamentos avariados.

O problema não é só de Gauteng

Os problemas enfrentados pela Direcção de Saúde de Gauteng ocorrem também noutras províncias sul-africanas. De Outubro a Novembro do ano passado, Eastern Cape e Limpopo estiveram a braços com a falta de anti-retrovirais e drogas para o tratamento da tuberculose.

Em Mthatha, Eastern Cape, até foram registadas greves, que contribuíram para a suspensão de três quartos do fornecimento de medicamentos, o que acabaria por ditar a chegada tardia dos anti-retrovirais aos hospitais.

Existem também casos que se verificam a nível nacional. Em 2012 a escassez de tenofovir, a droga chave dos anti-retrovirais, forçou o Ministério da Saúde a optar pelo fornecimento externo, depois da confirmação de que os dois maiores produtores, Sonke Pharmaceuticals e a Aspen Pharmacare, não conseguiam responder à demanda.

Os dois produtores alegaram na altura que o ministério não havia requisitado o fornecimento de uma quantidade acima da prevista.

À vista implementação de um plano de produção e fornecimento

Um novo plano de produção e fornecimento de fármacos será implementado este mês, segundo o Ministério da Saúde, para se evitar casos de carência de medicamentos no futuro. O projecto consiste na busca dos anti-retrovirais de diferentes produtores e fornecedores.

Mark Heywood, director executivo da organização de justiça social, “Section27”, assegurou que os planos em curso para o estabelecimento de um departamento nacional que lide directamente com o padrão de atendimento na Saúde irão ajudar a resolver os problemas de falta de medicamentos.

Para a gestora do Programa de Tratamento junto da Organização sul-africana do VIH Nonhlanhla Moloko, a outra forma de contornar os problemas de fornecimento seria a simplificação da burocracia que dita a requisição e distribuição dos fármacos. Ela adiantou que seria benéfico se a requisição e o fornecimento dos medicamentos fossem feitos directamente para as unidades sanitárias, evitando que o processo passe pelo nível central e provincial.

Lançado novo tipo de anti-retroviral

A par desta crise, o Ministro da Saúde, Aaron Motsoaledi, lançou nesta Segunda-feira um novo medicamento para os infectados por VIH, denominado Atroiza, que irá baixar os custos e o número de doses diárias.

Actualmente os pacientes tomam cerca de seis doses diárias e o Estado gasta quase 300 randes por paciente, num universo de 1.7 milhões de seropositivos que estão a tomar anti-retrovirais. Com o Atroiza, o Governo passará a despende somente 89 randes e os pacientes passarão a tomar um comprimido por dia.

O lançamento deste fármaco, que é uma combinação de três drogas usadas para o tratamento do VIH, nomeadamente o Tenofovir, Emtricitabine e Efavirenz, teve lugar no Centro de Saúde de Phedisong em GaRankuwa, a norte de Pretória.

O Governo vem gastando cerca de 400 randes para o tratamento do VIH, por cada paciente mensalmente, enquanto que o Antroiza (cujo frasco contém 28 comprimidos) irá custar 89 randes.

A droga será administrada inicialmente a novos pacientes e a mulheres grávidas. Cerca de 390 mil unidades de Atroiza foram distribuídos em toda a África do Sul, quantidade que poderá beneficiar um universo de 180 mil pacientes numa primeira fase.

Aaron Motsoaledi, titular da pasta da Saúde, assegurou durante o lançamento do produto que, para além de reduzir os gastos, a nova droga irá oferecer outros benefícios aos pacientes. “A combinação dos três medicamentos num só irá melhorar o tratamento na medida em que irá reduzir o risco de os doentes não obedecerem à dosagem diária e irá simplificar o seu tratamento”.

O ministro assegurou ainda que ter disponível três comprimidos num só reduz a alta carga viral nos pacientes, a quantidade do vírus no sangue, e irá ajudar no aumento da resposta imunológica dos doentes.

Novo fármaco irá reduzir o número de desistências

Andrew Mosane, de 36 anos de idade, activista da Campanha Activa para o Tratamento (TAC), que é seropositivo desde, pelo menos, 2003, foi a primeira pessoa a receber das mãos do ministro da Saúde o Atroiza nesta Segunda-feira.

Mosane assegurou que o novo medicamento iria simplificar a sua vida. “As pessoas cansam-se facilmente de tomar os medicamentos. Estava habituado a tomar 90 comprimidos por mês. É uma grande quantidade de fármacos, daí que existe uma grande desistência ao tratamento por parte dos pacientes”.

Martha Bokaba, enfermeira do Centro de Saúde de Phedisong, local escolhido para o lançamento do novo tratamento, disse que o novo medicamento iria encorajar os pacientes a cumprirem com o tratamento. “Os pacientes estavam desencorajados em relação ao antigo tratamento devido ao estigma e à metodologia. Felizmente este é um vento de mudança e muita gente irá querer saber mais acerca do vírus”.

Refira-se que com a implementação do Antroiza, a África do Sul passa a ser o primeiro país a nível mundial a contar com um medicamento para o HIV mais barato.

Taça CAF: Liga Muçulmana humilha o Lobi Star da Nigéria

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo vexou literalmente o Lobi Stars da Nigéria na passada sexta-feira (5 de Abril), vencendo-o por 7 a 1, e deu a volta à eliminatória de acesso à Taça CAF. Na primeira volta, os nigerianos venceram por 3 a 1 e não conseguiram manter a vantagem em Moçambique.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

A Liga Muçulmana fez história ao chegar pela primeira vez à fase de grupos da Taça CAF, denominada Taça Nelson Mandela, a segunda maior competição do continente africano a nível de clubes. Ninguém podia imaginar que o clube moçambicano fosse capaz de desfazer uma desvantagem de 1 a 3, muito menos que iria marcar sete golos.

Com um início de jogo bastante tenso, revelando, por outro lado, alguma ansiedade por parte dos muçulmanos, os nigerianos, aos 19 minutos, abriram o marcador por intermédio de Chimobi na sequência de um lance confuso na zona da pequena área. A partir daí, à equipa moçambicana cabia marcar quatro golos caso quisesse continuar na competição, uma missão de antemão espinhosa, quer para o público, quer para a equipa técnica que se mostrou demasiadamente abalada mas... não para o ponta de lança Sonito.

Depois de receber o esférico de Muandro para protagonizar uma perda escandalosa só com o guarda-redes à sua frente, o avançado foi apupado pelo público que já exigia a sua cabeça ao treinador Litos. Porém, ao minuto 32, Sonito redimiou-se ao concluir com êxito um brilhante passe de Mustafá.

Com o golo, a Liga galvanizou-se, acreditou e, um minuto mais tarde, podia ter marcado ante o desacerto de Sonito que, já ao minuto 37, apareceu isolado na zona defensiva contrária para bisar na partida. Curiosamente, o céu fechou-se e anteviu-se mau tempo no campo da Liga Muçulmana, para o total desespero dos nigerianos que já nem sabiam se deviam colocar o guarda-chuvas na baliza ou correr atrás do resultado.

A dois minutos do fim dos primeiros 45 minutos deu-se o caso do jogo: Sonito sofreu uma falta dentro da grande área e ganhou uma grande penalidade. Chamado a cobrar, o extremo esquerdo da equipa muçulmana, Josimar, tratou de anular o resultado da primeira “mão” para delírio total dos espectadores que afluíram ao campo da Liga Muçulmana naquela tarde de sexta-feira.

Importa referir que com o lance da grande penalidade, a equipa do Lobi Stars chegou a pensar em desistir do jogo, alegadamente por sentir que estava a ser vítima de alguma sabotagem por parte da equipa de arbitragem. O jogo esteve interrompido por cerca de cinco minutos, até prevalecer o bom senso do treinador nigeriano que mandou a sua equipa de volta ao campo, para continuar a ser trucidada.

Logo após o golo de Josimar, gerou-se uma enorme confusão, com os jogadores – sobretudo os nigerianos – a recorrer à pancadaria, como que se isso resolvesse o jogo. O guarda-redes do Lobi Stars, Jonh Lawrence, a cara mais visível desse acto de violência, foi expulso da partida.

Segunda parte de mais humilhação

Nem o público, nem o resultado, nem as pernas dos jogadores e muito menos a inteligência da equipa técnica ampararam o Lobi Stars que, de forma definitiva, não soube o que fazer em campo.



No entanto, já na parte inicial da etapa complementar, a Liga esqueceu-se de que precisava de marcar mais um golo para vingar a humilhação psicológica de que foi vítima aquando do jogo da primeira “mão” na Nigéria.

Revelou-se perdulária mais do que objectiva, senão vejamos: aos 47 minutos, Joseph atirou fraco para a defesa do guarda-redes Terkaa; aos 52 minutos, o mesmo jogador deixou de se antecipar num passe para esperar pela posição irregular de Liberty – ainda que este tenha marcado um golo, que viria a ser anulado; ao minuto 59, Sonito isolou Hélder Pelembe que só com o guarda-redes na frente falhou no alvo; transcorridos 62 minutos, Josimar fintou um central e descobriu Hélder Pelembe que revelou “pontaria” na cabeça ao acertar no poste direito do defensor das redes do Lobi;

A Liga pensou até em desistir do resultado, até porque o Lobi Stars já pensava em forçá-lo à marcação de grandes penalidades. Só que, no vigésimo primeiro minuto da segunda parte, os centrais da equipa visitante perderam-se na magia de Josimar e viram o imparável Sonito a fazer o “hat-trick”. Volvidos cinco minutos, o mesmo jogador voltou à moleza da freguesia para o raríssimo “poker” antes de ser substituído ao minuto 75.

E enganou-se quem pensou que tivesse visto tudo até à saída do jovem goleador. Josimar, ao minuto 81 e Hélder Pelembe, já no fim, completaram a epopeia que fez com que alguns jornalistas nigerianos, os que acompanhavam a delegação do Lobi Stars, ameaçassem os seus colegas da pena de Moçambique, para que estes escrevessem apenas a verdade. Verdade essa que manda dizer que “em casa mandamos nós”.

@Verdade do jogo

Sérgio Faife Matsolo, treinador adjunto da Liga Muçulmana



Tenho a saudar os meus jogadores, os verdadeiros heróis por este resultado. Eles demonstraram vontade de vingança ao que nos aconteceu na Nigéria e colocaram em campo o desejo de repor a justiça em relação àquele resultado pré-fabricado da primeira volta. Este resultado não foi de todo fácil, é fruto de muito trabalho e percebam que estamos a vir de uma desvantagem de 3 a 1. Fizemos história e estamos felizes.

Treinador adjunto do Lobi Stars

Nada a declarar. A Liga Muçulmana não foi a justa vencedora. Venceu porque estava previamente acordado que tinha de vencer. Não é possível que uma vantagem de 3 a 1 termine com uma derrota assim como este jogo terminou. Vá e escreva isto para no seu jornal, que o Lobi Stars jogou



contra três pessoas: os árbitros.

O melhor em campo: Josimar




O extremo esquerdo da Liga Muçulmana foi um elemento preponderante para o sucesso da equipa neste jogo. Esteve directamente envolvido em quatro dos sete golos da sua equipa, marcando dois e assistindo os restantes.

Em tarde inspirada, este jogador foi determinante para que a Liga usasse o flanco esquerdo como o seu cavalo de batalha para, sempre que tivesse o esférico, criar calafrios aos nigerianos. Desequilibrava, trocava de flancos e mostrava-se decepcionado consigo mesmo, caso os seus lances não gerassem perigo à turma contrária, quer com os seus próprios remates, quer com os passes.

Há quem diga que Josimar foi o cérebro funcional da Liga Muçulmana. Pelo sim ou pelo não, este jogador foi, sem dúvidas, o melhor em campo.

Taça CAF: Resultados da segunda mão e agregado					
 AS Douanes Lomé	1	-	1	 Wydad Casablanca	(1-4)
 AL Nasir	1	-	1	 AS FAR	(1-2)
 Azam FC	0	-	0	 Barrack Y.C.II	(2-1)
 ASEC Abidjan	1	-	1	 Rail Club RCK	(3-2)
 Lydia LB Académic	-	-	-	 DC Motema Pembe	(0-1)
 P. Sportif du Nde	2	-	3	 USM Alger	(2-4)
 Dedebit	0	-	0	 Al Ahly Shandy	(0-1)
 Gor Mahia	0	-	0	 Enppi	(0-3)
 Supersport United	2	-	0	 Atletico Petroleos	(2-0)
 Liga Muculmana	7	-	1	 Lobi Stars	(8-4)
 Terreble C.O.	2	-	2	 Ismaily	(2-4)
 Gamtel	1	-	3	 ClubSportif Sfaxien	(3-7)
 Panthers	-	-	-	 Diables Noirs	(1-6)
 Onze Createurs	2	-	1	 ES Sahel	(3-3)
 US Bitam	0	-	0	 Heartland FC	(1-2)


Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte através de um twit para @verdademz



Desporto

Sonito: o goleador que não virou carpinteiro

Ápson David Manjante, ou simplesmente Sonito, tal como é conhecido no mundo do futebol, é o nome do melhor marcador do Moçambola, edição 2012, com um total de nove golos em apenas 11 jogos. No pretérito fim-de-semana, este mesmo jogador voltou a acentuar a sua veia goleadora ao marcar, num só jogo, quatro golos no histórico resultado de 7 a 1 que a Liga Muçulmana alcançou perante o Lobi Stars da Nigéria, na segunda “mão” dos dezasseis-avos-de-final da Taça CAF. Como que a satisfazer uma curiosidade, o @Verdade, nesta semana, visitou a residência daquele atleta, para, junto da família e de amigos, saber o que esconde o Ápson por detrás do Sonito.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze



“Ele é muito calmo e fechado”

A fama de Sonito é algo que incomoda Manecas David Manjante, irmão mais novo daquele jogador. Tudo porque as pessoas passaram a interpelá-lo na rua, como se ele fosse o irmão.

Segundo Manecas “as pessoas quando olham para mim, só vêem o Sonito. Ainda hoje, um colega da faculdade perguntou-me o que a Liga prometeu ao Sonito caso marcasse golos, e o que deram depois de marcar os quatro golos, o que para mim é muito chato”.

“Sou irmão de Sonito mas não somos amigos. Ele é uma pessoa muito fechada e de difícil relacionamento”, revelou Manecas para a seguir acrescentar: “ele tem um carácter muito pesado, se calhar porque é meu irmão mais velho. Porém, eu não sou assim com o meu mais novo”.

Falando com alguma emoção, Manecas lembrou que “quando éramos pequenos, lutávamos muito. As nossas brigas eram comuns. Gostava daquilo e tenho muita saudade. Hoje ele ajuda-me a pagar a minha formação superior e estou grato por isso”.

“A barraca de Sonito”

É no quiosque da Nácia João, defronte de casa dos avós e bem ao lado do campo em que deu os primeiros toques na bola, que Sonito se diverte ao lado de amigos e familiares. No entanto, por inocente desconhecimento, a proprietária daquele estabelecimento não sabia – antes da nossa visita – que ele é um jogador de futebol.

“Para mim ele sempre foi uma pessoa comum e da zona. Olhava para ele como se fosse um vizinho, um amigo. Nunca pensei que fosse um jogador tão importante”, sublinhou Nácia.

“O Sonito é uma pessoa muito calma. Nunca foi de confusão e abandona os amigos caso haja algum distúrbio. Bebe socialmente e nunca foi de se exceder no álcool. Se não está com os seus irmãos, está sempre com os amigos”, disse a fonte. Soube, ainda, que Sonito gosta de jogar bilhar naquele estabelecimento.

“Não vi nenhum problema. Foi uma escolha que fez e que hoje está a dar os seus frutos” respondeu assim Francisco Macie, quando questionado sobre se não estava arrependido por ter permitido que o jogador trocasse os livros pela bola. Uma curiosidade revelada por esta fonte dá conta de que Sonito, antes de ser futebolista, em tempos livres, era o seu ajudante de carpintaria, profissão que deveria ter seguido caso não fosse convidado para jogar no Desportivo de Maputo.

“Eu disse-lhe que soubesse aproveitar o futebol uma vez que um dia poderá ficar sem pernas. Graças a Deus, ele comprou um terreno, está a construir uma casa e tem uma família, com uma esposa e uma filha lindas, por cuidar”, confirmou Francisco Lázaro Macie.

Os grandes momentos de Sonito para a família

Segundo revelou Crizalda Manecas Mangué, a família Macie nunca viu com bons olhos a “profissão” de futebolista de Sonito. Aliás, mesmo depois de Francisco ter assinado o termo de compromisso na qualidade de empresário do jogador no Desportivo de Maputo, a indiferença sempre reinou no seio da mesma.

Contudo, as coisas mudaram no Domingo, 02 de Março de 2008, quando Sonito, por volta das 18 horas, chegou à zona a exibir um cheque gigante no valor de cinco mil meticais. Era o prémio de Melhor Jogador da Taça de Honra daquele ano, o que serviu de primeiro sinal para o futuro que não se esperava de Ápson.

E o momento mais alto, que fez a família acreditar que Sonito era de facto um jogador de futebol, foi quando ele foi chamado à selecção nacional e, para registar o momento de estreia, marcou o único golo que deu o empate aos “Mambas” contra Angola, em jogo a contar para a fase de qualificação para o CAN-Interno de 2009. Para além de ter emocionado a família, aquele jogador foi recebido como um herói por amigos e vizinhos do bairro, que na mesma noite organizaram um jantar, diga-se, de gala.



Ápson David Manjante nasceu a 10 de Agosto de 1985 no bairro de Bunhiça, município da Matola, no seio de uma família humilde e trabalhadora. Foi na modesta casa feita de madeira e zinco que encontrámos os avós maternos do jogador, Francisco Lázaro Macie e Crizalda Manecas Mangué, a mesma em que Sonito nasceu, cresceu e deu os primeiros passos no mundo do futebol.

Tal como muitas crianças moçambicanas, Ápson Manjante não teve a sorte de ser criado e uma educação exemplar dos pais, pois foi entregue aos cuidados dos seus avós. Ainda assim, não faltou nada que lhe fizesse lembrar os seus verdadeiros progenitores.

Segundo relatos da família, o jovem jogador estudou na Escola Primária de Bunhiça antes de rumar para a escola da Mesquita Mahometana, ainda no mesmo bairro. Contudo, porque o futebol depressa lhe invadiu as veias, Sonito foi obrigado a abandonar a vida académica.

Para Crizalda Manecas, a avó, a escola nunca foi o forte deste jogador que, vezes sem conta, era encontrado com uma bola feita de saco e plásticos, o famoso xingufo, no lugar dos livros. O campo do Bazar de Chissano, como é vulgarmente conhecido o recinto que está mesmo à frente da sua antiga casa, foi o local que gerou aquele que hoje é conhecido como o goleador do futebol moçambicano.

Em termos práticos, Sonito mostrou inclinação para o futebol aos seus oito anos de idade, quando jogava sem parar ao lado de amigos do bairro. Esta conduta, segundo afirma Francisco Lázaro, não era muito bem vista no seio da família, que queria que o neto apenas estudasse.

Na vida estudantil, ainda que tivesse uma maior simpatia pelo futebol, Sonito sempre foi um bom aluno, conforme assegura Macie. Porém, o “prédio falso” desmoronou em 2007 quando ele constituiu uma nova descoberta para o futebol moçambicano, pela porta do Grupo Desportivo de Maputo, quando frequentava a 10ª classe.

O seu empresário era o seu próprio avô. “Eu assumi a responsabilidade de gerir a carreira do Sonito no Desportivo de Maputo. Não acreditava muito nele, mas vi que não perdi meu tempo quando o seu trabalho começou a ser valorizado. Depois foi chamado pelo Ferroviário de Maputo e por fim foi convidado pela Liga Muçulmana. Mas senti-me orgulhoso e realizado, na verdade, quando foi convocado pela primeira vez à selecção nacional” confessou Francisco Macie.

Desporto

Moçambola: HCB goleia e cimenta a liderança

Foi uma jornada de muitos acontecimentos. O HCB de Songo goleou em casa o Clube de Chibuto e cimentou a liderança do Moçambola, volvidas três jornadas, com nove pontos. O campeão nacional, por sua vez, viajou até Vilanculos para fazer história ao marcar um golo, quebrando um ciclo de 19 meses em que a equipa anfitriã não sofria golos no seu reduto, enquanto o Costa do Sol provou que vai de mal a pior, assumindo neste momento o penúltimo lugar do certame.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Decorridas três jornadas, a equipa da Hidroeléctrica de Cahora Bassa assume, de forma isolada, a liderança do Moçambola, edição 2013. A equipa do zambiano Weston Nyerenda recebeu, na tarde do último domingo (07), o Clube de Chibuto do português Victor Pontes e goleou-o por quatro golos sem resposta.

O improvável Zuma, transcorridos 25 minutos, foi quem mostrou o “caminho da felicidade” aos seus companheiros para, 41 minutos depois, Jacob ampliar a vantagem para 2 a 0. Sem obter nenhuma resposta táctica por parte dos “guerrilheiros” que nada fizeram, quer para reduzir a desvantagem, quer para evitar sofrer mais golos, Eurico, ao minuto 77, deu o nome de goleada ao resultado, antes do “bis” de Jacob a selar o resultado ao minuto 83.

Com este resultado, o HCB de Songo encerra um ciclo de três jogos triunfantes, depois de derrotar o Matchedje de Maputo, na primeira jornada, por 1 a 0, o mesmo resultado obtido diante do Costa do Sol na segunda. O Clube de Chibuto, por sua vez, assume a nona posição com quatro pontos.

Costa de Sol vai de mal a pior

A equipa do Costa do Sol voltou a evidenciar falta de atitude e objectividade no último domingo (07), ao consentir um comprometedor empate na recepção ao Chingale de Tete. Os canarinhos da capital voltaram a mostrar algum desacerto com o seu treinador, sobretudo na segunda parte, o que deixa transparecer um mau ambiente no seio daquele colectivo.

Depois de falhanços atrás de falhanços, finalmente o trinco e capitão do Costa do Sol, Dário Khan, apareceu no centro da equipa adversária para, de cabeça, introduzir a bola no fundo da baliza à guarda de Joaquim. O tento marcado ao minuto 20 veio na sequência dum livre muito bem marcado por Manuelito II.

Depois do golo, a equipa canarinha da capital patenteou, novamente, falta de frieza na hora de finalizar, quando Themba, ao minuto 32, se atrasou na intercepção de um centro rasteiro tirado por Rúben para, minutos depois, dentro da grande área, voltar a falhar no alvo e levar o esférico a passar por cima da baliza. Neste período de



jogo, o Costa do Sol mostrou-se bastante ofensivo diante de um Chingale abalado.

Como a confirmar o mau dia dos jogadores canarinhos, Rúben, bem perto do fim da primeira parte, tentou um remate colocado com a bola a passar a milímetros da baliza de Joaquim. Nestes primeiros 45 minutos, a equipa do planalto de Tete não foi capaz de criar uma jogada de perigo e passou por sérias dificuldades até para sair a jogar do seu próprio campo.

Na segunda etapa, o Costa do Sol entrou com uma atitude diferente, com uma excelente circulação de bola e astuciosa na criação das jogadas ofensivas. Porém, não encontrou um Chingale de Tete igual ao da primeira parte.

Prova disso foi que os visitantes passaram a defender em bloco, com os médios a descer até a zona mais recuada e os centrais a subir até a região intermediária, aquando das jogadas de ataque, facto que “sacudiu” por completo o Costa do Sol que não se atreveu a fazer subir todas as linhas. Durante vários minutos assistiu-se a um jogo audacioso e rápido, apesar de as duas equipas não terem abdicado da defesa.

O Chingale de Tete foi a primeira equipa a criar perigo na sequência de um livre directo que seguiu o caminho das nuvens. O técnico português ao serviço do Costa do Sol, Diamantino Miranda, lançou para o jogo o internacional moçambicano Tony, na expectativa de ver mais um golo. Debalde. Volvidos 77 minutos, o ala direito Parkim, que na época passada envergou a camisola canarinha da capital, na sequência de um livre directo, recebeu o esférico e bateu o seu antigo colega Gervásio, empatando a partida.

O Chingale não parou e até antes do minuto 90 podia ter marcado mais golos, valendo as várias intervenções dos defesas do Costa do Sol. Volvidas três jornadas, a equipa canarinha da capital ainda não conheceu o sabor da vitória, o que é confrangedor para um clube que tem por objectivo conquistar todas as competições que tem pela frente.

Campeão nacional quebra o mito “Vilankulo”

Transcorrido um ano e sete meses, ou seja, 14 jogos para o Moçambola, as redes do Vilankulo Futebol Clube voltaram a ser violadas no Estádio Municipal da vila de Vilanculos. A façanha pertenceu ao clube campeão nacional, o Maxaquene, que por intermédio de Ebow, à passagem do minuto 47, marcou um golo.

Aliás, 1 a 0 foi o resultado final daquele jogo, a castigar o Vilankulo FC que, de tanto querer defender a inviolabilidade das suas redes, esqueceu-se de que, em futebol, a melhor defesa é o ataque. Reza a história que os Marlins sofreram pela última vez um golo em casa, na antepe-núltima jornada do Moçambola, edição 2011, da autoria de Mauro, do Chingale de Tete.

Quadro de resultados

3ª Jornada				
HCB de Songo	4	x	0	Clube de Chibuto
Matchedje	0	x	2	Têxtil de Púnguè
Desportivo de Nacala	1	x	0	Ferrovário da Beira
Liga Muçulmana	*	x	*	Ferrovário de Nampula
Estrela Vermelha	0	x	1	Ferrovário de Maputo
Vilankulo FC	0	x	1	Maxaquene
Costa do Sol	1	x	1	Chingale de Tete

PRÓXIMA JORNADA

4ª Jornada				
Clube de Chibuto		x		Costa do Sol
Têxtil de Púnguè		x		HCB de Songo
Ferrovário da Beira		x		Matchedje
Ferrovário de Nampula		x		Desportivo de Nacala
Ferrovário de Maputo		x		Liga Muçulmana
Maxaquene		x		Estrela Vermelha
Chingale de Tete		x		Vilankulo FC

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	HCB de Songo	3	3	0	0	6	0	6	9
2º	Liga Muçulmana	2	2	0	0	6	0	6	9
3º	Maxaquene	3	2	0	1	3	2	1	6
4º	Desp. Nacala	3	1	2	0	2	2	2	5
5º	Chingale de Tete	3	1	1	1	3	3	0	4
6º	Estrela Vermelha	3	1	1	1	3	3	0	4
7º	Fer. Maputo	3	1	1	1	1	1	0	4
8º	Vilankulo FC	3	1	1	1	1	1	0	4
9º	Têxtil de Púnguè	3	1	1	1	2	-4	-2	4
10º	Clube de Chibuto	3	1	1	1	3	-6	3	4
11º	Fer. Nampula	2	1	0	1	1	1	0	3
12º	Costa do Sol	3	0	1	2	1	3	-2	1
13º	Fer. Beira	3	0	1	2	2	5	-3	1
14º	Matchedje	3	0	0	3	1	5	-4	0

Clubes paralisam o Moçambola

Os 13 clubes que disputam o Moçambola, edição 2013, excepto o Maxaquene, decidiram, por unanimidade, esta Quarta-feira, 10 de Abril, paralisar o Campeonato Nacional de Futebol por tempo indeterminado, com efeitos imediatos. Esta decisão é histórica no futebol moçambicano e resulta da deliberação de suspensão de jogadores e treinadores estrangeiros por parte do Ministério do Trabalho.

Texto: David Nhassengo

Neste contexto, estão criadas as condições para a existência de um braço-de-ferro entre o Ministério do Trabalho e os clubes do Moçambola. Depois de a ministra Helena Taipo ter suspenso alguns técnicos estrangeiros, como foi o caso de Diamantino Miranda e Victor Urbano, do Costa do Sol e Ferrovário de Maputo, respectivamente, bem como alguns jogadores do Maxaquene e da Liga Muçulmana, as colectividades vieram a público, na tarde desta Quarta-feira, informar que vão paralisar a competição.

Em conferência de Imprensa, os clubes argumentaram que a interrupção do campeonato nacional da primeira divisão no país visa dar

tempo às formações desportivas para se organizarem melhor de modo que na abertura do mercado de contratações de jogadores, em Junho do ano em curso, estejam em condições de satisfazer as exigências da instituição liderada por Helena Taipo.

Ainda assim, os 13 clubes lembraram ao Ministério do Trabalho que o futebol se rege por normas internacionais da FIFA, através da Federação Moçambicana de Futebol.

Ministério do Trabalho reage

No mesmo dia, a Inspeção-Geral do Traba-

lho veio também a público esclarecer que a fiscalização feita às agremiações desportivas, no passado mês de Fevereiro, decorreu em cumprimento do controlo da legalidade no país.

Segundo Joaquim Siúta, inspector-geral do Trabalho, o que está por detrás da suspensão de treinadores e jogadores estrangeiros ao serviço do futebol moçambicano são as irregularidades detectadas nas contratações, facto que fere a Lei do Trabalho actualmente em vigor no país.

A fonte foi mais longe ao afirmar que, em alguns casos, foram encontrados jogado-

res que recebiam salários abaixo do mínimo estabelecido para o sector desportivo, bem como a existência de treinadores sem contratos de trabalho transcritos no papel.

“Os clubes não podem estar à margem da lei laboral no país. A decisão do ministério é irredutível. Eles, ao paralisarem o Moçambola, estão a tentar inverter o problema para o órgão de controlo, ou seja, estão a auto-vitimizarse. Por mais que haja a FIFA, qualquer país tem normas e regras, nós não vamos permitir que os cidadãos estrangeiros sejam contratados sem a observância da lei”, assegurou Joaquim Siúta.

Bayern é o primeiro campeão na Europa

O FC Bayern München garantiu a conquista do Campeonato Alemão de futebol, a Bundesliga, em tempo recorde. Na Itália, a Juventus mantém os nove pontos de diferença em relação ao segundo classificado e o Barcelona os 12 à frente da Liga espanhola, enquanto na Inglaterra o United, apesar da derrota no derby de Manchester, ficou com 12 pontos de vantagem na liderança.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA



Os bávaros de Munique selaram o seu 23º título da Alemanha a seis jornadas do fim, feito sem precedentes, graças à vitória por 1-0 em casa do Eintracht Frankfurt. “Na conversa que tive com a equipa hoje, disse aos jogadores que o primeiro campeonato foi o mais emotivo da minha carreira. Nove deles nunca tinham ganho um e deu para ver o que isso significou para eles”, disse o treinador Jupp Heynckes, que vai deixar o cargo no final da época. Entretanto, o Borussia Dortmund cedeu o título apesar de ter vencido o Augsburg por 4-2. Nos outros jogos, o Schalke 04, quarto classificado, bateu o Werder Bremen por 2-0 e ficou a quatro pontos do Bayer 04 Leverkusen, que empatou a um com o Wolfsburg.

PSG lançado para o título



“Ainda não ganhámos o campeonato e temos de nos concentrar na tarefa que temos pela frente”, avisou o extremo do PSG, Jérémy Ménez, após marcar o segundo golo no triunfo por 2-0 dos parisienses sobre o Stade Rennais FC. “O plantel está a trabalhar muito bem e quando toda a gente rema na mesma direcção, ficamos perante um excelente PSG.” O resultado restabeleceu a vantagem de sete pontos na liderança da Ligue 1, após o Olympique de Marseille ter batido o FC Girondins de Bordeaux, por 1-0, no dia anterior. Entretanto, o Saint-Étienne venceu o Évian Thonon Gaillard por 1-0 e ultrapassou o Olympique Lyonnais – que perdeu por 1-0 com o Stade de Reims – no terceiro lugar.

“Biaconeri” com vantagem confortável

A exibição de Mirko Vučinić, pontuada com um “bis”, deixou o insaciável treinador Antonio Conte a desejar mais do avançado montenegrino, após a Juventus vencer o Pescara Calcio por 2-1. “Vučinić? Não jogou bem de todo, mas marcou dois golos. Agora imaginem se tivesse realizado uma boa exibição”, disse Conte. O Napoli manteve-se na perseguição graças a uma vitória caseira sobre o Genoa, por 2-0, mas está a nove pontos de distância. Quanto à Fiorentina, quarta classifica-



da, foi incapaz de encurtar a diferença que a separa do AC Milan, na luta pelo terceiro lugar de acesso à UEFA Champions League, já que se registou um empate a dois no confronto entre ambos.

“Hat-trick” de Fábregas no regresso de Abidal



Éric Abidal, do Barcelona, regressou à acção na Liga espanhola pela primeira vez desde um transplante de fígado em Abril de 2012. O defesa francês recebeu uma ovação de pé quando substituiu Gerard Piqué, durante a vitória por 5-0 sobre o Mallorca, na qual Cesc Fábregas apontou um “hat-trick”. “Foi um momento especial para toda a equipa. Sabemos que o Éric (Abidal) é uma pessoa adorada por todos. Pessoalmente, estou muito feliz e satisfeito”, disse o treinador adjunto Jordi Roura. Entretanto, o Real Madrid consolidou o segundo lugar, ao golear o Levante por 5-1, com o Club Atlético de Madrid, terceiro classificado, a terminar reduzido a nove jogadores no empate a zero com o Getafe.

Ainda vai ser renhida a luta pelo título da Premier League



A equipa de Roberto Mancini sabia que uma vitória no derby era imperiosa, ao mesmo tempo que os três pontos para os comandados de Alex Ferguson, a sete jogos do fim, significariam o 20º título de Inglaterra. Um poderoso remate, no minuto 78, da autoria do acabado de entrar Sergio Agüero garantiu a vitória ao City, agora a 12 pontos do rival.

James Milner inaugurou o marcador, logo após o intervalo, num poderoso remate rasteiro, apesar de David de Gea ainda ter tocado na bola. Vincent Kompany desviou para a sua própria baliza um cabeceamento de Jones, na sequência de um livre de Robin van Persie, e permitiu o empate, só que depois Agüero entrou em campo. O argentino desferiu um tiro fulminante, após poderosa arrancada, e deu o triunfo à sua equipa e os três pontos ao City.

O Chelsea recuperou de desvantagem para vencer o Sunderland, por 2-1, em Stamford Bridge, recuperando o terceiro lugar à custa do Tottenham Hotspur FC, que empatou a dois golos na recepção ao Everton.

Portugal



O Benfica somou o seu sétimo triunfo consecutivo na 1ª Liga portuguesa. Salvio e Matic marcaram na segunda parte, que deixou a equipa de Jorge Jesus a quatro vitórias do título de campeão.

A equipa encarnada dominou a primeira parte e poderia ter chegado à vantagem ainda nos primeiros 20 minutos, mas as três boas oportunidades que criou foram desperdiçadas por Lima (6 e 20 minutos) e por Rodrigo, ao quarto de hora.

O golo surgiu aos 52 minutos pelo argentino Sálvio, um dos jogadores que estavam em dúvida para este jogo, com um remate cruzado à entrada da área que Barcalli não conseguiu deter. Doze minutos volvidos, Matic, que também era dado como estando em dúvida para esta partida, rematou de fora da área, aos 64 minutos, e ampliou assim a vantagem da formação orientada por Jorge Jesus.

O FC Porto virou um resultado negativo com o Sporting de Braga e venceu os “arsenalistas”, por 3-1, mantendo-se a quatro pontos do líder. Quem se aproximou dos lugares de acesso às provas da UEFA foi o Sporting Clube de Portugal, que é sétimo, graças a uma vitória suada nos instantes finais, em casa, por 3-2, frente ao Moreirense FC.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Azagaia: “Não podemos aceitar a violência do Governo!”

O rapper moçambicano Azagaia criticou a violência praticada pelo Governo – através da Força de Intervenção Rápida – contra os desmobilizados de guerra. Na entrevista que nos concedeu, recordou à ministra da Justiça, Benvinda Levy, que “nada pode ser mais alto que a defesa dos direitos humanos”. Saiba a seguir as suas razões...

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

@Verdade: *A Música de Intervenção Rápida possui algo de particular – a capacidade de captar um momento da nossa história, fruto da nossa produção cultural – o jornalismo – para, em jeito de reacção, criar a música. Esta música é uma reacção...*

Azagaia: Sim! Reagi a um acontecimento que me desagradou. Desagradou-me a reacção da Polícia, bem como o posicionamento dos órgãos governamentais. É que para o Governo não bastou o facto de a Polícia ter sido violenta. O Governo legitimou essa violência. Isso chocou-me muito, porque houve uma confirmação de que – fazendo a violência contra as pessoas – o Governo agiu da forma correcta, para dizer que das próximas vezes, se a situação se repetir, o Estado voltará a agir da mesma maneira. Então isso arrepiou-me.

@Verdade: *A outra leitura que se faz, em relação à música, é que se retoma um episódio da história que – apesar de ter sido propalado pela Imprensa – podia ter passado despercebido. Acha que a discussão que se realizou em volta do assunto não foi suficiente?*

Azagaia: Penso que a reacção da sociedade civil moçambicana – os académicos, os analistas e todas as pessoas que quando acontece algo anormal denunciam – organizada não condenou a violência da FIR contra os desmobilizados de guerra com veemência. O que aconteceu foi inconcebível. Podia-se ter levado o assunto para outros portos. Tratou-se o tópico como se não tivesse sido grave. Por isso, eu senti que havia a necessidade de eternizar este momento.

Sempre que se tocar esta música – que representa um apontamento claro do sucedido – as pessoas irão recordar-se de que no dia em que os desmobilizados de guerra exigiram as suas pensões foram agredidos pelas autoridades. Isso foi errado por causa desta e daquela razão.

Essa peripécia deve ser recordada. Ela constitui um momento que se perdeu, em que se podia enfrentar as pessoas que defendem a violência policial. Uma ocasião em que se devia questionar a violência. Este acontecimento revelou a raiz da violência no país.

@Verdade: *A ministra da Justiça, Benvinda Levy – que fala num país que oficialmente defende os direitos humanos – afirma que “há circunstâncias em que o poder do Estado tem que se sobrepor para acautelar direitos mais altos”. Na sua opinião, a que direitos ela se refere?*

Azagaia: Eu também não sei. A única coisa que sei é que não existem direitos mais altos que os humanos. Nós estamos a dialogar entre homens, por isso, não faz sentido que haja direitos mais altos que esses. E se existirem quem os defende?

A não ser que haja, entre nós, seres alienígenas que possam defender algo superior aos direitos humanos. Na minha opinião, na cadeia dos direitos, os humanos cons-

tituem o topo. Se um ser humano defende direitos superiores aos seus – que também lhe dizem respeito – é como se estivesse a dar tiros a si próprio.

Um comportamento inaceitável

@Verdade: *Agora, mais do que nunca, é preciso fazer uma Música de Intervenção Rápida. Porque é que temos de intervir neste momento?*

Azagaia: Se o Governo moçambicano aparece a legitimar a violência, torna-se urgente que nós, como sociedade, estejamos precavidos, intervindo contra esse proceder. Ou seja, se o Governo afirma que – em determinados momentos – atacar os direitos humanos, promover a violência é legítimo, então, também é legal que nós nos oponhamos porque, afinal de contas, somos seres humanos.

Estamos diante de um caso flagrante perpetrado pelo Governo. No mínimo, devia ter havido um pedido de desculpa à sociedade porque houve um excesso, sem classificação, na actuação das autoridades. É como se se estivesse a instalar uma nova ordem no país, que se instaura a partir do momento em que o Governo considera que – sempre que os seus agentes acharem que têm coisas a defender – podem agir com violência. Isso é inaceitável.

Então, agora é um momento de intervir e de forma rápida. Esse comportamento do Governo não pode ser aceite de modo nenhum.

As pessoas têm medo

@Verdade: *Criou uma convicção nesta música ao afirmar que não “sou formado em direito, mas sei que manifestar neste país é meu direito”. Acha (mesmo) que o povo moçambicano já tem esta consciência?*

“...não existem direitos mais altos que os humanos. Não faz sentido que haja direitos mais altos que esses...

É como se se estivesse a instalar uma nova ordem no país, que se instaura a partir do momento em que o Governo considera que – sempre que os seus agentes acharem que têm coisas a defender – podem agir com violência.”

Azagaia: Não existe a consciência de direito. As pessoas ainda têm medo de intervir e de se manifestar contra procederes negativos. No assunto que se explora na música, eu percebi que a repressão da Polícia intimida os desmobilizados de guerra. Foi como se fosse um aviso deixado para toda a gente.

Com que diz que quem quiser agir como o referido grupo social corre os mesmos riscos. É assim que o povo vive, com medo de exigir os seus direitos – sempre que forem violados – porque a Força de Intervenção Rápida irá actuar contra si. Nós não podemos viver com medo.

@Verdade: *Associou-se à voz dos desmobilizados de guerra?*

Azagaia: Na verdade, o objectivo desta música não é defender os desmobilizados de guerra. A única coisa que posso dizer em relação ao referido grupo social é que ele – como qualquer um de nós – tem o direito de exigir os seus direitos. Eles não podem ser reprimidos, muito em particular porque estavam a fazer um movimento pacífico.

Estamos num país democrático em que as pessoas têm o direito de se expressar. Mas o que está a acontecer agora é que estão a impedir o necessitado de falar.

Eu sou um agitador

@Verdade: *Já foi considerado um agitador social. Assume-se como tal?*

Azagaia: Eu sou um agitador, não nego isso. Falo em nome da Constituição da República que rege os moçambicanos. Ela afirma que todos somos iguais. Nesse sentido, eu posso falar com o Presidente da República, directamente, e dizer-lhe que não gosto de determinadas coisas.

Não existe nada que me impeça de falar com o ministro, com o bispo ou com o cardeal em Moçambique, porque nós todos – ricos e pobres – somos iguais no país. Temos de nos respeitar. Os títulos que uns ostentam e outros não só funcionam na vida administrativa – e não são para intimidar ninguém.

O problema é que a sociedade moçambicana cria um grande aparato em volta das figuras que constituem o Governo, a fim de torná-las inacessíveis. Eles andam sempre com escoltas, dentro de Mercedes e ninguém os vê. Mas eles não são pessoas especiais. O Presidente da República, sempre que exonera

Plateia

continuação → Azagaia: “Não podemos aceitar a violência do Governo!”

alguém, faz-nos perceber isso. No Governo, as pessoas estão para fazer e cumprir o seu trabalho – e não para intimidar ninguém. Governar é dialogar. Não se pode governar sem diálogo. Quando eles encerram as possibilidades de discussão com os governados não farão bem o seu trabalho porque nunca saberão quais são os problemas que temos. Logo, as suas acções governativas serão ineficazes.

@Verdade: *A Música de Intervenção Rápida foi bem recebida pela Imprensa. Será este o seu retorno à ribalta?*

Azagaia: Não diria que se trata de retorno. Retornarei quando tiver lançado o meu álbum novo, Kubaliwa – o mesmo que renascimento. Tenho um trabalho discográfico – a ser publicado ainda neste ano. O que fiz agora é apenas uma música de intervenção.

Uma Música Livre

@Verdade: *Possui um projecto chamado Música Livre. Em que pé é que se encontra e – a ser implementado – como é que irá funcionar?*

Azagaia: A Música de Intervenção Rápida, por exemplo, é grátis. Ela enquadra-se na prestação de um serviço público, por isso não deve ser vendida. De uma forma geral, eu gostaria que a música fosse gratuita para as pessoas. Penso que, provavelmente, os artistas poderiam ganhar mais se se apresentassem em concertos. Por exemplo, agora existe um problema da pirataria que é um movimento oposto à produção musical. Quem produz música não ganha nada por causa dos piratas.



Então, eu tenho reflectido acerca do que chamo de Música Livre. Se eu pudesse – e acho que um dia farei isso – ofereceria a música que faço de graça. A primeira razão é que acho que é impossível combater a pirataria num país, como o nosso, em que há muitas dificuldades e os promotores da pirataria vêm na música uma forma de ganhar a vida. A segunda razão é que eu acredito que se a música for livre, e as pessoas puderem aceder a ela sem ter de pagar, pode-se introduzir uma nova dinâmica na indústria cultural. Não quero dizer que os músicos não devem ganhar algo pelo trabalho que fazem, mas, provavelmente podem ganhar de uma outra forma.

Se analisarmos os factos com algum realismo, notamos que a maior parte das pessoas que consomem a nossa música não compra. No norte do país, por exemplo, eu não tenho alguém que vende os meus discos, mas a música é consumida. Penso que do universo das pessoas que possuem e consomem a minha música, apenas 10 por cento é que compraram. Então, acredito que chegará o dia em que iremos perceber que o melhor é oferecer a música às pessoas porque ela vem delas. A música vem do dia-a-dia da convivência, então, é justo que ela retorne. Trata-se de um tema novo por discutir. Mas acredito na Música Livre. Não digo que vou fazer, mas estou a cogitar nessa hipótese.

“Está-se a ‘castrar’ o cinema moçambicano!”

Num país com poucas salas de cinema, a falta de regulamentação específica para o sector e a inexistência de concursos de promoção da produção confundem a sétima arte: “Está-se a ‘castrar’ o cinema moçambicano”. Deste modo, em conversa que mantivemos consigo, João Ribeiro insurgiu-se contra o facto.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguzeu

Para a sua realidade sociopolítica e económica – marcada por dificuldades –, Moçambique é um país que tem muita produção audiovisual. Há, em média, uma longa-metragem, dois ou três documentários e uma série de “docodramas” produzidos por ano. Isto é um potencial. A qualidade, a forma e o custo dessa produção não são aspectos relevantes, ou fortes, porque a economia nacional não está em condições de dar maior apoio à área, nem às artes e cultura, o que constitui um grande problema. No país, apesar de não haver uma indústria funcional que suporte a produção cinematográfica, ela acontece. “Todo o trabalho é feito com base em apoios institucionais, de entidades não governamentais – uma e outra instituição do Governo –, incluindo algumas empresas privadas”. Depois desse esforço orientado para a produção, instala-se um dilema. “Os filmes não são distribuídos no circuito nacional porque não há salas de cinema. As televisões nacionais não passam as obras”. Um outro aspecto grotesco é que “as poucas salas que existem no país estão mais ao serviço do cinema americano, de filmes comerciais, em detrimento dos moçambicanos”.

A falta de regulamentação

É numa altura dessas em que se pergunta como é que a inexistência de uma lei específica para o sector constrange a indústria do cinema. Há uma necessidade de existir linhas orientadoras por parte do Estado para o que se pretende produzir na sétima arte – como acontece em qualquer actividade. Aliás, “se se quiser desenvolver o cinema – como uma forte expressão cultural – deve haver, no país, uma legislação para regular e controlar todo o processo produtivo. Só assim é que se pode criar uma cadeia de valores na área. Isso passa pela produção, distribuição até o consumo do produto cinematográfico”. No entanto, o problema é que – em mais de 30 anos de independência – “não há, em Moçambique, uma lei específica para o cinema. A legislação que vigora é antiga e generalista. Ela funciona para o ramo de televisão, rádio e cinema, ao mesmo tempo. Além do mais, está desactualizada possuindo, por isso, lacunas. Por exemplo, não prevê a questão da Internet”. A par disso, João Ribeiro – o director da Primeira Semana do Cinema Africano de Maputo, que decorre de 11 a 18 de Abril – considera que é preciso que haja apoios regulados para o cinema. Por exemplo, o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Arte e Cultura (FUNDAC) e o Instituto Nacional do Audiovisual e Cinema (INAC) “deveriam ter concursos anuais que promovam a produção nacional, onde os artistas, incluindo os cineastas e realizadores, poderiam submeter os seus projectos de forma cíclica e organizada. Isso não acontece no país”. Se não se criarem estas condições, o cinema irá crescer com muitas dificuldades porque “sozinhos, nós, os realizadores moçambicanos, não conseguiremos dar o salto necessário para o desenvolvimento do cinema. A legislação deve existir para orientar a produção feita no país”.

Um sistema que dificulta tudo

Enquanto se esperava por uma acção cada vez mais paternalista da parte das entidades de direito, segundo João Ribeiro – que realizou o filme O Último Voo de Flamingo, do livro escrito por Mia Couto – o avanço do cinema moçambicano é barrado por uma série de taxas e multas impostas pelo sistema. É nesse sentido que perante “algumas posturas municipais que – quando o assunto é o encerramento de algumas ruas para a realização de um filme – defendem o pagamento de valores impraticáveis por parte do realizador”, formulam-se algumas críticas. Afinal “isso retrai a produção cinematográfica nacional e internacional, porque os custos são caros para ambos os lados”. O outro exemplo colocado por Ribeiro é que, em Moçambique, “se se pede o apoio – para a realização de um filme por um dia – em termos de cobertura de segurança, a Polícia da República de Moçambique cria um plano em que oferece 20/30 homens – muitas vezes não necessários



“ As poucas salas que existem no país estão mais ao serviço do cinema americano, incluindo filmes comerciais, em detrimento dos filmes moçambicanos. Sozinhos, nós, os realizadores moçambicanos, não conseguiremos dar o salto necessário ao desenvolvimento do cinema. A legislação deve existir para orientar a produção feita no país. O papel do INAC não pode ser o de “castrar” a produção cinematográfica, criando taxas e multas para os realizadores no país, mas antes deve ser o de facilitar o processo. ”

–, a par de muitas outras dificuldades, exigindo um valor muito elevado para o pagamento dos serviços por hora”. Nesse sentido, compreende-se que “o papel do INAC não pode ser o de “castrar” a produção cinematográfica, criando taxas e multas para os realizadores no país, mas antes deve ser o de facilitar o processo”. Portanto, segundo João Ribeiro, é preocupante que em Moçambique haja mais posturas urbanas que regulam a cobrança, em detrimento da facilitação do processo: “para se ter uma empresa de cinema no país, pagam-se taxas; para se pôr um filme a circular há outros impostos. Para se ter acesso ao visto de rodagem há a obrigação de se pagar uma certa percentagem sobre o orçamento – isso é impraticável em todo o mundo”. É aí onde, de acordo com João Ribeiro, se encontra a irregularidade porque “nenhum instituto de cinema no mundo cobra um valor percentual sobre o orçamento de uma autorização de filmagem”. Outras normas que regem o cinema no país são interpretadas como um contra-senso. Por exemplo, há uma circular – publicada no ano passado – que reza que, “em Moçambique, é proibido produzir filmes de guerra. Isso é um absurdo. Como é que o INAC pode emitir uma circular a proibir a produção de filmes sobre guerra num país que possui uma história bélica?”

Não estamos unidos

Recorde-se que há três anos que os cineastas moçambicanos – sob a orientação do Governo, através do INAC – trabalham no projecto de criação duma lei para o cinema. “O processo nunca é concluído”. É aqui onde se começa a perceber que as responsabilidades são múltiplas e que é provável que os realizadores não estejam a actuar como deve ser. Ou seja, “nós, os produtores de cinema, devíamos ter uma acção mais organizada e uma cultura mais profissional. Temos que tomar a iniciativa de advogar a nossa actividade. Infelizmente, não fazemos o nosso papel. Não somos muito unidos. Não conseguimos associar os nossos interesses para materializar os nossos objectivos – isso é um problema nosso”, refere.

Um músico politizado em Nampula

Em 45 anos de idade, o músico nampulense, Charifo Victor Salimo, gerou 26 filhos. Ele desconhece as circunstâncias que o conduziram a tornar-se cantor, acreditando, porém, que se trata de um dom.

Texto & Foto: Redacção/Sebastião Paulino



Muito cedo, quando Charifo Victor Salimo era criança, os seus pais aperceberam-se da sua inclinação para a música. Logo, encaminharam-no a um artista experiente a fim de lhe dar as lições adequadas. Quando tinha 11 anos de idade, o artista foi integrado no grupo cultural “A Revolução Continua”. Na altura, o mesmo era constituído por artistas originários da Tanzânia e da província de Cabo Delgado.

O conjunto realizava shows nos bairros de Nampula, explorando vários géneros de música, com destaque para a Rumba que é uma mistura de músicas tradicionais do norte de Moçambique. Na colectividade, o cantor começou por aprender a tocar a guitarra – por um período de três anos – e quando tinha 14 de idade já fazia concertos em palco. Charifo ganhou visibilidade no seio do grupo mas, tempos mais tarde, a banda parou de actuar. Perante a situação, Charifo Victor Salimo – que já possuía um número assinalável de admiradores – teve o patrocínio do Conselho Municipal de Nampula e do FUNDAC para a gravação do seu primeiro disco. Foi, aliás, ao abrigo do entendimento de ambas as instituições que o artista viajou para Portugal, onde gravou o seu álbum nos estúdios do músico angolano Yeyé. A obra contou com a participação de Pureza Wafino.

Sob o ponto de vista temático, o trabalho é um retrato social bem como um tributo aos seus pais. Explorando a diversidade de manifestações culturais que abunda no norte de Moçambique, o artista associou ritmos de danças como o Tufu, a Sacacha e a Namahaja – cuja mescla gera a Rumba e a Passada. O cantor, que está arrependido por não ter ido à escola, em tempo útil, frequenta hoje a 10ª classe. “Quando me envolvi com a viola, fiquei corrompido. Não sabia que a não escolarização me seria um problema. Nos dias que correm, se a pessoa não estudou não é respeitada na sociedade”, comenta.

Além do mais, de acordo com o cantor, nos últimos dias tem sido difícil que um artista viva apenas da sua actividade como tal. Os empresários locais não apoiam a arte. “A realidade é preocupante porque os artistas que surgem, mesmo que sejam talentosos, não têm mecanismos para colocar os seus produtos no mercado”.

Uma mudança que magoa

Actualmente, Victor Salimo possui no mercado nove trabalhos discográficos. Quatro foram editados pela J&B Recording. Três foram canceladas pela Vidisco Moçambique, enquanto os outros dois foram produzidos de forma independente. O encerramento das editoras – uma realidade que complica a produção musical – magoa o cantor. A inoperância das leis culturais no país é outro calvário. O cantor recorda-se de que quando tinha uma relação laboral com a Vidisco Moçambique o seu trabalho era rentável. Vendia discos no estrangeiro. O álbum

Acai, cujas vendas chegaram a 80 mil cópias, em 2004, valendo-lhe a conquista do disco de Dupla Platina, é um exemplo.

Um músico político

Ao receber o troféu, o cantor esperava o reconhecimento do Governo local pelo seu papel na massificação das actividades culturais. “Mas estamos na região norte de Moçambique, onde, na prática, a cultura é olhada pelo lado esquerdo”, desabafa. É por essa razão que para o músico, de certa forma, o Governo deve apoiar os artistas.

Por isso, Charifo Victor Salimo – pelo facto de compreender a Constituição da República, o funcionamento do estado moçambicano e acompanhar a dinâmica sociopolítica do país – considera-se um músico político e argumenta: “Eu sinto-me um músico político, porque fiz várias campanhas de mobilização social a favor do Partido Frelimo. As pessoas gloriam-se com os resultados das referidas campanhas”. No entanto, a sua veia para a política – recentemente descoberta – afasta o cantor da música.

Lutar contra a pirataria

Em Moçambique, os fazedores da cultura têm lamentado em relação à prática da pirataria. Em Nampula, por exemplo, os músicos estão agastados com o fenómeno.

Victor Salimo sente pena dos novos talentos na música porque a contrafacção já se responsabilizou pela falência da maior parte das editoras. Para si, o Governo deve frear esta tendência. O cantor diz que o elevado índice de pirataria que se regista no país resulta do facto de o Ministério da Cultura não encontrar mecanismos adequados para controlar a situação. Aliás, em Nampula, perante o olhar indiferente do Conselho Municipal de Nampula, há pessoas que a praticam, de forma normal, como uma actividade de sobrevivência.

Uma carreira dura

Se Charifo Victor Salimo – que fez uma carreira repleta de sacrifícios – é um artista bem-sucedido, tal deve-se ao facto de nunca ter desistido de lutar. Transformou as dificuldades em desafios. Quando abandonou a sua banda, Charifo seguiu uma carreira a solo – o que não foi fácil pois não tinha nenhum instrumento de música. “Numa primeira fase, pedi apoios a alguns empresários em Nampula. A resposta não foi favorável. Com o apoio dos meus familiares, comprei uma guitarra”, recorda-se. Neste momento, o músico trabalha a fim de publicar o seu décimo álbum no mercado – o que acontecerá nos finais de 2013. O disco terá 12 faixas que retratam a sociedade moçambicana. Nos seus projectos está incluída a criação da banda Honda do Índico, cujo objectivo é a preservação da cultura da região norte de Moçambique.

Publicidade

Quem quer tako vai ao BCI.

O Cartão de Crédito de todos os moçambicanos tem uma nova imagem.

Adira já ao Cartão tako e ganhe a oferta da primeira anuidade*. Saiba como numa Agência perto de si e ande sempre com tako no bolso.

Plateia

Música ao serviço da harmonia do povo

Quando o guitarrista moçambicano Regino Matimbe produz música – associando diversos instrumentos por si utilizados – ninguém resiste ao impacto dos resultados. Os trabalhos que faz com artistas moçambicanos e estrangeiros comprovam a sua excelência.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguzeu

Regino Matimbe nasceu na província de Maputo, em 1986. No entanto, como qualquer bairro suburbano, no vale de Infulene, onde vive, as pessoas enfrentam inúmeras dificuldades sociais. É contra elas que a acção artístico-musical do guitarrista pretende impor-se. “Há que encontrar soluções para harmonizar as pessoas – a música pode ser uma delas”, afirma.

Na verdade, Regino Matimbe possui um talento reconhecido. Por isso, no seu bairro, foi escolhido pelos líderes da Igreja Assembleia de Deus para ensinar aos crentes o uso da guitarra.

Origem do guitarrista

Na sua infância, Regino Matimbe costumava acompanhar o seu tio que – a par dos seus amigos – tocava guitarra no pátio da casa. Acredita-se que a partir daí tenha nascido a vontade de tocar o instrumento.

Em 1998, quando possuía 12 anos de idade, Regino Matimbe fabrica a sua viola de lata para dar os seus primeiros passos como guitarrista. Dois anos depois, movido pela necessidade de estudar, passa a viver na vila de Matutuine. Com o apoio de um dos seus professores, que tocava guitarra, o aluno aprimora a sua relação com o instrumento.

A partir de 2000, com uma relação mais íntima com a referida ferramenta de música, Matimbe procura – a todo o custo – materializar os seus sonhos: quer que a música seja aplicada como um instrumento de educação da sociedade. Houve um momento em que a relação do artista com a guitarra era doentia.

Tornou-se um vício. Ou seja, épocas houve em que se sentiu impelido a interromper os estudos porque não conseguia conciliar ambas as actividades. Refira-se, então, que tal atrevimento não foi de todo negativo. O seu desempenho criou-lhe condições para participar em concertos com artistas e bandas de nomeada. Personalidades como Chico António, Filipe Nhassavele, o brasileiro Fábio Costa, a banda sueca Iking, e outras norte-americanas com os quais trabalhou são alguns exemplos.

Com emoção, Regino Matimbe recorda-se de que a sua actuação marcante – aquela em que sentiu que, como artista, é valorizado – foi a protagonizada com a banda norte-americana Matuto, na cidade de Maputo. Em resultado da sua performance, o artista tornou-se membro da banda Uchene com a qual participa em diversos festivais de música.

Ignorar o emprego

“Sinto que nasci para a música” – refere o artista que ignorou as oportunidades de emprego noutros sectores diferente do artístico, ao mesmo tempo que explica que “não consigo viver sem ela”. Aliás, “a música e a guitarra completam-me e concretizam todos os meus desejos e imaginações do meu ego”.

Ainda que determinadas pessoas desvalorizem a sua opção, Regino não desiste. Para si, a música é um instrumento de socialização e promoção da harmonia social entre pessoas de diferentes origens e orientações. De acordo com o guitarrista, a falta de harmonia entre as

pessoas – mesmo em Moçambique – retarda o desenvolvimento humano e social, porque “cada pessoa luta de forma isolada a fim de alcançar objectivos egoístas”.

Na sua música, Regino explora o género Afro-Jazz. As suas razões, para o efeito, são inúmeras: “é preciso sublimar as nossas raízes e a nossa identidade. Porque elas, na música mundial, têm uma grande expressão”. Até porque “nas minhas composições misturo o Afro-Jazz, com outros ritmos como o Muthimba, a Marrabenta, a Rumba, o Funk, entre outros”, refere.

Falta de dinheiro retarda o disco

Regino Matimbe já possui um conjunto de 13 músicas gravadas. Ele explora diversos temas, incluindo os bíblicos, a fim de promover a harmonia social e a solidariedade. Nas suas melodias estão incorporadas composições que apelam aos ouvintes da música para a necessidade de reflectir em volta da realidade, procurando soluções e mecanismos para transformá-la.

Segundo Regino, o facto de o Afro-Jazz e a música Gospel que explora não serem muito apreciados pelos jovens limita as suas pretensões. Preocupa-lhe que a maior parte dos consumidores da sua música seja constituída por estrangeiros. É como se os moçambicanos não tivessem



a consciência da essência que tais géneros possuem.

Enquanto as possibilidades de acesso ao dinheiro – para a publicação do seu primeiro trabalho discográfico – não se criarem, o guitarrista planeia criar uma banda de música Gospel. Porque, para si, não há barreiras intransponíveis, “a minha principal missão é elevar a minha música para que tenha uma dimensão internacional e seja consumida no mundo”.

Publicidade

SEXTA E SÁBADO ATÉ A MEIA NOITE

Acrescente Valor ao seu Dinheiro!

Temos **HAPPY HOURS de Imperial**
paga 1 beba 2 DAS 16H as 19H
na Esplanada

Frango Servido à mesa 200Mt

TODOS OS DIAS DAS 10H ÀS 21H

Take Away

FRANGO ASSADO

Frango Inteiro 270.00Mt Com Batata Frita + 4 Pãezinhos

½ Frango 140.00Mt Com Batata Frita + 2 Pãezinhos

¼ Frango 70.00Mt Com Batata Frita + 1 Pãozinho

Av. Eduardo Mondlane, 324 Em Frente
a Escola 3 de Fevereiro - Polana - Maputo
Cell: +258 82 523 859 6 / +258 84 785 937 6

Cartaz

Programação da



Segunda a Sábado às 20h45 – FLOR DO CARIBE



Cassiano fica comovido ao ver Samuca. Alberto orienta Hélio a encontrar um comprador para a mina. Cassiano resolve abrir um bar com o dinheiro que o pai lhe deu e o batiza de Flor do Caribe. Alberto manda Yvete pesquisar sobre Duque. Donato devolve o dinheiro que Bibiana emprestou, sem saber que a quantia era de Hélio. Duque consegue alguns fios de cabelo de Samuca, para que Cassiano faça o exame de DNA. Juliana beija Natália. Cristal aceita se apresentar em turnê pelo Brasil. Duque avisa a Cassiano que Cristal vem ao

Brasil. Duque revela que Cristal aceitou cantar na inauguração do Flor do Caribe. Marizé conta ao pai que foi Hélio quem emprestou o dinheiro para ele comprar seu barco. Donato invade a reunião onde está Hélio e insulta o filho na frente de Alberto. Alberto chora, com receio de que Cassiano tire Samuca dele. Veridiana, Lino e Dadá ficam felizes ao ver Candinho de volta com Ariana. Guiomar liga para Dionísio pedindo ajuda. Alberto se surpreende ao ver Cassiano sentado à mesa com sua família no café da manhã.

Segunda a Sábado às 21h45 – GUERRA DOS SEXOS



Dino mostra o laudo pericial para Felipe, e Carolina pede perdão ao noivo. Charlô e Roberta pensam em como descobrir o responsável pela sabotagem no desfile. Carolina tenta convencer Dino a não levá-la para a delegacia. Juliana e Nando encontram Nenê e Veruska em seu apartamento. Manoela convida Fábio para jantar com ela e Ciça. Nieta descobre o falso exame de gravidez de Carolina. Frô fica impressionada com o comportamento de Kiko. Vânia cobra de Dino que ele conte a verdade para Roberta sobre Carolina. Nando avisa a Roberta que Nenê e Veruska estiveram em sua casa procurando a boneca russa. Carolina ameaça Felipe para que ele mantenha a decisão de se casar com ela. Dominginhos fala como Otávio e Charlô se espanta. Dominginhos fala para Charlô que pode imitar Otávio no tribunal para que ela ganhe a aposta. Felipe diz a Carolina que

não sabe se vai se casar com ela. Dalete e Lucilene implicam com Frô. Nando fica tenso quando Juliana diz que vai cozinhar para ele. Frô resolve mudar o visual de Semíramis. Ulisses se preocupa com Lucilene. Vânia insinua para Roberta que Nando pode querer reatar com ela. Analú procura a boneca russa na piscina, e Dominginhos fica intrigado. Fábio afirma a Felipe que Carolina está mentindo para ele. Baltazar leva o cesto de roupas, com a boneca russa, para a casa de Felipe. Dino e Nieta descobrem que Carolina fugiu de casa. Roberta e Charlô chegam à delegacia. Juliana convence Nando a deixá-la pagar uma empregada para eles. Carolina vai para a casa de Felipe. Dalete sugere que Lucilene fique na casa de Ulisses para tentar reconquistá-lo. Ulisses pede Vânia em casamento. Fábio vai à casa de Juliana, e Nando fica enciumado. Dino denuncia Carolina na delegacia.

Segunda a Sábado às 22h15 – SALVE JORGE



Théo tenta se explicar para Érica. Elcio conta para Livia que Érica não se separou de Théo. Wanda embarca mais pessoas traficadas e policiais avisam Helô. Antonia encontra Wanda na rua. Deborah instrui Celso sobre como agir diante do juiz. Aida e Nunes voltam de lua de mel. Amanda discute com Caíque. O juiz repreende Celso e Antonia. Um espião da quadrilha observa Helô entrando no esconderijo de Morena. Jéssica fica doente e Morena pede ajuda para Helô. Stenio descobre a nova armação de Pepeu e Drika. Dudi e Anita são recebidos por Russo ao chegar em Istambul e descobrem que foram traficados. Helô decide levar Jéssica ao médico. Ekran reclama de Bianca para Zyah. Ayla pede para Esma entregar a agenda do marido para ela. Rosângela descobre onde Wanda vai encontrar a chefe. A vila espera Théo na porta do regimento. Márcia vê Livia provocando Théo e

a enfrenta. Cacilda percebe o fingimento de Áurea. Théo tenta encontrar com Morena por meio de Helô, mas a delegada nega seu pedido. Elcio manda flores para Érica. Rosângela descobre que Livia é a chefe da quadrilha. Carlos aconselha Antonia a avisar a Helô que falou com Wanda. Aida fica ansiosa para saber o presente que Amanda tem para ela. Murat se encontra com Salete. Helô conta para Morena que Jéssica pode ficar internada caso o quadro piore. Delzuite afirma que não perdoará Pescoço. Jô consegue convencer Russo a fazer um curativo em Dudi. Waleska explica para Anita e Dudi o que eles precisam fazer. Helô descobre que Stenio mentiu sobre Pepeu e Drika e o expulsa de casa. Carlos pergunta a Aida pelo presente de Amanda. Raissa fala para Antonia que Amanda sabe um segredo sobre Carlos. Jéssica piora. Wanda avisa a Livia que os atiradores estão prontos para atingir Morena.

Publicidade

18H
10H ou 14H
10H e 16H
16H
20H

TEATRO AVENIDA TA
AUDITÓRIO 1502 DA FLCS FLCS
CENTRO CULTURAL FRANCO-MOÇAMBICANO CCFM
INSTITUTO NACIONAL DE AUDIOVISUAL E CINEMA INAC
AUDITÓRIO DA TIM TIM

FILMES		12	13	14	15	16	17	18
PROGRAMA PRINCIPAL	HOMEM NO CHÃO							
	LES SAIGNANTES				TA			
	VIVA RIVA!		TA					
	O ÚLTIMO VÔO DO FLAMINGO					TA	CCFM	
	HOJE						FLCS	TA
	UMA MULHER INVULGAR			TA	CCFM			
	MASSA CINZENTA						TA	
	EM NOME DE CRISTO	TIM				CCFM		INAC
	GUIMBA				TIM			
	SARRAOUNIA				CCFM		TIM	
PROGRAMA CLÁSSICOS	VENTO		TIM			INAC		
	KEITA! A HERANÇA DOS GRIOTS				INAC		TIM	CCFM
	BUUD YAAM			TIM			INAC	

MAPUTO AFRICAN FILM WEEK
1ª SEMANA DE CINEMA AFRICANO DE MAPUTO - ABRIL 2013

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

As mulheres duma tribo do Turkestan Chinês trazem ligaduras nos maxilares porque um seu rei sofreu há centenas de anos de uma dor de dentes.

A crença de que uma viúva, se volta a casar, será “assombrada” pelo espírito do marido, ainda existia, recentemente, em alguns países civilizados.

Por exemplo, em 1952, em Macon, Georgia, Estados Unidos da América, um cavaleiro pediu o divórcio em virtude de ele e a sua mulher serem importunados pelo fantasma do primeiro marido, de tal forma que era impossível viverem juntos.

O homem foi sincero e a compreensão do juiz levou-o a conceder-lhe o divórcio.

As mulheres de Burma, Índia, fumam cigarros com 35 centímetros de comprimento, e dois de diâmetro. Além dessa extravagância, trazem sempre consigo um cinzeiro condizente com o tamanho do cigarro.

Uma estrela denominada “a negra companheira de Procyon”, que se supunha existir há décadas, foi “descoberta” em 1873 por Otto Wilhelm von Struve, o famoso astrónomo do Observatório de Pulkovo, em Leninegrado, Rússia.

Depois de Struve ter publicado as frequentes observações durante dez anos, verificou um dia, com pasmo e desolação, que a “estrela” não existia. O que na verdade existia, e lhe causou a grande ilusão, era uma nódoa numa lente do seu telescópio.

PENSAMENTOS...

- Uma vela não ilumina a própria base.
- Mesmo uma grande árvore tem um machado ao pé.
- Tenhamos mais medo dum ignorante do que dum leão.
- Se Deus fecha uma porta, abre milhares delas.
- Ninguém se pode livrar da pedrada de um louco; e o mundo está cheio de loucos.
- A mão não cava sem a enxada, mas também a enxada não cava sem a mão.
- “Não fazer caso” é a fórmula mágica para evitar dores de cabeça.
- Ao escolher esposa, o homem não deve ser muito cuidadoso. Se o for não casará.

SAIBA QUE...

A Guerra da Coreia (1950-1953) teve os seguintes antecedentes:

Anexada pelos japoneses em 1910, a Coreia fez parte do império nipónico até 1945, data em que os aliados decidiram dividi-la em duas zonas – uma soviética e outra norte-americana, ao Norte e ao Sul do paralelo 38 – a serem mantidas até a realização de eleições gerais sob a supervisão das Organizações das Nações Unidas (ONU), com o objectivo de estabelecer um Estado coreano independente. Mas a União Soviética não permitiu que a comissão da ONU entrasse na sua zona, e as eleições só se realizaram no Sul (Maio de 1948), empossando o governo de Syngman Rhee; no Norte, sob a presidência de Kim Il Sung, instalou-se uma república comunista apoiada pela União Soviética, e as tropas de ocupação norte-americanas e soviéticas abandonaram a península. Contudo, a tensão entre as duas repúblicas cresceu gradualmente, culminando com a invasão da Coreia do Sul por tropas de Pyongyang, em 25 de Junho de 1950.

Dois dias depois, o Presidente norte-americano Harry Truman decidiu intervir no conflito. À frente das tropas – às quais se juntaram diversos contingentes internacionais – foi colocado o general Douglas MacArthur, que conseguiu levá-las para dentro do território inimigo até a fronteira com a Manchúria. O exército do Norte, apoiado pela China, desencadeou a contra-ofensiva, a 27 de Novembro de 1950. Todavia, desejando evitar um conflito com a China, Truman substituiu MacArthur – partidário da acção intensiva na Manchúria – pelo general Matthew Bunker Ridgeway, a 11 de Abril de 1951.

As negociações de paz, iniciadas em Junho de 1951, levaram à assinatura do armistício de Panmunjom, em 27 de Julho de 1953.

Nesta guerra, os Estados Unidos perderam 33 729 homens; as forças da ONU 4 786; a Coreia do Sul 70 000; os comunistas 1 600 000 (dos quais 60% de chineses); cerca de 3 000 000 de civis norte-coreanos e 500 000 sul-coreanos morreram de fome, epidemias ou bombardeamentos. Os prejuízos foram avaliados em mais de um bilião de dólares americanos.

RIR É SAÚDE

Dois irmãos gémeos eram suspeitos da prática de homicídio, o que deixava as autoridades com os nervos à flor da pele.

Um vez que ambos negavam a autoria de tal crime, o juiz, recorrendo a uma artimanha com base em hábitos populares, ordenou que ambos fossem mantidos detidos em celas separadas, mas antes que fossem pesados, tendo-lhes sido dada a mesma ração alimentar durante um mês.

Passado aquele período, foram levados à presença do juiz, que os fez pesar de novo.

Um deles havia ganhado uns quilos a mais em relação ao outro.

Face a este cenário, o magistrado não hesitou na sentença:

– Solte-se o de maior peso, pois o que não mata engorda.

Dois indivíduos amigos e gabarolas, o Bruno e o Matola, contavam um ao outro as suas últimas façanhas:

– Na minha última pescaria, apanhei em peixe de 180 quilos – diz o primeiro.

– E eu anteontem mergulhei em pleno alto-mar e encontrei, por acaso, um petromax aceso –, vangloria-se o Matola.

– Tu achas que sou tão tolo para acreditar nessa patra-nha? – indigna-se o Bruno.

A resposta do Matola não se fez esperar:

– Se tu concordares em diminuir uns tantos quilos ao peixe, eu apago o petromax...

HORÓSCOPO - Previsão de 12.04 a 18.04



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As suas finanças apresentam-se regulares e não deverá sentir dificuldades, de maior, durante este período. Poderá verificar-se, próximo ao fim da semana, uma pequena entrada de capital.

Sentimental: Seja direto com o seu par e não crie situações artificiais que, poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis. Para os que não têm compromissos, durante esta semana poderão conhecer alguém importante.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: As suas finanças deverão apresentar-se regulares, durante este período; no entanto, não será aconselhável qualquer aplicação de capital ou investimento; aguarde por uma altura mais favorável. Tenha em conta os momentos difíceis que atravessa.

Sentimental: A sua vida amorosa, durante esta semana, aconselha a que seja gentil e carinhoso com o seu par. O diálogo poderá quebrar barreiras que, foram criadas por não se clarificarem situações, nos momentos próprios.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As suas finanças poderão conhecer, durante este período, uma situação de algum melindre. Não se deixe conduzir por impulsos e analise as questões antes de decidir. Para o fim da semana, a situação deverá começar a melhorar.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros. Mantenha-se atento em relação a esta questão.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As finanças poderão conhecer um período complicado; no entanto, seja positivo e use a sua força para não deixar que este aspeto possa influir, negativamente, nas suas atitudes e decisões.

Sentimental: Um pouco mais de atenção ao seu par poderá ser uma forma de suavizar, um pouco, outros aspetos menos agradáveis. A compreensão e a tolerância serão o caminho mais curto para um bom entendimento.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: O aspeto financeiro será caracterizado pela regularidade; no entanto, deverá ter em linha de conta que, poderá ter uma despesa, inesperada. Um familiar poderá recorrer à sua ajuda económica.

Sentimental: A sua vida sentimental será, até certo ponto, o reflexo da forma como considera o seu par. Tente ser um pouco mais carinhoso e compreensivo. O diálogo deverá ser uma constante que, esclarecerá algumas dúvidas.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: O aspeto financeiro deverá merecer, da sua parte, a maior atenção. Não gaste mais do que deve. Toda a espécie de aplicações de capital e investimentos deverão ser, cuidadosamente, analisados.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos; assim, seja atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período, poderão ter consequências bem desagradáveis.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: As finanças poderão atravessar um momento difícil que, poderá ser ultrapassado, com o seu habitual otimismo; no entanto, seja realista e não faça despesas desnecessárias.

Sentimental: O seu par é para si uma pessoa importante; assim, para que não aconteçam imprevistos, use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: A tendência deste aspeto requer uma atenção e cuidado muito especial. Poderá ser confrontado com uma situação imprevista que lhe criará dificuldades, acrescidas.

Sentimental: Carências de várias ordens nos relacionamentos de ordem sentimental poderão criar situações muito melindrosas que, se não forem bem geridas e esclarecidas, poderão chegar a situações de rutura.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo; no entanto, será aconselhável precaução em matéria de despesas. Poderão surgir dificuldades relacionadas com a crise atual.

Sentimental: Na área sentimental, no caso de ter par, evite choques, perfeitamente, desnecessários e que lhe poderão trazer algumas situações desagradáveis. Um diálogo aberto poderá resultar num maior entendimento do casal.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: O aspeto financeiro recomenda uma grande prudência em tudo o que forem despesas. Os investimentos não encontram, nesta fase, a altura mais adequada. Os seus negócios deverão merecer, da sua parte, a maior das atenções.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental passam por um período um pouco crítico e que, se não forem devidamente acautelados, poderão criar situações difíceis de ultrapassar.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Serão regulares; no entanto, seja prudente em matéria de despesas. Será um período pouco favorecido para iniciar negócios e investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco.

Sentimental: Na área amorosa seja realista e não crie situações artificiais. Poderão verificar-se alguns desentendimentos motivados por uma terceira pessoa à qual não devem dar atenção.

Cartoon





todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz
facebook.com/JornalVerdade



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias **d'Verdade** no telemóvel.
Envie um **SMS** para o número **8440404** com o texto
Siga verdademz

(Para deixar de receber envie **PARAR verdademz** para o mesmo número)

